



A AGRICULTURA QUE TRABALHA PELA VIDA

Página 10

QUAL O MELHOR TAMANHO DA COOPERATIVA?

Página 3

MENOS SOJA NA LAVOURA DE VERÃO

Página 6



O AZAR DE OUTRA SAFRA PERDIDA

Página 14

UMA ESTAÇÃO VAI AJUDAR A CRIAR PEIXE

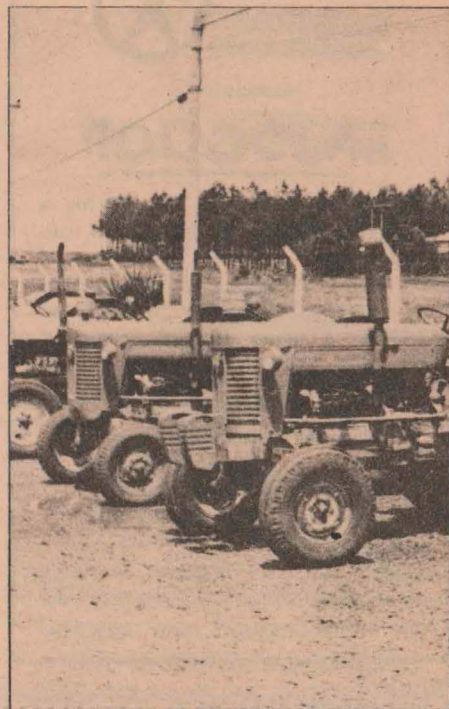
Última página

CRÉDITO EM DOSES MEDIDAS

Página 4

POUCA PROCURA SEGURA PREÇO DAS MÁQUINAS

Página 12



**COOPERATIVA REGIONAL
TRITICOLA SERRANA LTDA.**



Rua das Chácaras, 1513
Caixa Postal 111 - Ijuí, RS
Fone: PABX --(055) 332-2400
Telex: 0552199

CGC ICM 065/0007700
Inscr. INCRA Nº 248/73
CGC MF 90.726.506/0001-75

ADMINISTRAÇÃO

Diretoria Executiva
Presidente:
Ruben Ilgenfritz da Silva
Vice-presidente:
Arnaldo Oscar Drews
Superintendente:
Clóvis Adriano Farina

Diretores Contratados:

Euclides Casagrande, Nedy Rodrigues Borges, Oswaldo Olmiro Meotti, Valdir Zardin, Rui Polidoro Pinto, Bruno Eisele, Renato Borges de Medeiros.

Conselheiros (Efetivos)

Waldemar Michael, Walter Luiz Driemeyer, Arnaldo Hermann, Telmo Roverno Roos, Joaquim Librelotto Stefanello, Reinholdo Luiz Kommers.

Conselheiros (Suplentes)

Rodolfo Gonçalves Terra, Euclides Marino Gabbi, Constantino José Goi, Vicente Casarin, Ido Marx Weiller, Erni Schünemann.

Conselho Fiscal (Efetivos)

Antonio Bandeira, Rui Adelino Raguzzani, João Telló.

Conselho Fiscal (Suplentes)

José Carlos Vione, Antoninho Boiarski Lopes, Mário Hendges.

Capacidade em Armazenagem:

LOCAL	INSTALADA
Ijuí	164.000 t
Ajuricaba	33.000 t
Augusto Pestana	33.000 t
Chiapetta	60.000 t
Cel. Bicaco	40.000 t
Sto. Augusto - Sede	77.000 t
Sto. Augusto - Esq. Umbú	50.000 t
Ten. Portela	60.800 t
Jóia	67.000 t
Rio Grande	220.000 t
Dom Pedrito	45.000 t
Maracajú - Sede	65.000 t
Maracajú - Vista Alegre	17.000 t
Sidrolândia	52.000 t
Rio Brilhante	29.000 t
Dourados - Sede	82.000 t
Itaum (Dourados)	26.000 t
Indápolis (Dourados)	17.000 t
Douradina	17.000 t
Caarapó	17.000 t
Ponta Porã - Posto Guaíba	42.000 t
Itaporã - Montese	17.000 t
Campo Grande - Anhanduí	17.000 t
Aral Moreira - Tagi	17.000 t
Bonito	17.000 t

COTRIJORNAL

Órgão de circulação dirigida ao quadro social, autoridades, universidades e técnicos do setor, no país e exterior.

Nossa tiragem: 18.500 exemplares

Associado da ABERJE



Associado da



Registrado no Cartório de Títulos e Documentos do município de Ijuí, sob número 9.

Certificado de marca de propriedade industrial M/C11 número 022.775 de 13.11.73 e figurativa M/C11 número 022.776, de 13.11.73.

REDAÇÃO

Christina Brentano de Moraes
Dária C. Lemos de Brum Lucchese
Moisés dos Santos Mendes

Composto no Jornal da Manhã, em Ijuí, e impresso no Jornal do Comércio, em Porto Alegre.

Ao leitor

A área de plantio cresceu, o trigo frustrou. Esta relação mais uma vez voltou a acontecer, seguindo uma tendência verificada e comprovada nos últimos 10 anos no Rio Grande do Sul. Quando os agricultores ampliam suas lavouras, a produtividade sempre cai. E já no início da safra deste ano se começava a calcular os prejuízos. De julho em diante se tinha a certeza de que parte da produção estava comprometida por um inverno muito úmido e muito quente, criando condições favoráveis para o desenvolvimento de doenças que aniquilaram as lavouras.

Na área de ação da Cotrijuí na Região Pioneira a quebra na safra do trigo já chega a 70 por cento. Mas frustrou também a aveia, o centeio, a cevada, o alho. Em menor ou maior proporção, todo Rio Grande do Sul vai sofrer com o desastre de mais esta safra de inverno, acumulando prejuízos numa agricultura que já anda mal das pernas. Os azares desta safra são contados na matéria que está na página 14, onde se fala também da necessidade de uma mudança na política oficial para a agricultura, incentivando não só a lavoura do trigo, mas também outras culturas. De acordo com a posição da diretoria técnica da Cotrijuí só a rotação de culturas é que poderá assegurar, no futuro, a continuidade na produção do próprio trigo.

O aperto no crédito atingiu também os financiamentos de custeio. As verbas demoraram para ser liberadas, e houve muita discussão sobre este assunto durante os meses de setembro e outubro. As razões do arrocho e a forma de contornar um pouco a falta de dinheiro são o assunto da matéria que está na página 4.

Também por falta de crédito se está vivendo um momento completamente atípico no setor de maquinaria agrícola. Pela primeira vez, desde o início da modernização da lavoura, os preços das máquinas não acompanharam os índices da inflação. Mesmo assim, só está

Do leitor

O RASCUNHO QUER CONTATO

A Cooperativa de Estudantes de Santa Maria está com o ânimo totalmente renovado. A razão desta mudança foi a troca de diretoria. Temos gente nova tentando impulsionar e desenvolver o cooperativismo entre os estudantes universitários da nossa cidade. O Rascunho, órgão de divulgação da CESMA, também foi contagiado com as novas propostas e intenções da atual direção.

A equipe do Rascunho sabendo que os órgãos de comunicação de cooperativas aumentam diariamente em quantidade e qualidade, e que um jornal é mais uma contribuição ao desenvolvimento e divulgação da filosofia cooperativista, procura, de todas as formas, atingir o estudantado no sentido de que este se orgulhe e tome conhecimento da sua cooperativa.

Além disso a nova diretoria pretende manter um maior contato com outras cooperativas do Brasil. O Rascunho, ao que tudo indica, é ainda uma das melhores formas para alcançar este objetivo. Solicitamos, por outro lado, que - caso a sua cooperativa tenha um veículo de divulgação, este nos seja enviado, pois assim estaremos sabendo do que ocorre em termos cooperativistas. Além do jornal, gostaríamos de receber outras publicações que venham trazer ensinamentos, nas mais diversas áreas, aos associados que querem aprender.

NÉRI PEDROSO
Editora do Rascunho
Santa Maria - RS

comprando máquina que tem dinheiro para pagar à vista. A evolução dos preços e as comparações estão na página 12.

A proposta não é tão romântica e nem tão nova como muita gente pensa. Mas mesmo apresentando alternativas práticas de trabalho, a chamada agricultura biológica e biodinâmica ainda sofre uma série de contestações por parte de quem acredita mais na eficiência e garantia de produção que traz a tecnologia moderna. O que é esta agricultura biodinâmica, e a sua proposta de trabalhar a favor da vida, encarando a atividade agrícola não só como lucro, mas também como uma função de caráter social, é o assunto da matéria que está na página 10.

Hoje nos serve o tamanho da Cotrijuí, ou ela está grande demais para que os associados consigam entender e participar de toda sua estrutura? Este tipo de questão anda merecendo muita reflexão dentro da Cotrijuí, que optou pelo crescimento num momento completamente diferente daquele que a agricultura vive atualmente. A proposta de discutir este assunto - com a profundidade e clareza que merece - começa agora a aparecer. Isto é o que se conta na página 3.

Com a frustração da safra de inverno, crescem ainda mais as expectativas e esperanças nas safras de verão. Que rumo tomar? Esta pergunta que está na cabeça de todo produtor que começa a planejar sua lavoura. O certo, já se sabe, é que a área de plantio da soja deve ser menor, enquanto cresce o espaço tomado pelo milho. As perspectivas para as culturas de verão, e ainda o alerta para que os produtores planejem a sua produção levando em conta a sua propriedade como um todo, são o conteúdo da matéria que inicia na página 6. Confira e boa sorte. Isto é bem aquilo que todos precisamos.

O OVO DE COLOMBO

Recebemos na redação do Cotrijornal uma cópia de carta enviada ao técnico Otacílio Cunha, responsável pela elaboração de um projeto de secagem de grãos ensacados que foi tema de reportagem na edição do mês de setembro. O autor da carta é o agrônomo Jalcione Pereira de Almeida, responsável pela divisão de sementes da Cotrijuí, que faz algumas retificações sobre o conteúdo da matéria. Parte do que ele diz é o seguinte:

Lendo o "Cotrijornal" nº 98, do mês de setembro último, deparei-me com uma reportagem nas páginas 4 e 5 que parece ser de sua autoria.

Em primeiro lugar, quero parabenizá-lo por trabalhar incessantemente com secagem de grãos e sementes, área que, na COTRIJUI, não recebe a devida importância.

Quanto ao seu "invento", sem contestar os resultados positivos que o processo implica, gostaria de informá-lo que, há mais de 20 anos ele é usado e testado na maioria dos países do mundo, inclusive no Brasil. Em nosso país, este processo foi um dos primeiros a serem usados, somente não sendo mais primitivo que o processo de secagem por radiação solar. Antes mesmo de inventarem os grandes secadores, já se secava (ou aerava) grãos sob estas condições que agora é apresentada como "invento" por V.Sa.

Em viagem de estudos à Colômbia, nos meses de abril, maio e junho p.p., onde tive a oportunidade de participar de um curso sobre Tecnologia de Sementes, com várias aulas teórico-práticas em secagem de sementes, pude também constatar

o emprego deste sistema por parte de alguns produtores na secagem de semente. Afirmavam estes produtores não ser este um sistema muito eficiente, porque ocasionava muitas perdas de energia durante o processo. Usavam eles secagem de sementes por exaustão e/ou insuflação de ar, aquecido ou não, dependendo da umidade da semente.

Discordo também quando V.Sa. afirma que "os próprios produtores já encontram vantagem, pois não precisarão mais entregar a semente ensacada, ...". Para que isso possa efetivamente ocorrer, teríamos que ter uma estrutura bem mais adequada do que aquela que possuímos hoje, para receber as sementes. Calcule V.Sa., quantos ventiladores (e queimadores) seriam necessários para secar várias pilhas de soja ou trigo com mais ou menos 3.000 sacos cada uma. Qual seria a eficiência deste sistema neste caso?

Outro aspecto é que dificilmente se conseguiria classificar um lote de sementes úmidas sem danificá-lo durante o processo. Teríamos que receber as sementes pré-limpar, ensacar, secar, classificar e tornar a ensacá-las.

Com tudo isso, não quero aqui demeritar o trabalho que V.Sa., teve em adaptar este sistema para a COTRIJUI. Muito o louvo por tal empreendimento, somente gostaria, nesta oportunidade, contestar a afirmação de "invento", "ovo-de-colombo" e "de que este sistema irá resolver o problema de secagem em sementes na COTRIJUI". Mais temerário ainda é dar a entender ao produtor que, dentro de pouco tempo, ele poderá entregar a semente à granel e úmida.

REDISCUTIR O TAMANHO

Os tempos mudam e as necessidades também. Se na década de 70 os rumos tomados pela agricultura nos fizeram conhecer uma verdadeira explosão, em aumento de área, da lavoura de soja, a década de 80 aponta caminhos diferentes. É esta nova realidade que também está imprimindo um outro comportamento de quem atua no setor primário de produção. Há 10 anos atrás a Cotrijuí, por exemplo, vivia uma fase de investimentos, de construções de unidades e de armazéns para guardar as imensas quantias de soja e de trigo que se imaginava estarem definitivamente asseguradas a cada safra, a cada ano. Se uma reunião, que aconteceu agora no final de setembro, em Augusto Pestana, tivesse acontecido há 10 anos atrás, tudo o que se tratou dificilmente passaria pela cabeça da maioria dos participantes. A reunião era mais um dos encontros entre agricultores e a direção da cooperativa, onde se analisava a atuação da Cotrijuí nos seus 25 anos de trabalho. Se as coisas não tivessem mudado de uma década para a outra, como lembrou o presidente Ruben Ilgenfritz da Silva, "provavelmente na reunião de hoje nós estivéssemos falando em construir mais, em crescer mais, em expandir a Cooperativa".

Mas não foi nada disso que se tratou. O presidente Ruben já começou falando das dificuldades que todo setor agrícola enfrenta e da necessidade de buscar uma solução para o problema que não é exclusivamente nosso:

— É por isto que não estamos aqui discutindo a construção de mais um armazém, o que foi importante em determinada época, mas sim tentando discutir como manter aquilo que nós já temos.

ENTENDER O TAMANHO

De acordo com Ruben, todo crescimento da cooperativa precisa ser entendido pelo seu corpo social, mas isto foi se tornando difícil pelo próprio ritmo que foi adquirindo esta expansão:

— Na medida em que cresce, se torna mais difícil a participação do associado na Cooperativa, o entendimento desta estrutura toda. Não se pode tomar uma decisão que atenda só os interesses de Augusto Pestana, mas sim tentar refletir o que pode acontecer em Jóiá, em Ijuí, em Dom Pedrito, em todas as unidades, em todas as regiões.

A reunião em Augusto Pestana, dentro da idéia de aproveitar o ano em que a cooperativa completa os 25 anos para refletir sobre seu trabalho, acabou proporcionando o lançamento de uma proposta do presidente para se rediscutir exatamente o tamanho da Cooperativa:

UMA PROPOSTA

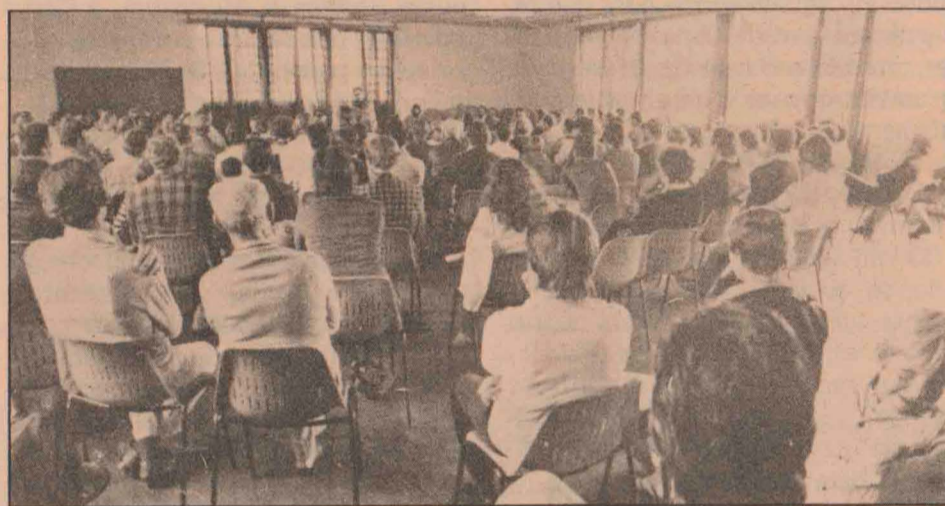
— Talvez seja necessário repensarmos a extensão da Cotrijuí, que chegou a Dom Pedrito, que alcançou o Mato Grosso do Sul. Quem

sabe este não é o momento de mudarmos a nossa estrutura? Não seria mais fácil entendermos toda estrutura se estivéssemos organizados em cooperativas singulares, uma na Região Pioneira, outra em Dom Pedrito e outra no Mato Grosso?

De acordo com a proposta de Ruben, a Cotrijuí se dividiria em três cooperativas, cada uma delas atuando de acordo com as características específicas de cada região. Coordenando todo o trabalho existiria uma Cooperativa Central, que poderia ficar encarregada de aspectos mais globais, como por exemplo a comercialização das safras:

— Para pensarmos nesta proposta, precisamos estar organizados, termos posições claras, passarmos a assumir as coisas, e não esperar que elas caiam do céu.

E esta proposta vale para a maioria dos associados da Cotrijuí? Enquanto não existir uma resposta para esta pergunta, toda questão fica exatamente reduzida a uma proposta, uma idéia lançada no ar. O assunto, de acordo com o presidente, deve ser bem entendido e amplamente discutido pela base.



A proposta de refletir o crescimento da Cooperativa foi apresentada em Augusto Pestana

Assistência odontológica paralisada por um tempo

O serviço de atendimento odontológico que a Cotrijuí vinha prestando a seus associados e funcionários, através do Departamento de Assistência Médica e Social, foi interrompido na segunda quinzena de outubro. Esta paralisação nas atividades do DAMS é temporária, e existe a intenção de reiniciar o serviço a partir do mês de janeiro do próximo ano.

Dois razões determinaram a interrupção do atendimento odontológico. A primeira prende-se aos altos custos desta assistência, especialmente no que diz respeito aos medicamentos necessários. De acordo com Rui Polidoro Pinto, diretor de Comunicação e Recursos Humanos, estes custos estariam forçando um reajuste nas taxas cobradas:

— Seria preciso realizarmos um aumento agora em novembro, e mais outro em janeiro, o que se mostrou impossível em função das dificuldades financeiras que o próprio quadro social está enfrentando depois de outra frustração de safra.

A outra razão desta paralisação temporária é a idéia de reestruturar todo o atendimento odontológico, inclusive providenciando na transferência dos gabinetes para o prédio da sede da Cooperativa. Diz Rui Polidoro:

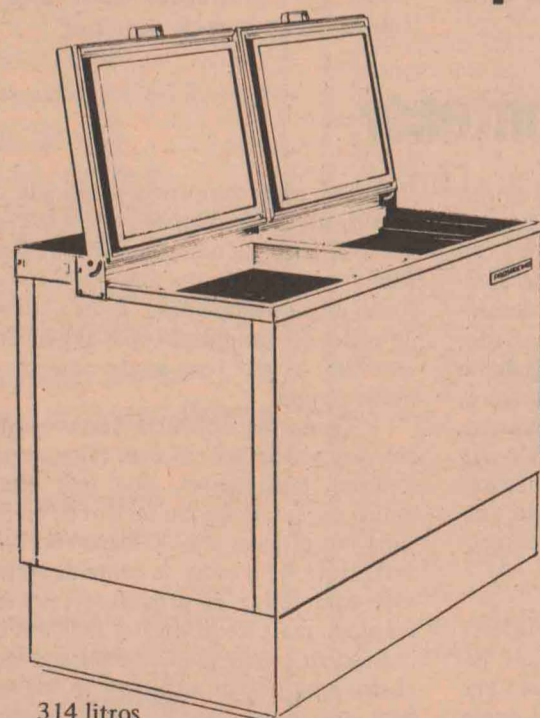
— A intenção é centralizarmos as atividades, facilitando inclusive a assistência para os associados. Já que eles vêm na Cooperativa, evitaremos que se desloquem para outro local, como vinha acontecendo enquanto o DAMS funcionava no prédio da Cotridata.

Na área de assistência ainda está sendo prevista uma rediscussão da atividade da Cotrijuí na área hospitalar. Durante o mês de novembro este assunto será debatido junto com os representantes eleitos das unidades, procurando definir uma nova proposta para este setor.

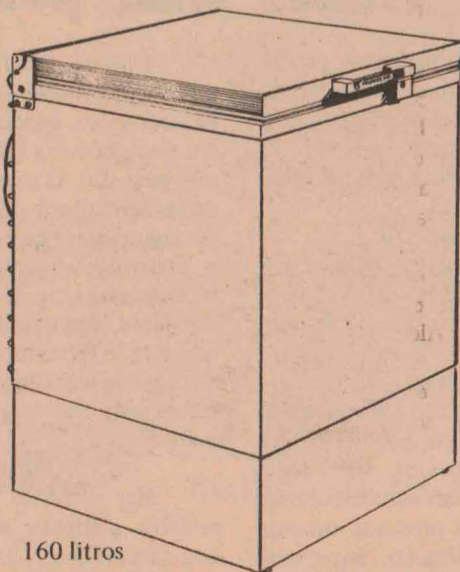
PROSDÓCIMO

REFRIGERAÇÃO
PARANA S.A.

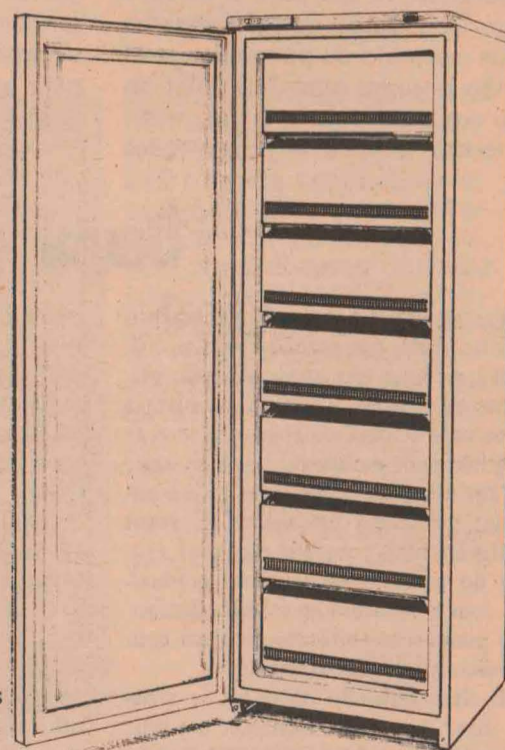
O primeiro congelador do Brasil:
fabricado desde 1957.



314 litros



160 litros



260 litros
Vertical

Estes e outros modelos de
Congeladores Prosdócimo
estão à venda nas Lojas Cotrijuí

O ARROCHO TAMBÉM NO CRÉDITO DE CUSTEIO

As dificuldades para a obtenção de recursos de custeio, que começaram a surgir quando da formação da lavoura de trigo deste ano, foram novamente enfrentadas pelos produtores, a partir de setembro, no momento em que começava a se encaminhar o plantio da soja. E desta vez a situação ficou ainda mais grave, porque o próprio governo passou a admitir a falta de dinheiro para atender as necessidades da agricultura e, ao mesmo tempo, confirmou muitas das mudanças que até então eram simples especulações na área do crédito rural.

A falta de verbas puxou uma série de boatos, porque os dirigentes de cooperativas e o próprio produtor tentavam enxergar um pouco mais além das dificuldades do momento. Mas, afora os comentários que às vezes não passaram de tentativas de adivinhação, muita coisa deixa bem claro que as limitações de recursos para custeio são o início de um quadro ainda mais desfavorável ao produtor. Este quadro ainda não está bem definido, mas se confirmam previsões anteriores, de que as mudanças são preocupantes, e chegam até a alarmar, segundo a Cotrijournal.

O CASO DE IJUÍ

A agência do Banco do Brasil em Ijuí, que conseguiu se safar dos problemas registrados quando do custeio do trigo, não pôde repetir o mesmo desempenho no momento de liberar as verbas para a lavoura de soja. A situação da agência serve bem de exemplo do panorama geral que não poupou nenhuma filial do Banco em todo o país, e que motivou tantas queixas e informações

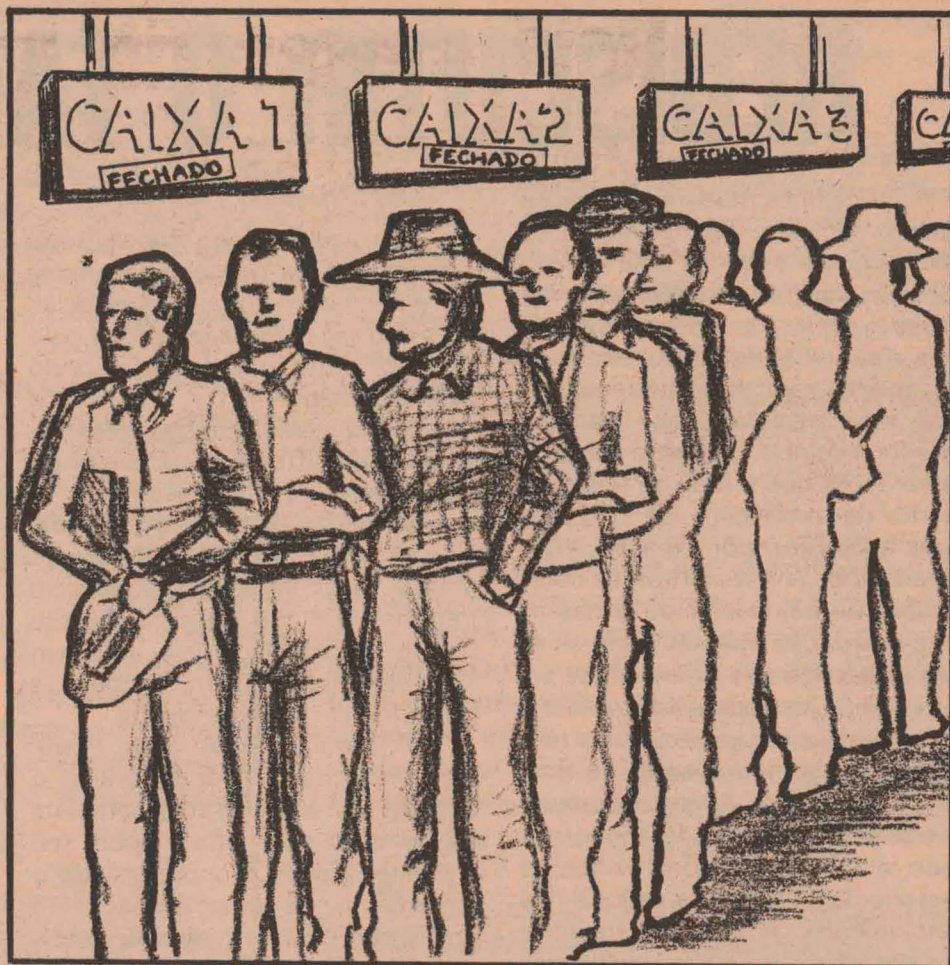
desencontradas (veja ao lado). No dia 4 de outubro, o gerente do Banco em Ijuí, Jorge Serpa, dizia que não havia conseguido atender pedidos de verbas que representavam 22 por cento da área a ser plantada no município, em Ajuricaba e Augusto Pestana.

Nestes três municípios, que estão sob jurisdição desta agência, o Banco havia previsto o plantio de 100 mil hectares de soja e milho, o que significava uma necessidade de mais ou menos 3 bilhões e 500 milhões de cruzeiros, desde o preparo da terra até a colheita. Quando começou a liberar a primeira parcela do custeio, a agência percebeu que isso não aconteceria com facilidade, pois faltavam verbas. Serpa aconselhou então os produtores não atendidos até aquela época, para que recorressem à rede bancária particular, porque o Banco do Brasil nada prometia quanto a uma possível suplementação de recursos.

SAIU COM ATRASO

Este volume de dinheiro, que garantia o plantio de 88 mil dos 100 mil hectares previstos, incluía não só as verbas liberadas diretamente pela agência, mas também o repasse através da Cotrijournal. Por falar em repasse, muitos produtores tiveram que aguardar um bom tempo, até que o Banco conseguisse dinheiro para atender às necessidades previstas pela Cooperativa. Tanto que só no dia 20 de outubro a agência liberou uma verba, que representava em torno de um terço das necessidades da primeira parcela, para que ninguém ficasse em repasse.

Esta liberação, no dia 20 de



outubro, aconteceu de fato com atraso, pois nos anos anteriores as verbas para plantio já haviam sido destinadas bem antes desta data. Para os três municípios (Ijuí, Augusto Pestana e Ajuricaba), a Cooperativa recebeu para repasse, na primeira parcela, Cr\$ 712 milhões que já estão com os produtores. Restam agora as parcelas restantes, pois o custeio será liberado, conforme o previsto, em três vezes, até a colheita.

Só para estas três unidades, a Cotrijournal irá precisar, em novembro, de Cr\$ 282 milhões, e ninguém deve ficar certo de que este dinheiro será liberado sem maiores problemas. O próprio gerente Jorge Serpa concorda que a liberação da segunda parcela representa mais um desafio, porque as verbas continuam limitadas. Ele conta com os retornos da safra de trigo, para que a agência possa ter um pouco mais de dinheiro em caixa. Mas será possível esperar algum retorno, por menor que seja, de uma safra frustrada?

IGUAL EM TODA PARTE

O atraso registrado em Ijuí e a previsão de que as duas parcelas restantes talvez não venham a ser liberadas conforme o programa, é só uma amostra desta situação. Em São Borja, na mesma época em que Serpa dizia não conseguir atender 22 por cento das necessidades da lavoura, em termos de área, a agência do Banco do Brasil do município informava que a limitação de verbas era pior ainda. Lá, 30 por cento dos produtores ainda não tinham visto dinheiro algum para preparar a terra e plantar.

Em Cruz Alta, a agência observava, na mesma época, que só os minis e pequenos produtores tinham recebido suas verbas, e em Santa Rosa o quadro era ainda mais grave, pois apenas 20 por cento dos pedidos de custeio haviam sido atendidos. Na zona do arroz, lá pela região da Fronteira, os obstáculos eram os mesmos. E fora do Estado nada era diferente, com alguma mudança apenas de detalhes.

Daqui para a frente tudo pode acontecer

Quem apostar num afrouxamento no crédito rural, por entender que as dificuldades de hoje são momentâneas, certamente irá perder. Com os problemas surgidos para custeio da soja, esta certeza ficou ainda mais enfatizada, pois se especulou em torno de quase tudo o que pode acontecer daqui pra diante. É assim que ninguém mais consegue esconder a intenção do governo de terminar gradualmente com o subsídio ao crédito, deixando aos poucos de conceder recursos com juros baixos para a agricultura.

É claro que não há quem se arrisque a dizer o que vai acontecer em seus mínimos detalhes, mas no geral o que se prevê é o fim do subsídio para os grandes produtores. Isso foi dito pelo ministro da Agricultura, Amaury Stábile, no final de outubro, e é reforçado por especialistas

nesta área. Os médios e pequenos produtores ainda continuariam com o benefício do subsídio, mas sem os privilégios existentes hoje. Isto quer dizer que os juros subirão, de qualquer forma, mas sem chegar a taxas muito elevadas.

INVESTIMENTOS

O governo não mais suporta os gastos com o subsídio, e além disso se convence de que o juro baixo para a agricultura é inflacionário. Há quem conteste isso, mas agora parece que tudo está decidido. Stábile já anuncia, por exemplo, que a agricultura receberá, em vez de crédito subsidiado para custeios, mais recursos para investimentos em infra-estrutura. Em síntese, o governo pretende investir em estradas, comercialização, armazenamento, eletrificação rural, pesquisa, irrigação.

Esta decisão faz com que se confirme outra previsão, feita durante um encontro sobre agricultura, que aconteceu em setembro em Ijuí (veja Cotrijournal do mês passado). O governo vai assim deixando a agricultura por conta do mercado, ou seja, prefere que o produtor se habilite a controlar custos e garantir maiores receitas, a partir de uma agricultura sem subsídios. Resumindo, o produtor é que terá que se virar, na hora de gastar menos, e comercializar sua safra sempre com a esperança de que os preços sejam compensadores.

COMPETIÇÃO

Mas como os pequenos produtores poderão competir neste mercado, se todos sabem que, para eles, fica cada vez mais difícil racionalizar custos? E quem assegura que os preços serão de fato su-

ficientes, para compensar a retirada dos subsídios? O que mais se prevê é que, numa economia de mercado, sem qualquer forma de proteção aos mais fracos, só os fortes é que sobreviverão. É uma questão de poder de competição, que os pequenos não têm, e isto vem sendo repetido há muito tempo.

Como consequência dessas mudanças, aos poucos acontecerão fatos novos e também importantes, que irão alterar muito do que se viu em termos de crédito rural nos últimos anos. O Banco do Brasil deixará de ser o caixa da conta da agricultura para todos os produtores; poderão ser ainda mais frequentes as filas dos que pretendem tomar financiamentos; e o dinheiro para o setor será, como o que se libera para outras áreas, uma mercadoria cara e assim mesmo disputada.

Dois meses de muitas notícias, expectativas e discussões

Nunca as autoridades da área financeira, os políticos, os dirigentes de cooperativas e os produtores falaram e ouviram falar tanto de crédito para custeio como agora. Afinal, até 1980 este crédito fazia parte de uma conta aberta, que liberava dinheiro à vontade. Com as limitações de recursos, o assunto passou a ser abordado sistematicamente pela imprensa, que pôde mostrar as muitas contradições existentes em torno da questão. Esta síntese abaixo dá uma idéia de como o assunto evoluiu, quase que aos trancos, em cima das informações divulgadas:

SETEMBRO

Dia 5: O presidente da Fecotriço, Jarbas Pires Machado, diz que a falta de recursos para custeio começa a alarmar os produtores. Em Brasília, corre a notícia de que o Banco Central vai autorizar a liberação de recursos suplementares de Cr\$ 10 milhões. As verbas são mesmo liberadas, mas não atendem às necessidades totais do Estado.

Dia 16: O ministro da Agricultura, Amaury Stábile, garante que o Banco do Brasil vai agilizar a liberação dos recursos para custeio. Segundo ele, o Banco estaria repassando, por dia, às suas agências em vários Estados, recursos da ordem de Cr\$ 5 bilhões. Esta agilização não acontece no Rio Grande do Sul, de acordo com a Fecotriço.

Dia 24: Políticos do Estado são informados, através de telex de Brasília, de que o Rio Grande do Sul, o Paraná e Santa Catarina seriam beneficiados com Cr\$ 110 milhões. A informação é dada

pelo ministro Ernane Galvêas, da Fazenda, e reforçada, em São Paulo, por Amaury Stábile, que pede a compreensão dos produtores.

OUTUBRO

Dia 1º: O vice-presidente da Fecotriço, Mário Kruei Guimarães, diz durante o 6º Encontro Estadual de Engenheiros Agrônomos, em Porto Alegre, que "a falta de recursos chega a assustar". Ele também comenta as notícias de que o subsídio ao crédito rural seria extinto no Brasil, e observa que não há exemplo disso no mundo. No mesmo encontro, os agrônomos levantam uma suspeita: estaria ocorrendo desvio de recursos do custeio para outras atividades.

Dia 4: Fiscais do Banco do Brasil começam a investigar, no Paraná, uma denúncia de que estaria ocorrendo falta de recursos para custeio naquele Estado em função do desvio de verbas. A denúncia foi feita pelo próprio secretário da Agricultura, Eugênio Stefanello. Segundo ele, o desvio ocorreu em função das liberalidades do Banco Central, que afrouxou, a partir do segundo semestre deste ano, com a circular 706, a liberação dos financiamentos na área do crédito rural. As fraudes envolveriam "bilhões de cruzeiros", mas ninguém fala em cifras.

Dia 5: O Banco Central libera as "listas negras", com nomes de produtores que não mais podem receber financiamentos, em função de fraudes apuradas em anos anteriores. O ministro Amaury Stábile admite que, apesar da fiscalização, o desvio de recursos sempre ocorre, mas

sem que se transformem "numa prática generalizada". No mesmo dia, a Fecotriço envia telex a Brasília protestando contra "as informações desencontradas" a respeito de promessas sobre a liberação de recursos. Também no dia 5, o Banco Central anuncia que as parcelas de custeio de novembro e dezembro serão antecipadas aos produtores ainda em outubro.

Dia 6: O Ministro Stábile diz que há falta de dinheiro para custeios em função de problemas ocorridos em setembro, com "o ajuste de caixa dos bancos". Ele promete a liberação de Cr\$ 220 bilhões, dizendo que este volume de recursos será suficiente para desafogar o crédito rural.

Dia 7: Em Brasília, é anunciado que os médios e grandes produtores poderão recorrer à rede particular de bancos, para solicitar financiamento integral da lavoura, e não apenas recursos que cubram a parte (30 ou 50 por cento) deixada a descoberto pelo crédito subsidiado. Mas a informação não explica se os bancos particulares concederiam financiamentos a juros de 45 por cento ou a juros de mercado, que têm taxas de mais de 100 por cento.

Dia 8: A destinação de Cr\$ 40 bilhões, para custeio das lavouras do Sul do país, é anunciada em manchete pelos jornais, segundo informação que teria sido dada em Brasília pelo diretor do Banco Central, Osvaldo Collin, ao governador Amaral de Souza. Só o Rio Grande do Sul precisaria na época, como complementação, de Cr\$ 50 bilhões.

Dia 11: Os grandes produtores, que não solicitaram custeio ao Banco do Bra-

sil até setembro, devem recorrer, a partir de então, à rede privada de bancos. A decisão é transmitida pelo ministro da Agricultura, meio de surpresa. O presidente da Fecotriço, Jarbas Machado, analisa a medida e já prevê, como conseqüência, uma redução de até 10 por cento na lavoura de soja no Estado.

Dia 14: O presidente Figueiredo envia ao Congresso um pedido de autorização para emissão de dinheiro. São Cr\$. . . 420 bilhões, dos quais Cr\$ 250 teriam destinação à agricultura. A medida reflete, segundo os entendidos, o quadro de dificuldades para que o governo consiga custear a lavoura, e é criticada, por ser considerada inflacionária. Emissão de moeda quer dizer "fabricação" de dinheiro. Nesse caso, são mais Cr\$ 420 bilhões em circulação.

Dia 15: Uma "alta fonte do governo" diz que já estão em estudo as modificações no crédito rural, mas não fala no fim do subsídio. Comenta-se em Brasília a alternativa das cooperativas de crédito, como forma de garantir recursos aos produtores, segundo a mesma fonte, que não é identificada. Ela também garante que as mudanças nessa área deverão ser "graduais".

Até o final de outubro, notícias como estas se repetiram, quase que diariamente, com a Fecotriço solicitando recursos em nome das Cooperativas, e em Brasília as autoridades anunciando a liberação de recursos suplementares, e confirmando ou desmentindo boatos que não permitem nenhuma ponta de otimismo quando ao futuro para os produtores.

TERRAS A VENDA

A Cotrijuí dispõe para venda terras no município de Diamantino (MT), Chapada dos Parecís, entre os rios Sapezi e Água Quente ou Burití. Terras com escritura definitiva fornecida pelo Instituto de Terras do Mato Grosso (Intermat). Os interessados devem procurar maiores informações junto às gerências das nossas unidades.

Use o sistema aplique-plante no plantio direto ou convencional da soja.

O plantio da soja na época certa é um dos fatores mais importantes para se conseguir maior produção por área. Com HERBADOX você consegue plantar toda sua soja na época certa. Você aplica o HERBADOX antes do plantio por trator ou avião, ele fica na superfície do solo esperando você plantar toda a sua soja na época ideal. É só aplicar e plantar. HERBADOX pode ser usado neste sistema Aplique-Plante tanto no plantio direto da soja como no plantio convencional. HERBADOX não depende da chuva para ser eficiente. HERBADOX é

Herbadox garante o resultado.



Com Herbadox não tem marmelada.

mais eficiente que os outros herbicidas usados na soja. HERBADOX controla melhor o capim marmelada ou papuã e muitas outras ervas daninhas de folhas estreitas, bem como diversas de folhas largas. HERBADOX é de total segurança para o aplicador e para a cultura. HERBADOX não deixa resíduos no solo, não prejudicando a cultura posterior. HERBADOX é versátil podendo ser usado também nas culturas do trigo, arroz, algodão, feijão, milho, café, etc.

HERBADOX
500E herbicida

CYANAMID
Cyanamid Química do Brasil Ltda.

BLEMCO

* Marca de Indústria e Comércio

QUE RUMO TOMAR?

As previsões indicam como quase certa uma redução por volta de 10 a 15 por cento na área de soja do Estado para a próxima safra, como consequência do atraso nas liberações de crédito para a formação da lavoura e também em decorrência dos preços cada vez menos compensadores. Esta redução também já era esperada em razão da quebra da última safra, dos resultados obtidos pelos produtores na comercialização do produto e do VBC fixado pelo Governo, considerado insuficiente para a formação da lavoura. Mas o atraso na liberação do crédito de custeio só veio agravar a situação, e se persistir essa quebra, acredita-se que o Rio Grande do Sul possa perder, numa só safra, de 300 a 400 mil hectares de área de soja.

A situação é tão crítica que o próprio produtor não está sabendo direito o rumo a tomar. Os custos de formação de qualquer lavoura, seja de milho, de soja, de feijão, de arroz, são altíssimos, e os preços na

da compensadores. O certo mesmo é que a área de soja vai ser reduzida para dar lugar a outras culturas de verão, ou até mesmo outras atividades.

A orientação do Departamento Agrotécnico da Cotrijuí, quando se fala em área de soja, é de muita cautela. "Parece que o ciclo da soja no Rio Grande do Sul está chegando ao fim, e o próprio preço do produto está demonstrando isso", reconhece o agrônomo Rivaldo Dhein. Em termos de ocupação ideal do solo, o Departamento entende que é preciso ser levada em conta a necessidade de uma redução na área cultivada com a soja, para dar lugar a outras culturas de verão, como o milho, por exemplo, ou até mesmo o plantio de forrageiras, para que mais tarde possibilitem a implantação de uma outra atividade na propriedade.

DE FORMA GLOBAL

O João Valmir Cezimbra Lo-

pes e Ênio José Facco, do Departamento de Estudos Econômicos da Cotrijuí, entendem que o produtor precisa visualizar a sua propriedade de uma forma global, procurando reinvestir todas as pequenas sobras em melhorias, possibilitando, de uma forma ou de outra, a introdução e o desenvolvimento de novas atividades.

VOLTA ÀS ORIGENS

"A pecuária, de corte ou de leite", segundo o agrônomo Jalcione Pereira de Almeida, "é uma boa alternativa, mas que precisa ser introduzida aos poucos, dados os investimentos que se fazem necessários". Os resultados, na opinião do Jalcione, não precisam ser a curto prazo. "Se o produtor não puder produzir carne ou leite nos primeiros anos, ele pode produzir sementes das forrageiras implantadas, o que também é uma opção econômica viável".

Sem pregar um retrocesso, o

Jalcione de Almeida garante que a viabilização do mini e do pequeno produtor está numa volta às origens, à agricultura de subsistência, sem deixar de cultivar o trigo e a soja, mas partindo para um processo de rotação de culturas, abrangendo o sistema integrado lavoura/pecuária. "Nesse sistema integrado", garante o Facco, "onde a propriedade é vista como um todo, o produtor terá condições de produzir com menos custos, porque uma atividade viabilizará a outra, com a utilização racional das sobras". Essa é a única saída vista pelo Facco: produzir com menor custo possível, para que no final da cultura o produtor possa obter algum benefício.

Os custos, as estimativas de plantio, as perspectivas de mercado para as principais culturas de verão podem dar uma idéia ao produtor do que fazer na próxima safra, auxiliando-o na tomada de decisões.

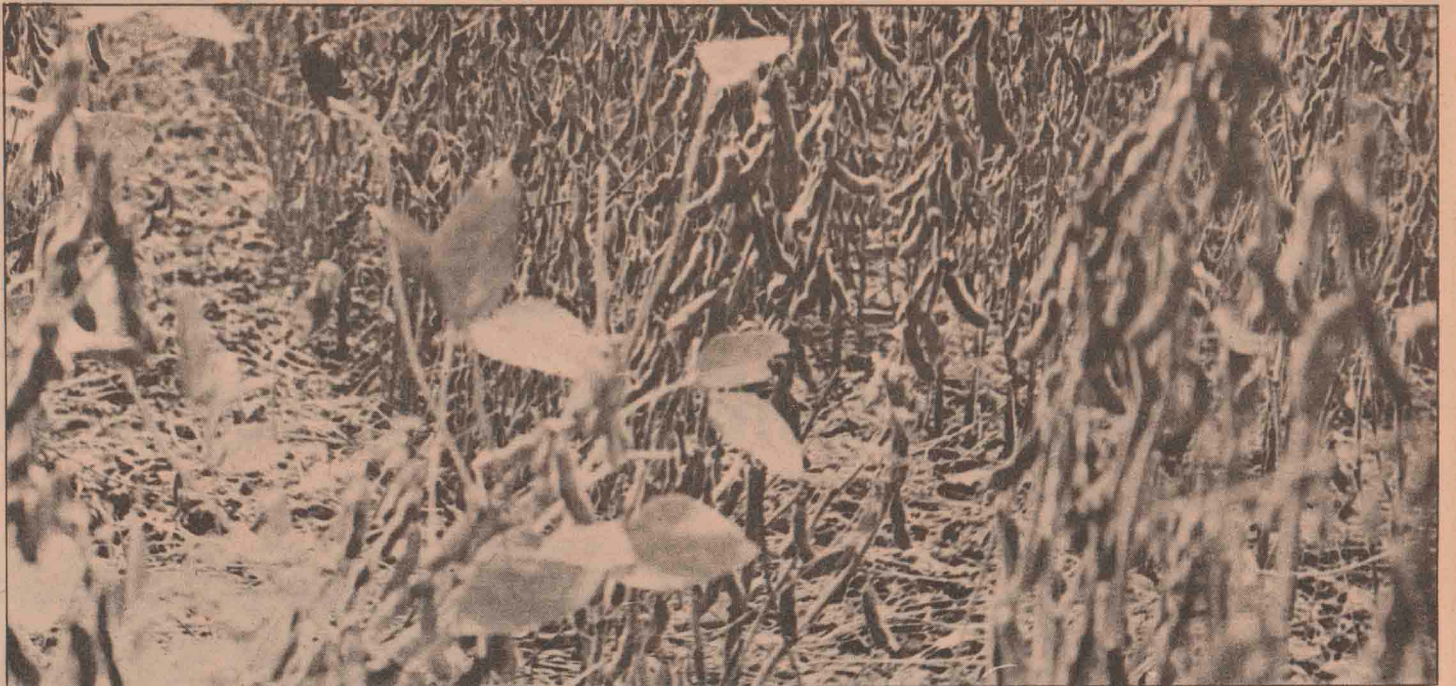
Mercado e custos forçam redução na soja

Considerada uma das culturas mais atraentes dos últimos anos, trazendo para si grandes incentivos por parte do governo, a soja a partir de 1979 começou a dar espaço para outras culturas. Desde a sua implantação no Brasil, já perdeu mais de 500 mil hectares. Em 79/80, a área plantada era de 8,7 milhões de hectares, passando na safra seguinte para 8,4 milhões e na safra 81/82, para 8,2 milhões de hectares. A produção também andou caindo, e em muito. Na safra 79/80 o Brasil colheu 15,1 milhões de toneladas; 14,9 milhões na safra 80/81 e 12,8 milhões de toneladas na safra passada.

Na Região Pioneira da Cotrijuí, de 78 para cá, a soja já perdeu quase 20 mil hectares. Em 78 a área foi de 325.671 hectares, com uma produtividade média de 720 quilos por hectare; em 79 a área reduziu para 319.617 hectares com produtividade de 1.573 quilos por hectare; em 80, 303.747 hectares, com produtividade de 1.607 quilos por hectare e em 81 306.500 hectares e uma produtividade média de 1.185 quilos por hectare. A estimativa de área para esta safra (Região Pioneira) é de 292.500 hectares (a variação de redução é de 4,57 por cento). No Mato Grosso, na safra passada foram plantados 566.600 hectares de soja, com um rendimento médio de 1.634 quilos por hectare. Para a próxima safra estima-se uma área de 590.000 hectares. Em Dom Pedrito a área pode chegar a 20 mil hectares.

CUSTO MAIS ALTO

Se a área de plantio vem sendo reduzida aos poucos, dando lugar a outras culturas, até mesmo para aquelas consideradas de subsistência, o custo de produção da lavoura vem crescendo de ano para ano. O aumento no custo de produção da safra passada para a que ainda vai ser plantada, está sendo calculado em 183,93 por cento. Dados do Departamento de Estudos Econômicos da Cotrijuí mostram



O custo de produção da soja sofrerá um aumento calculado em 183,93 por cento

em quanto aumentou desde 78 a formação de um hectare de soja. Em 1978, para formar um hectare de soja, o produtor precisou de Cr\$ 4.818,00; em 79 ele gastou Cr\$ 7.550,49; em 80 Cr\$ 19.019,61; em 81 Cr\$ 38.983,44 e em 82 esse custo com a formação de um hectare de soja será de Cr\$ 110.687,14. Considerando esse valor para a formação de um hectare, um saco de soja de 60 quilos custará ao produtor Cr\$ 3.598,00, isso se a produtividade média ficar em 1.800 quilos por hectare. Para que o produtor tenha os 30 por cento de lucratividade a que faz jus, o preço de venda de um saco de soja deveria ficar em Cr\$ 4.713,00. Já se sabe que o preço básico, a ser reajustado em janeiro pelo INPC, no máximo chegará aos Cr\$ 2.520,00. Um aumento neste preço vai depender das condições de mercado.

Já se sabe, porém, que o produtor, quase nada tem a esperar do mercado, pois não é nenhuma novidade que os ame-

ricanos esperam fazer outra grande safra. O Júlio Rosa, da Cotriexport, em Porto Alegre, garante que as cotações para o mercado internacional na próxima safra dependerão das proporções da safra brasileira, da situação de crédito no mundo inteiro e da situação política do leste da Europa:

— Não queremos dizer com isto que uma redução na área é uma atitude benéfica ao preço do produto, mas não deixa de ser um fator positivo ou negativo de grande influência na hora da formação do preço.

SITUAÇÃO MUNDIAL

A soja produzida no Rio Grande do Sul tem a seu favor o grande número de indústrias gaúchas que atuam no beneficiamento da matéria-prima produzida. Mas é talvez a situação financeira mundial o fator decisivo para o menor desenvolvimento do mercado, pois "os países euro-

peus, grandes compradores de soja, reduziram consideravelmente suas compras devido a falta de recursos", explica o Júlio. Outro aspecto que o Júlio Rosa garante que precisa ser levado em conta é a situação política no leste europeu, principalmente na Polônia e no Afeganistão, sob a intervenção soviética. "A situação polonesa, por causa da dívida do país, e os problemas do Afeganistão, já abalaram o mercado, como o caso do embargo de cereais à Rússia pelos Estados Unidos".

A Cotrijuí continuará recebendo o produto a preço médio e preço do dia. "Estamos esperando o início do plantio", explica o Ênio Weber, do Departamento de Comercialização da Cooperativa, "e ter uma idéia do que o produtor vai decidir em termos de lavoura de soja, para comermos a operar com preço futuro. Por enquanto ainda não temos nada certo".

Feijão é lavoura exigente



O preço mínimo pode chegar a Cr\$ 7.541,00

A América Latina é a principal região produtora de feijão do mundo, e o Brasil é o maior produtor, seguido do México. Em 1980 a produção brasileira ficou em 1.968.894 toneladas, com um rendimento médio de 542 quilos/hectare. Em 81, a produção ultrapassou a dois milhões de toneladas. Apesar de principal produtor, o Brasil é um grande importador de feijão, para poder atender as necessidades do mercado interno.

Exigente em condições de clima e solo, o feijão pode ficar com sua produção comprometida se durante a floração a temperatura superar os 25 graus, ocasionando o abortamento das flores. A ocorrência de ventos fortes e frios prejudica o feijoeiro. O excesso de umidade, aliada a temperaturas elevadas, favorece o surgimento de moléstias, como antracnose e a podridão bacteriana. Requer solo permeável com bom teor de matéria orgânica. Os solos compactados devem ser evitados. A adubação de correção, manutenção e cobertura deve ser feita de acordo com a análise do solo. A aplicação de nitrogênio em cobertura não deve passar de 20, ou no máximo 25 dias, após a emergência das plantas. A aplicação de adubo orgânico é uma prática recomendada, já que cria as condições necessárias para que os fertilizantes minerais alcancem maior eficiência.

As variedades mais recomendadas para o cultivo no Rio Grande do Sul, são: Turrialba 4, Rio Tibagi, Maquiné, Guateian 6662, Rico 23 e Carioca. Uma das práticas fundamentais no feijoeiro é o controle de invasoras, que deve ser feito através de capinas.

A época ideal para a semeadura da "safrinha" vai de 20 de janeiro a 20 de fevereiro, bem no momento em que ocorrer umidade suficiente para a germinação.

CUSTO DE PRODUÇÃO

O custo de produção da cultura do feijão deverá ficar em torno de Cr\$. 187.532,00 por hectare. Considerando

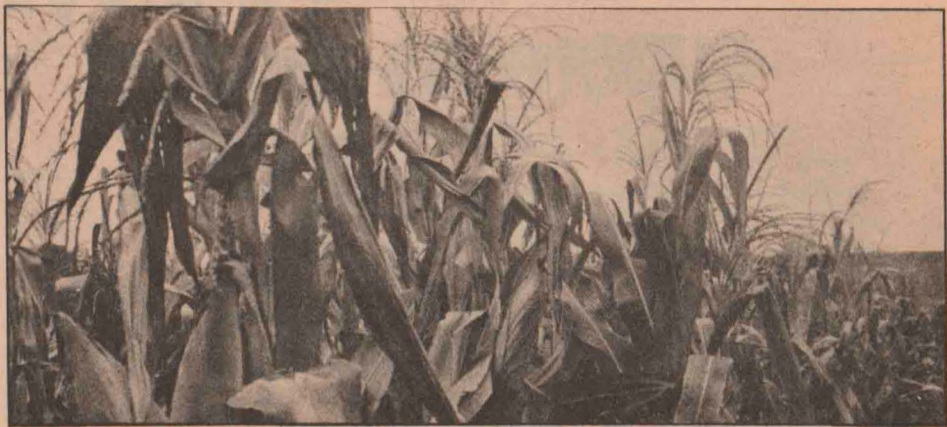
uma produtividade média de 900 quilos por hectare, o custo de produção de um saco de 60 quilos será de Cr\$ 12.502,00. Para que o produtor obtenha alguma remuneração (sempre colocando em cima os 30 por cento de lucratividade), o preço de venda de um saco de 60 quilos deveria ser de Cr\$ 15.992,00 só que desde agora já se sabe que o preço básico estipulado pelo Governo, e que será reajustado em novembro pelo INPC, mal chegará próximo a Cr\$ 7.541,00.

A área de plantio da primeira safra na Região Pioneira não deverá ultrapassar os 1.920 hectares, com uma produtividade média estimada em 800 a 900 quilos por hectare. No Mato Grosso, acredita-se que a área de feijão das águas passe dos 2.600 hectares (área da safra passada), para 3.000 hectares.

Como houve um incremento muito grande para a produção de feijão, e o consumo continuou baixo por causa do preço muito alto à nível de consumidor, muito produto ficou estocado. Tanto que o próprio Governo se viu obrigado a subsidiar o produto ao consumidor em mais de 50 por cento. Devido a sua importância na alimentação (como fonte de proteína vegetal), o feijão deve continuar sendo cultivado, nem que seja só para o consumo da casa.

A Cotrijuí continua recebendo o produto a preço médio e depósito.

Aumenta a área de milho



A área de milho deve crescer, mesmo com poucas perspectivas de mercado

A cultura do milho é bastante exigente em termos de água e temperatura, principalmente entre os 15 dias antes e os 15 dias depois do "pendoamento". Apresenta uma produtividade satisfatória em qualquer tipo de solo, mas os técnicos garantem que uma boa produção só vai acontecer mesmo em solos com boas características físicas e químicas, sem problemas de encharcamento, bem drenados, livres de acidez e bom nível de fertilidade.

Para a próxima safra, segundo cálculos realizados pelo Departamento de Estudos Econômicos da Cotrijuí, estima-se um custo de produção por volta de Cr\$ 2.105,00 por cada saco produzido, isso levando em conta uma produtividade média de três mil quilos por hectare. Colocando os 30 por cento de lucratividade sobre este custo, a que tem direito o produtor, um saco de milho deveria ser vendido por Cr\$ 2.670,00. O preço estipulado pelo governo, que até janeiro estará corrigido pelo INPC, deverá ficar por volta de Cr\$ 1.950,00. O custo da lavoura por hectare passou em 81 de Cr\$. 57.613,17 para Cr\$ 115.740,58, em 82. A variação do aumento foi de 100,89 por cento de um ano para o outro.

A ÁREA CRESCE

A área de milho vem crescendo bastante nos últimos anos. Na safra 80/81 a área plantada com milho foi de 73.640 hectares, com uma produtividade média por volta de 2.950 quilos. Para a próxima safra, a estimativa de área para a Região Pioneira é de 74 mil hectares. No Mato Grosso, acredita-se que a área de

milho passe de 44.200 hectares (safra passada), para 55.800 hectares.

Os "milhos híbridos" têm sido os mais recomendados, por apresentarem maior potencial de produção. Isso não quer dizer, porém, que alguns milhos crioulos também não alcancem boa produtividade. A densidade de semeadura é de 6 a 8 sementes por metro linear, com um espaçamento variável de 80 centímetros a um metro entre linhas. Essa densidade de semeadura vai proporcionar ao final do ciclo da cultura uma população média de 50 mil plantas por hectare.

Como existe a estimativa de uma produção nacional em torno de 22 milhões de toneladas de milho, não dá pra esperar muita coisa do preço. É quase certo que este valor não vai ficar muito além do preço básico, o que não dá para cobrir o custo. Além da safra cheia que está sendo prevista, também contribui para a baixa nos preços a parada na exportação de frangos. Os países árabes, grandes importadores, deixaram de comprar aves, e o Brasil está com um grande estoque de frangos congelados. A suinocultura também não está ajudando no consumo interno de milho. A Cotrijuí continua recebendo milho a preço do dia e a preço médio.

Apesar de tudo, a cultura do milho é uma boa alternativa para a lavoura de verão, oferecendo ao produtor maior segurança e estabilidade, com relativa facilidade de colocação no mercado. Acima de tudo é considerada uma cultura de subsistência, que deve ser utilizada na propriedade para o consumo caseiro.

Saber comprar também é poupar

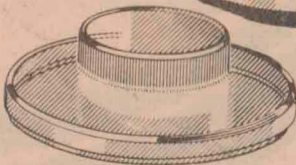
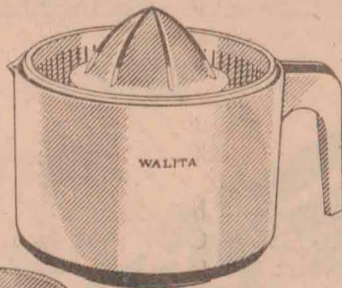
Liquidificador Walita Polivalente - LS

- Moderníssimo desenho.
- Novo motor. Avançados recursos. Incomparável rendimento.
- Ultra-rápido. Oito velocidades. Controle deslizante. Painel digital.
- Novo copo "Longa-Vida" 2 litros. O mais resistente e anatômico.
- Fio embutível. Uma exclusividade que facilita o trabalho, a limpeza e até para guardar.
- Lindas cores.



Espremedor Walita

- Apresentação moderna, avançada.
- Funcionamento automático. Só funciona sob pressão.
- Recipiente especial, com alça, para coleta de suco.
- O único que reúne essas características.
- Rápido. Excelente rendimento.
- Aproveita todo o suco da fruta.
- Fácil limpeza. Acompanha tampa de proteção.



Batedeira Walita - Topa-Tudo

- Topa qualquer massa. Moderníssima. Muito leve.
- Controle de velocidade deslizante. Potente motor.
- Fácil regulagem da altura dos batedores.
- Acompanham duas resistentes tigelas.
- Batedores ejetáveis. Soltam-se num toque de botão.
- Batedores para massas leves e espiralados para massas pesadas.
- Lindas cores.

Compre **WALITA** nas Lojas Cotrijuí
Produtos Honestos

Só no arroz o preço supera os custos

O arroz é a única cultura de verão que deverá ter seu custo de produção coberto pelo preço mínimo. O arroz produzido com irrigação natural deverá alcançar um custo de Cr\$ 2.103,20 para cada saco de 50 quilos, considerando uma média de produtividade de 4.500 quilos por hectare. Até janeiro, o preço mínimo já reajustado de acordo com o INPC (Índice Nacional de Preços ao Consumidor), poderá alcançar o valor de Cr\$ 2.660,00. Isto fica pouca coisa acima dos cálculos do Departamento de Estudos Econômicos da Cotrijuí, que determinou um preço necessário de Cr\$ 2.653,00 pelo saco para que o produtor conseguisse algum lucro com a lavoura.

Para quem produz arroz de sequeiro, como é o caso dos associados do Mato Grosso do Sul e mesmo da Região Pioneira, o produto deverá deixar uma margem ainda maior de lucratividade. Seu custo de produção, segundo os cálculos do Departamento de Estudos Econômicos, vai ficar em Cr\$ 1.877,00 por cada saco de 50 quilos, considerando uma produtividade média de 2.000 quilos por hectare. Para ter lucro, o produtor deveria receber pelo menos Cr\$ 2.408,00 pelo saco de arroz de sequeiro.

É bem possível que até a colheita o preço do arroz chegue mesmo a ultrapassar os valores básicos estipulados pelo Governo. Nem por isto, entre-

tanto, o produtor deve comemorar com antecedência, como se pode concluir pelo que diz Paulo Vianna, da Cotrijuí, em Porto Alegre:

— O produtor precisa ficar alerta para outros fatores alheios a sua vontade, e que podem influenciar no achatamento do preço, como a importação de arroz de outros países e a formação de um estoque regulador por parte do Governo.

ARROZ IRRIGADO

De um modo geral o arroz irrigado, produzido basicamente apenas em Dom Pedrito, dentro das regiões da Cotrijuí, comporta-se bem quando a temperatura média ficar entre 15 e 33 graus. Temperaturas mais baixas ou mais altas do que isto provocam um atraso no processo de crescimento e uma redução no número de perfilhos.

Os melhores solos são aqueles que possuem condições físicas capazes de manter a inundação da lavoura durante o seu ciclo. Normalmente usa-se apenas adubação de manutenção — na base de 200 quilos por hectare — já que os solos são cultivados por um período máximo de um a três anos, deixando a área em repouso ou então utilizando-a para a pecuária. Se constatada a necessidade de adubação de cobertura, a recomendação dos técnicos é a aplicação de 20 a 60 quilos de nitrogênio por

hectare, isto quando a aplicação for realizada numa única dose. Em dose dividida, deve-se aplicar metade desta quantidade aos 35 dias após o nascimento e os 50 por cento restantes logo no início da diferenciação do primórdio floral.

É aconselhável optar por aquelas variedades das quais já se tenha algum conhecimento. As variedades americanas ou modernas não devem ser usadas em plantios consecutivos, pois estas terras velhas já estão inçadas e com baixa fertilidade. As cultivares que vêm despertando o maior interesse entre os produtores são a "Blue belle", que tem grande tradição e credibilidade, e a BR/IRGA-409, pelo seu alto índice de produtividade alcançado nas duas últimas safras.

Na unidade de Dom Pedrito, o recebimento de arroz na safra passada foi de 980 mil, cultivados numa área que anda por volta de 28 mil hectares. O rendimento médio é de 80 sacos por hectare.

ARROZ DE SEQUEIRO

Um dos grandes problemas que limita a produção de arroz de sequeiro no Mato Grosso do Sul é o período de verão, onde não está existindo um regime regular de chuvas no período de janeiro a março. O plantio começa em agosto e vai até novembro, coincidindo com os meses de verão a fase mais crítica de desenvolvimen-



Até a colheita, o arroz pode alcançar preço melhor que o mínimo oficial

to da planta. A densidade de semeadura recomendada deve ficar de 36 a 72 sementes por metro linear, respectivamente para as variedades de ciclo médio e de ciclo curto, com 30 a 60 centímetros de espaçamento entre as linhas.

Espera-se uma redução bem significativa na área de plantio de arroz no Mato Grosso do Sul, caindo dos 107 mil hectares da safra passada para 80 mil nesta safra. O rendimento médio, por hectare, chegou ao 1.063 quilos em 1981.

Na Região Pioneira também deverá acontecer uma redução na área de arroz. Ela cai de 1.680 hectares no ano passado para 1.580 nesta safra, dos quais cerca de 15 por cento já estão semeados.

A Cotrijuí recebe arroz somente a preço médio.

A resistência do sorgo

O sorgo é uma planta fácil de ser cultivada e que resiste muito melhor às estiagens do que o milho. Se adapta muito bem em solos semelhantes ao do milho, embora tolere melhor solos com menos fertilidade e mais umidade.

A melhor época de semeadura do sorgo na região de Dom Pedrito é pelo fim do mês de outubro e mês de novembro. Exige uma semeadura bem feita, com 20 a 25 sementes por metro linear, num espaçamento variável de 60 a 80 centímetros entre linhas, para que no final do ciclo alcance uma população média de 200 mil plantas por hectare.

O custo de produção para a próxima safra deverá ficar em torno de Cr\$ 1.877,00 por cada saco produzido, considerando uma produtividade de 4.000 quilos por hectare. Para o produtor cobrir todos os custos e ainda tirar algum lucro, o saco de sorgo deverá ser vendido a Cr\$ 2.408,00. O preço básico estipulado pelo governo nem vai chegar a tanto, ficando até janeiro por volta de Cr\$ 1.600,00. As perspectivas de mercado para a próxima safra não garantem nada além do preço mínimo para o sorgo, por ser uma cultura ainda pouco difundida, substituindo o milho só quando existe falta deste produto no mercado. É justamente pelos problemas de mercado e pelo preço nada compensador que na Região de Dom Pedrito o pessoal vai plantar menos sorgo na próxima safra. A estimativa de área fica entre 2.500 a 3.000 hectares, contra os 5.600 hectares plantados na última safra, e um rendimento médio de 3.000 a 4.000 quilos por hectare.

Pelo Mato Grosso o sorgo já está sendo colhido, apresentando um rendimento médio de 730 quilos por hectare, o que representa uma quebra em torno de 65 por cento sobre a estimativa inicial de 2.125 quilos por hectare. A área de sorgo no Mato Grosso é de 4.168 hectares. E o plantio acontece em duas épocas do ano, outubro e fevereiro.

Tintas Luxforde garantem o bom acabamento de qualquer pintura, tanto de interiores como de exteriores. Tintas a óleo, latex e esmalte sintético.



Procure Tintas Luxforde numa das Lojas Cotrijuí

LUXFORDE

OXFORD TINTAS E VERNIZES LTDA.
Uma empresa do Grupo BERGER

As forrageiras asseguram produção de leite, carne e sementes

A produção de sementes de forrageiras, para atender um mercado cada vez mais exigente e em crescimento constante, tem se constituído numa atividade bem rentável à nível de produtor. O mercado para sementes de forrageiras apresenta-se bastante favorável ao milho, ao capim pânico, a alfafa e ao capim guenoaro. A rentabilidade e até a lucratividade com a atividade vai depender, em muito, do uso de semente de boa qualidade, além

da escolha adequada das espécies e ao manejo correto dos animais nas pastagens.

Além da produção de sementes, as forrageiras, desempenham papel fundamental na integração lavoura/pecuária, contribuindo em muito para o desenvolvimento da pecuária leiteira na região. Elas são também a base de sustentação para a pecuária de corte, não só de bovinos, como também de suínos e ovinos.



As forrageiras são a base de sustentação da pecuária

MILHETO OU CAPIM ITALIANO

Forrageira que se adapta às condições de clima e solo das regiões do Planalto Médio e Missões do Rio Grande e também em algumas regiões do Mato Grosso do Sul, é também responsável pelo crescimento da pecuária leiteira na Região Pioneira da Cotrijuí, proporcionando alimentação nos períodos de primavera, verão e início do outono. Não apresenta problemas de toxidez e é uma forrageira de porte alto, resistente às secas. A época de semeadura é na primavera até fins de novembro, usando 25 quilos de semente por hectare. Também pode ser feita em fevereiro, para assegurar pastagens no outono. Ele exige temperaturas mais elevadas (acima de 15°C) para germinar bem.

O milho é excelente produtor de sementes, chegando a render, na Região Pioneira, até 800 quilos por hectare. Na última safra, devido a seca, o milho foi quase todo absorvido na produção de carne e leite. Pouca coisa ficou para semente o que levou algumas firmas a importarem milho da África (que também não produziu bem). Por causa da falta de semente em todo o país, o preço, que no início era de Cr\$ 30,00 o quilo, saltou para Cr\$ 200,00. A tendência para esta safra, vai depender da produção. Se houver um crescimento, o preço do milho até poderá retomar seu nível normal. Se houver falta, a tendência é subir ainda mais.

CAPIM PÂNICO

Uma forrageira perene que se adapta em muitas regiões do Brasil. No inverno até que suporta bem as geadas. O rebrote aparece no início da primavera. É muito utilizada na pecuária leiteira, apresentando ganhos médios de peso que atingem 800 gramas/dia durante o ciclo de produção. A semeadura vai de setembro a novembro, usando em torno de seis a oito quilos de semente por hectare. Para a produção de semente, recomenda-se a retirada total dos animais no início do mês de fevereiro. A média de rendimento tem sido de 100 quilos de semente por hectare. O preço de adiantamento estimado para esta safra é de Cr\$ 500,00 por quilo.

CAPIM SETÁRIA

Gramínea com ciclo na primavera verão outono, com dormência no inverno. É resistente às secas e geadas. Suporta bem solos úmidos. Tem boa palatabilidade e alto valor nutritivo. A densidade de semeadura é de seis a oito quilos por hectare. O plantio vai de setembro a novembro. O manejo mais adequado não permite o rebaixamento da folhagem a alturas inferiores a 10 centímetros. A produção de sementes fica, em média, entre 80 a 100 quilos por hectare. O preço adiantamento por quilo, estimado para esta safra, é de Cr\$ 600,00.

CAPIM PENSACOLA

Bastante resistente ao pisoteio dos animais, esta gramínea não exige tantos cuidados de manejo. A melhor época de semeadura é em março-abril, podendo também ser semeada na primavera, usando sempre 20 quilos de semente por hectare. Para a produção de sementes, recomenda-se retirar os animais em início de fevereiro, dar um corte para emparelhamento, seguido de uma aplicação de adubo nitrogenado. A tendência de preço de adiantamento por quilo produzido é de Cr\$ 150,00.

CAPIM GUENOARO

Resistente ao frio e às secas. Na Região do Planalto Médio, tem produzido massa verde durante o inverno. Nativa do sul do Brasil, Paraguai e Argentina é adaptável ao clima e solo, mas exigente em fertilidade, não tolerando solos muito úmidos. A semeadura pode ser feita em março-abril e primavera, usando 15 quilos de semente por hectare. A produção de sementes pode chegar até 1.000 quilos por hectare, dependendo do método e da maquinaria empregada na colheita. A estimativa de preço é de Cr\$ 500,00 o quilo.

FEIJÃO-MIÚDO

Leguminosa anual, de elevado valor nutritivo e muito apreciada pelo gado. Produz bem em quase todos os tipos de solos. A semeadura pode ser feita de setembro a janeiro, usando-se em torno de 70 quilos por hectare. Se a pastagem for consorciada, usar de 40 a 50 quilos por hectare. O aproveitamento pode ser feito em cortes, pastoreio e feno, consorciado com milho, milho e sorgos forrageiros. Produz ótima silagem e excelente pastagem para consumo direto. É considerada uma das melhores culturas para adubação verde. O preço de adiantamento estimado para esta safra poderá chegar até Cr\$ 90,00 o quilo.

LAB-LAB
Requer boa umidade durante todo o ciclo e não resiste às geadas e tampouco tolera solos mal drenados. Semeia-se de outubro a janeiro, usando-se 30 quilos de semente

por hectare. O aproveitamento do lab-lab pode ser feito para corte, pastejo e feno. É excelente silagem, quando consorciada com o milho e o sorgo. A tendência de preço para a próxima safra é de Cr\$ 90,00 por quilo.

ALFAFA

É bastante exigente em fertilidade, e os solos devem ser ricos em matéria orgânica. Na região do Planalto Médio e Missões a alfafa chega a produzir 12 toneladas de feno por hectare/ano e até 400 quilos de sementes. A melhor época de semeadura é no outono, mas pode-se semear na primavera, desde que sejam controladas as invasoras. Usa-se 15 quilos de

semente por hectare. A produtividade média de semente na Região Pioneira fica em torno de 150 quilos por hectare.

A seca do ano passado beneficiou a produção de semente de alfafa de ótima qualidade, a ponto de que a Cotrijuí, acostumada a receber todos os anos pouco mais de mil quilos, se viu obrigada a receber mais de 11 mil quilos. O excesso de produção ocasionou uma retração no mercado, mas a cooperativa aproveitou a situação e reforçou seu estoque de semente, já que não é todo o ano que a alfafa se comporta tão bem. A estimativa de preço para a próxima safra fica em Cr\$... 1.000,00 o quilo.

OLYMPIKUS

Cooper

Qualidade

azaléia

O tênis para quem quer andar e correr pisando no macio.

Venha conhecer o tênis da Azaléia numa das Lojas Cotrijuí.

UM NOVO COMPORTAMENTO NA LUTA A FAVOR DA VIDA

"Vamos espalhar esta discussão tanto quanto for possível, como uma febre pelo país afora". Esta frase resume o entusiasmo do paranaense Ralf Rickli, um especialista em agricultura biodinâmica, que vem se somando aos ainda poucos mas empolgados defensores de uma completa transformação na produção agrícola brasileira. A biodinâmica é uma área mais específica da agricultura biológica, e envolve não só algumas práticas que dispensam venenos químicos como representa uma postura, um comportamento crítico diante de tudo que é malefício trazido pela modernização.

A discussão de que fala Rickli é o debate que vai esclarecendo muitas dúvidas e, ao mesmo tempo, provocando algumas controvérsias em torno dessa nova proposta. Ele é secretário do Centro Brasileiro para Agricultura Biodinâmica, e mora em Guarapuava, no Paraná, de onde se encarrega de difundir uma idéia que leva em conta a natureza, que deixa de lado o uso de defensivos e propõe, enfim, uma atividade agrícola que não considere apenas o lucro, mas também sua importância social.

Esta conversa, que os agricultores ainda meio que desconhecem, já começa, contudo, a se espalhar mesmo como uma febre, pelo menos entre os técnicos. Por enquanto, o assunto é visto com certa desconfiança, especialmente entre os defensores da agricultura moderna, pois para eles tudo isso não passa de

romantismo. Afinal, de que forma a agricultura pode, por exemplo, desprezar os venenos que combatem pragas, o adubo que aumenta a produtividade e outras tais conquistas do progresso?

UMA CRENÇA?

Mas nem tudo pode ser rebatido assim de forma tão simples. Segundo Rickli, a agricultura biológica não pode ser tratada "como uma crença ou uma esperança, pois ela já é um fato comprovado". Esta nova agricultura na verdade não é tão nova assim como idéia, e se utiliza de várias técnicas diferentes, mas sempre a partir de um núcleo comum, um ponto central. A agricultura biodinâmica pode ser chamada como um ramo da agricultura biológica mais aperfeiçoado, que envolve uma série de coisas.

Este conjunto de técnicas é que, junto com um novo comportamento do produtor e do pessoal que cuida da assistência às lavouras, pretende alterar o sistema de produção. "A falência da agricultura tecnocrômica (moderna) é hoje um fato comprovado e científico", diz Ralf Rickli. Esta agricultura — afirma ele — se baseia em teorias do século passado, hoje desprezadas, porque não oferece retornos sociais satisfatórios. Isso quer dizer que nem todos, ou melhor, poucos são realmente os beneficiados pela tal modernização.

Está provado, por exemplo, que o uso excessivo de fertilizantes

químicos solúveis é responsável pela menor resistência das plantas às pragas. Assim também acontece no caso dos defensivos, pois a dependência cria um círculo vicioso, em que a lavoura passa a depender sempre mais de "medicação", quanto maior for a incidência de doenças. Há várias décadas, segundo ele, foram feitos experimentos controlados para comparações entre agricultura orgânica, química e mista, na Inglaterra, sem que os resultados disso tenham sido muito divulgados.

INTERESSES

Acontece que estes experimentos mostraram que a agricultura orgânica pura apresentou melhores resultados em termos de rendimento e qualidade. Além do descrédito proposital que "os interesses econômicos tentam jogar sobre a agricultura biológica", para que trabalhos como estes não sejam muito difundidos, Rickli cita outros fatores que impedem a propagação da idéia. A agricultura biológica exige mão-de-obra, "e essa hoje sumiu dos campos, está vivendo miseravelmente nas periferias das cidades".

A transformação proposta exige acompanhamento da atividade, e isso pode acontecer com êxito em pequenas áreas, apesar de algumas tentativas mais ou menos sucedidas em grandes propriedades. O que ocorre — resalta ele — é que na realidade "não se pode pensar em reforma agrícola sem considerar o modelo econômico". Para sintetizar

ainda mais esta proposta, ele resume tudo numa frase: "O ecológico inclui sempre o humano". E acrescenta:

— Não estamos lutando contra ninguém, e sim a favor da vida e de certos ideais. Nos interessa construir alternativas viáveis já, agora mesmo. A conscientização de que podemos fazer algo, no meio de circunstâncias desfavoráveis, é fundamental.

DEMONSTRAÇÃO

O paranaense defende, entre outras formas de difusão dessas idéias, a criação de centros de demonstração, para que as propostas possam ser discutidas a partir da prática. Na Europa, há sítios e hortas aos milhares que só utilizam a agricultura orgânica, e em várias outras partes do mundo este exemplo vai sendo seguido. Cada povo tem, na verdade, seu sistema próprio de agricultura, mas são poucos os que resistem à modernização ou às interferências de quem se propõe a "aperfeiçoá-lo".

Rickli acredita que, apesar de estar dentro de um contexto, de toda uma estrutura que deve levar em conta o próprio modelo econômico, a agricultura biológica deve encontrar algumas brechas para ser propagada. "Não podemos esquecer o lado oficial, devemos pressioná-lo para que preste atenção ao que estamos demonstrando". Assim é que ele espera que um dia se deixe de dar "apoio incondicional à indústria química, como se faz hoje". Para ele, esta é, aliás, uma questão que deve ser melhor analisada:

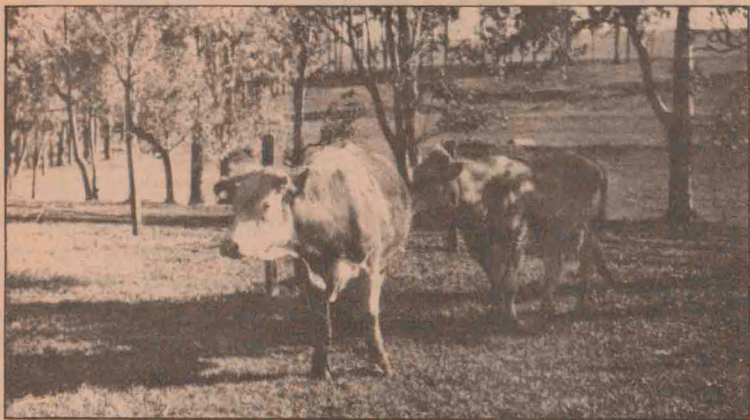
— A gravidade da propaganda imoral e criminoso, em torno dos produtos químicos, ainda não foi devidamente enfatizada. Ela não só está contribuindo para destruir os sistemas de agricultura tradicionais, como está tornando o agricultor e toda a nossa economia dependentes de uma coisa que não funciona. Esta é uma bomba-de-tempo, que pode provocar a degeneração genética de toda a espécie humana.

O que Ralf questiona são as reais vantagens da modernização, considerando não só seus efeitos imediatos. Os efeitos negativos dos venenos, que ficam geralmente em cima da divulgação de intoxicações, vão bem mais longe. Ele assegura que estes produtos são responsáveis pelo câncer dos intestinos (a terceira doença que mais mata no Brasil) e pela esterilidade de 10 por cento dos americanos. Estes seriam, segundo o paranaense, apenas exemplos de problemas que surgem agora. O que poderá acontecer mais adiante, se a agricultura continuar consumindo produtos químicos indiscriminadamente?



Ralf: na agricultura biológica, até os pássaros são importantes

Simples práticas que reforçam uma proposta



É preciso também introduzir animais na propriedade

É claro que a agricultura orgânica não vai, de repente, ser a salvação de quem produz e quem consome alimentos. Mas algumas práticas podem ser utilizadas aos poucos, para que esta proposta vá se consolidando, segundo Ralf Rickli. O que pode ser feito não representa, afinal, muita inovação, e requer bem mais do que a vontade de quem se dispõe a se ver livre de tudo o que foi ensinado como certo nestes últimos anos. Há toda uma dependência atrás dos tais insumos e técnicas modernas, como reconhece ele. Mas as observações abaixo podem contribuir para que o assunto evolua na zona da soja e do trigo:

● Além da adubação orgânica, todas as práticas de conservação do solo são importantes. O plantio direto deve ser feito sem herbicidas, sempre que possível.

● A policultura ou diversificação de culturas é fundamental. É preciso introduzir não só plantas, mas também animais na propriedade. Na Europa, uma rotação biodinâmica inclui leguminosas e raízes como nabos forrageiras variados durante cinco anos, mais três anos de pastagens (gramínea e trevo). Mas tudo depende das condições locais e, é claro, de fatores econômicos, como mercado.

● As áreas para rotação devem ser pequenas, e de preferência com bons matos, com faixas de quebra-vento que, ao mesmo tempo, podem abrigar a fauna, os animais. Os pássaros são fundamentais para o controle de pragas, e geralmente não causam prejuízos à lavoura se contam com frutas em abundância nos matos. "O pouco que comerem será como pagamento", diz Rickli.

● Maquinaria pesada não combina de forma alguma com agricultura biodinâmica, pois compromete a estrutura do solo. Pequenos tratores são aceitáveis. É claro que não se pretende voltar ao arado tradicional, mas já há máquinas mais eficientes e que não exigem tanto do animal e do

produtor na hora de preparar a terra.

● A propriedade deve ser vista como um todo. A unidade agrícola deve, portanto, se manter o mais possível por si própria, dependendo o mínimo de recursos de fora.

● A agricultura biodinâmica leva em conta também algumas pesquisas em outras frentes, como os ciclos astronômicos. O agricultor tradicional sabe da importância da lua, e o biodinâmico aperfeiçoa estes conhecimentos, através de estudos científicos. Mas esta é uma área que não chega a ser tão prioritária.

● Em Botucatu (São Paulo), a Estância Demétria foi responsável pela introdução da agricultura biodinâmica no Brasil. Ela produz verduras para Botucatu e São Paulo, além de ervas medicinais e leite. Há também no Brasil iniciativas mais novas, na área de grãos e gado de corte, com bons resultados.

● A agricultura biológica deve ser pensada como uma idéia, que se complementa com um conjunto de práticas. É a partir destas práticas que a consciência de que deve ocorrer mudanças pode evoluir. Por isso, pouco resolve introduzir apenas alguma coisa de agricultura orgânica, numa "agricultura velha", segundo Rickli. É preciso ir mais longe e ter o desejo de transformar as formas de produção. Isso não quer dizer que as mudanças não possam acontecer aos poucos.

● A agricultura biodinâmica foi proposta no início deste século, lá por 1924, pelo austríaco Rudolf Steiner, e não é portanto uma coisa nova. Foi ele que, já naquela época, levantou um assunto hoje na moda, ou seja, uma agricultura sem produtos químicos, que respeite a natureza, quem produz e quem consome. Mesmo que seus seguidores sejam considerados românticos, eles não podem, pelo menos, ser acusados de materialistas ou místicos, segundo Rickli. São apenas realistas, pois "sem mudanças radicais na área agrícola, nem precisaremos de bomba para produzir o caos".

A contestação dos "químicos"

A adubação orgânica puxa qualquer debate em torno de agricultura biológica, pois esta é uma prática elementar para quem pretende se dedicar à lavoura menos dependente de insumos modernos. Mas há quem conteste muitos dos argumentos utilizados pelos naturalistas ou ecologistas, entre estes os de que a adubação química é poluidora e responsável por muitos danos à natureza.

O agrônomo Rivaldo Dhein, responsável pela coordenação da área de solos na Cotrijuí, selecionou algumas observações feitas por pesquisadores americanos, que defendem a adubação química, apesar de reconhecerem os benefícios dos fertilizantes orgânicos.

As opiniões, sintetizadas abaixo, abordam conclusões técnicas, sem analisar outras implicações, como a dependência criada pelos químicos, os aspectos econômicos e políticos desta dependência e os outros lados desta questão:

● A adubação química é responsável pela produção de maiores quantidades de material e resíduos orgânicos. Dizem ainda os pesquisadores que os fertilizantes químicos tendem a provocar um aumento do número de bactérias e minhocas no solo. Eles contestam assim os que dizem que os químicos provocam a eliminação de micro-organismos, que são importantes para que se mantenha a fertilidade da terra. (Curtis Overdahl, da Universidade de Minnesota).

● A maioria dos resíduos disponíveis para os agricultores são tão pobres em nitrogênio, que os organismos do solo necessitam da maior parte do nitrogênio do solo, para que se multipliquem e decomponham (façam apodrecer) o material orgânico adicionado. Isto provoca uma deficiência

temporária de nitrogênio para as culturas. Uma tonelada de serragem ou palha fornece apenas de um e meio a 2 quilos de nitrogênio, e na tonelada de esterco fresco de vaca, somente de 5 a 6 quilos. (Robert Carolus, da Universidade de Michigan).

● Não só o nitrogênio mas também o fósforo e potássio, quando absorvidos pelas plantas, estão sob forma inorgânica, independente da forma como foram aplicados. Isso quer dizer que a adubação orgânica tem, no momento em que começa a fertilizar a lavoura, as mesmas características dos adubos químicos. (S. C. Wizzans, de Vermont.)

● A matéria orgânica libera o nitrogênio lentamente, durante o desenvolvimento das culturas. Já os fertilizantes químicos colocam o nitrogênio imediatamente à disposição da planta. A vantagem está no fato de que o adubo químico pode ser aplicado num momento de grande necessidade da planta, porque atua rapidamente. (Sam Aldrich, da Junta de Controle à Poluição de Illinois.)

● Resultados de pesquisas desenvolvidas há vários anos mostram que os adubos químicos ricos em nitrogênio fizeram com que as lavouras de trigo, produzissem, em média, seis por cento a mais que as áreas adubadas com 28 toneladas de esterco de curral por hectare. (Robert Carolus).

● Análises de solos, feitas durante 80 anos, revelam uma queda de 50 por cento nos teores de matéria orgânica, em áreas adubadas apenas com leguminosas e estrume. Quando um solo perde um por cento do teor de matéria orgânica, ele está perdendo mil quilos de nitrogênio por hectare, em sua superfície, ou seja, na camada de 15 a 18 centímetros. (George Smith, do Centro de Pesquisas de Recursos Hídricos de Missouri.)



Roupas profissionais e esportivas

Moldes especiais para a exata adequação das roupas. Completa liberdade de movimentos, o máximo do conforto e todos os detalhes imprescindíveis a uma boa linha de confecções.

Confira a qualidade das confecções Arcal numa das Lojas Cotrijuí.



SURPRESA: PREÇO DAS MÁQUINAS SUBIU MENOS QUE A INFLAÇÃO

Se apenas o preço à vista das máquinas e implementos fosse levado em conta, este deveria ser o melhor ano para se investir na mecanização da lavoura. Um levantamento do Departamento de Estudos Econômicos da Cotrijuí é que leva a esta conclusão, com base em dados que chegam a ser surpreendentes. O levantamento mostra que o maquinário agrícola teve aumentos de preços com índices abaixo da inflação este ano, e permite que se avalie também a situação das indústrias do setor, que se vêem na obrigação de deixar os equipamentos mais baratos, para que as vendas não caiam ainda mais.

O Departamento levantou dados de janeiro e dezembro de 81, e de junho de 82, para que pudesse lidar com compara-

ções. A automotriz, o trator, o arado, a grade, a semeadeira e outros equipamentos, num total de 15 itens, são levados em conta neste trabalho, que mostra um aumento médio de 149,72 por cento nos preços destes produtos no ano passado. A inflação, em 81, ficou em 95,1 por cento, segundo os índices apurados pelos órgãos oficiais.

A média da inflação no ano passado, ao mês, foi de 7,92 por cento, enquanto que o aumento médio mensal dos preços das máquinas e implementos chegou a 12,47 por cento. Este ano, no entanto, a inflação, que ficou bem abaixo dos preços dos equipamentos em 81, está com índices acima dos valores levantados. É claro que o trabalho leva em conta os

dados de dezembro de 81 a junho de 82, e não de janeiro de 82 a junho de 82, mas isso não prejudica a análise.

Considerando-se a evolução dos preços das máquinas, a partir de dezembro, o aumento acumulado até junho deste ano é de 41,69 por cento. A inflação, no mesmo período, ficou por sua vez em 46,60 por cento. A média mensal da inflação foi de 6,65 por cento, e a média do aumento das máquinas de 5,95 por cento. A conclusão mais espantosa é a de que o aumento dos preços nos 12 meses do ano passado é mais de três vezes superior ao do reajuste de preços acumulado de dezembro de 81 a junho de 82, ou seja 149,72 por cento, contra os 41,69 por cento.

O levantamento está, na verdade, cheio de surpresas (veja na tabela abaixo). O trator Valmet 88 ID, que teve um aumento de 217,20 por cento em 81, está com reajuste acumulado de apenas 22,13 por cento de dezembro de 81 a junho deste ano. A grade Goble Imasa, que havia sido aumentada em 158,66 por cento no ano passado, figura agora com um aumento de somente 20,28 por cento. A tabela mostra que somente a automotriz Massey Ferguson e a grade niveladora Imasa apresentam tendência de aumento de preço com percentuais superiores aos de 1981.

O tecnólogo Luis Juliani, que coordenou este trabalho, destaca que o arado subsolador é o implemento que apresenta o maior índice de aumento até junho, com 74,02 por cento, mas isso pode ser explicado. Acontece que, depois de muito debate em torno da situação do solo, que está bastante compactado, aumentaram bastante as vendas de subsolador. A tabela revela ainda que a grade Goble de 14 discos fica até então com o menor aumento, de 20,28 por cento.

É certo que os reajustes dos preços à vista são quase insignificantes, se comparados aos do ano passado e anos anteriores. Mas isso não quer dizer que comprar máquinas e implementos tenha, de repente, se transformado num bom negócio. O produtor sabe que precisa considerar o fato de que, na hora de comprar, terá que recorrer a empréstimos com juros de mais de 100 por cento ao ano, pois não há dinheiro do crédito rural para investimentos. Com dinheiro tão caro, qualquer maquinário financiado fica com o valor de seu preço à vista multiplicado por mais de 10 vezes, no caso da amortização do financiamento ocorrer em cinco anos.

MÁQUINAS/EQUIPAMENTOS	JANEIRO/81	DEZEMBRO/81	% DE AUMENTO-jan/81 a dez/81	JUNHO/82	% DE AUMENTO-dez/81 a junho/82
Automotriz M Fergusson 3640 - 12 pés	2.124.000,00	4.255.000,00	100,33	6.914.256,00	62,50
Trator M Fergusson 265	737.105,00	1.924.560,00	161,10	2.687.100,00	39,62
Trator Valmet 88 ID	635.000,00	2.014.200,00	217,20	2.460.000,00	22,13
Arado de discos Rogowski - 4 discos 26"	212.400,00	554.000,00	160,83	Não fabricado	-
Arado subsolador Imasa - 5 ferros	37.500,00	120.100,00	220,27	209.000,00	74,02
Grade Goble Imasa - 14 discos 26"	118.300,00	306.000,00	158,66	433.000,00	20,28
Grade Niveladora Imasa - 24 discos 20"	117.810,00	222.050,00	88,48	343.000,00	54,47
Semeadeira adubadeira Sem Rival - 13 lin	285.260,00	446.350,00	56,47	565.000,00	26,58
Pulverizador Jacto PJ 600 litros	87.514,00	249.000,00	184,53	352.000,00	41,37
Atomizador Jacto AJ 300 litros	74.600,00	236.000,00	216,35	349.000,00	47,88
Arado terraceador Imasa - 2 discos	55.000,00	142.500,00	159,09	199.700,00	40,14
Distribuidor calcário Imasa - 1000 kg	52.800,00	117.000,00	121,59	167.000,00	42,74
Carreta agrícola Campeã - 5 toneladas	Sem informação	Sem informação	-	197.885,00	-
Capinadeira Mecânica	49.950,00	104.300,00	108,81	127.726,00	22,45
Tanque combustível Imasa	60.720,00	147.150,00	142,34	217.470,00	47,79
MÉDIA	-	-	149,72	-	41,69

Fonte: GERÊNCIA DE PLANEJAMENTO E PROJETOS - GEPLAN
Departamento de Estudos Econômicos - DEE

Comprove você mesmo o que a pesquisa já provou.

Com Hipertofato CRA você colhe mais lucros.

O Hipertofato CRA é a melhor maneira de você ver sua produção aumentar. E seus lucros crescerem. Testes comparativos com outros fosfatos comprovaram que o Hipertofato CRA apresenta os melhores resultados, em todos os tipos de culturas, podendo até mesmo ser comparado aos fosfatos solúveis em água. Comprove você também a qualidade do Hipertofato CRA.

Adubos CRA fazem a terra boa.



ADUBOS CRA

A Cotrijuí também vende Adubos CRA

Tentativa de recuperar as vendas

"Se fôssemos manter os preços reais dos implementos, não estaríamos vendendo quase nada". Assim o diretor-administrativo da Imasa de Ijuí, Ludwig Reichardt Filho, admite que os preços do maquinário agrícola estão de fato sendo achatados. Ele relembra aspectos da crise que o setor enfrenta desde 1976 (veja Cotrijornal de março último), para ressaltar que a situação se mantém quase inalterada nos últimos anos, quanto às perspectivas de recuperação nas vendas, em função de uma série de fatores.

O conjunto de obstáculos para as indústrias inclui, por exemplo, as restrições de crédito para investimentos, as safras frustradas, a descapitalização do produtor. Com um mercado que foi ficando restrito, as fábricas começaram a exercer uma "concorrência predatória", como diz Reichardt Filho. Nessa concorrência, vale a lei do mais forte ou do mais com-

petente. É assim que algumas indústrias vão definhando e outras fecham suas portas, como tem acontecido no Rio Grande do Sul.

Forçar uma queda na evolução dos preços é uma das saídas, para que a crise não se agrave, a isto a Imasa vem fazendo. Hoje, a indústria deveria, segundo seu diretor, operar com preços em média 30 por cento superiores aos atuais, para que os implementos que fabrica tivessem preços reais. A Imasa já reduziu, nesses últimos anos, seu número de funcionários, e vem realizando cortes nos custos administrativos e financeiros, até com a demissão de funcionários "caros" e o mínimo possível de tomada de empréstimos.

NUVENS NEGRAS

A situação pode não ser boa, mas também não é tão ruim como parece, segundo Arthur Schmidt, diretor da Itrasa de Ijuí, revendedora de tratores

Ford e de colheitadeiras Ideal. Números fornecidos pela empresa mostram que os dois modelos de tratores da Ford tiveram em média um aumento mensal de preço de 10,11 por cento, durante o ano passado. De dezembro de 81 a junho deste ano, as mesmas máquinas ficaram com um reajuste médio mensal bem inferior ao do ano passado, ou seja 7,14 por cento.

Mas Arthur Schmidt assegura que, a partir do início do

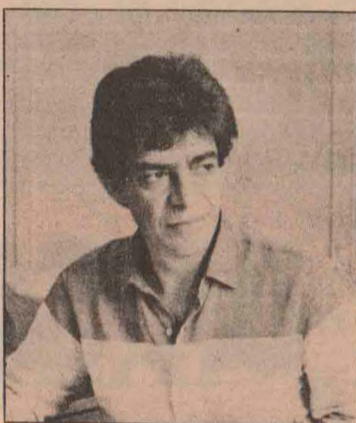
segundo semestre, os preços começaram a reagir, e não confirma a tese de que o achatamento nestes preços venha ocorrendo. Segundo ele, os aumentos deste ano, em função dos constantes reajustes registrados a partir de agosto, com mais de uma majoração por mês, podem terminar sendo até superiores aos de 1981. O diretor da Itrasa admite, contudo, que hoje o produtor enfrenta maiores dificuldades para adquirir uma máquina.

Os negócios realizados na Itrasa envolvem, geralmente, uma máquina usada, que é dada como entrada, e se não fosse assim — diz Schmidt — "estaríamos fadados ao insucesso". A Itrasa tem contado com promoções especiais da Ford, e até com o auto-financiamento da indústria, ou seja, as vendas a prazo sem empréstimos bancários tomados pelo produtor, para que não reduza suas vendas. "Nuvens negras nos esperam e, sem mudanças na política agrícola, tudo vai depender da criatividade de cada um, pois os juros dos financiamentos não deverão cair", diz Schmidt.

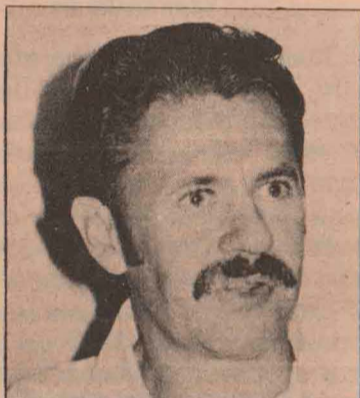
MUITA DESILUSÃO

Na verdade, os juros não cairão e tampouco haverá dinheiro para financiamentos, pelo menos nos próximos meses. A agência de Ijuí do Banco do Brasil não tem recursos para investimentos, e registra um fato que comprova a desilusão do produtor. O próprio agricultor tomou a iniciativa de não mais recorrer ao Banco à procura de dinheiro, e prova disso é o volume de dinheiro, até certo ponto inexpressivo, solicitado pelo total de produtores na fila, e que chega a cerca de Cr\$ 100 milhões.

O gerente adjunto de operações, Allan Guimarães, fornece estes dados e observa que esse pessoal na fila não deve ter muitas esperanças, quanto a uma possível liberação dos financiamentos. "É claro que nós não vamos impedir que alguém venha à agência e apresente proposta, mas não há recursos", diz ele. Segundo Guimarães, além disso deve ser levado em conta o fato de que o Banco vem dando prioridade aos investimentos para eletrificação rural. Para máquinas e implementos, nada vem sendo liberado.



Allan Guimarães: não há recursos



Ludwig Reichardt Filho: concorrência predatória



Arthur Schmidt: é preciso criatividade

EVOLUÇÃO DO PREÇO DAS MÁQUINAS

Discriminação	Janeiro/81	Dezembro/81	% Jan/Dez/81	Junho/82	% Dez/81 Jun/82
Ford 6.600	1.119.522,00	2.415.000,00	115,72	3.645.000,00	50,93
Ford 4.600	918.305,00	1.992.000,00	116,92	2.968.000,00	49,00
Automotriz: Ideal 1175 14 pés	2.996.000,00	5.940.427,00	98,28	7.551.240,00	27,12

Fonte: GERÊNCIA DE PLANEJAMENTO E PROJETOS — GEPLAN
Departamento de Estudos Econômicos — DEE

Sem crédito, só compra quem pode pagar à vista

O número de produtores que desistem de ficar na fila, à espera de financiamento bancário, deve ser de fato bem grande. Um dos desistentes é o seu Anildo Schildt, que tem 57 hectares na Linha 10 Leste em Ijuí. Ele estava na lista dos que se habilitaram para encaminhar proposta, na agência do Banco do Brasil, desde julho, para comprar uma semeadeira, e no final de setembro, cansado de esperar, decidiu comprar a máquina à vista.

"Eu tenho outra semeadeira, comprada em 1975, mas esta máquina já está vencida", conta seu Anildo, que pagou Cr\$ 390 mil à vista pelo novo equipamento adquirido em setembro. Ele teve que pagar tudo de uma vez só, pois o revendedor não quis facilitar o negócio em prestações.

O problema é que seu Anildo não podia esperar muito tempo, e até deixou de investir em outras coisas, para poder ter a semeadeira. "O tempo bom para comprar máquinas já passou", diz o produtor, arriscando um palpite não

muito otimista, quanto às perspectivas para quem ainda pretende investir em mecanização, "pois a tendência geral é de que a situação vai piorar".

TOCAR O BARCO

Mais folgado um pouco estava o seu Valdir Polo, de Macieira (Chiapetta), que planta em 350 hectares. No final de outubro ele fechou um negócio em Ijuí, adquirindo à vista um trator que custa 3 milhões e 850 mil cruzeiros. Só que seu Valdir conseguiu 1 milhão e 850 mil, da venda de um trator usado. A diferença, de Cr\$ 2 milhões, ele pôde pagar em dinheiro, porque tinha este recurso disponível.

Seu Valdir nem tentou recorrer a empréstimos, e afirma que "quem tem lavoura deve tocar o barco". Este foi o primeiro trator comprado por ele sem financiamento. O último trator financiado foi adquirido no ano passado, já com "juro novo" de 73,8 por cento, e ainda está sendo pago. Os outros três tratores de sua frota foram comprados anos antes,



Anildo Schildt: desistir da fila

com juros mais baixos. Nos próximos anos seu Valdir não deverá adquirir outras máquinas, porque acha que está bem servido.

"Eu tenho três automotrizes, e a última comprei no ano passado, com uma parte financiada, a preço de barbada, pois me custou 4 milhões e 350 mil cruzeiros", conta o agricultor. Ele não acredita que a situação possa melhorar nessa área de juros e financiamentos para máquinas. "Os comentários são de que o juro vai aumentar mais ainda", diz seu Valdir.

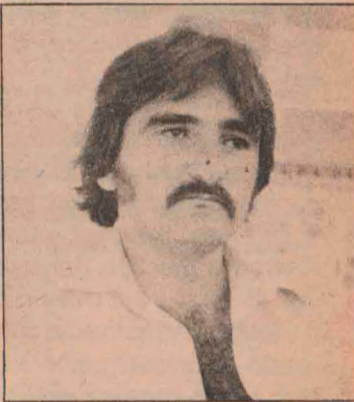


Valdir Polo: tocar o barco

APERTANDO MAIS

Em Coronel Bicaco, o seu Berto Zanella, que tem 13 hectares próprios e arrenda outros 33 hectares na localidade de Sítio Olvêrio, foi outro dos que desistiram de pedir dinheiro ao banco. Este ano, ele comprou uma plantadeira, um arado e um pé-de-pato, sem necessitar de financiamentos, e ainda ajudou a pagar a metade do preço de um trator adquirido por seu pai, e que os dois utilizam.

Acontece que o Berto não tinha máquina nenhuma, pois começou a lidar sozinho com a lavoura há uns três anos, quando casou. Antes, ele utilizava o maquinário emprestado pelo pai. Para comprar os implementos e ajudar no pagamento do trator, ele utilizou um pouco do lucro que conseguiu com a lavoura, o dinheiro



Berto Zanella: está apertando mais

ganho com a suinocultura e uma parte da verba de custeios, porque o financiamento pra planta vinha sendo suficiente.

Mas comprar máquina com financiamento é quase impossível para ele, que não pretende nem pensar em adquirir uma colheitadeira. Afinal, o juro é muito caro, e uma colheitadeira tem preço lá em cima. "Cada vez vai apertando mais, e eu venho me defendendo com a suinocultura", diz seu Berto. Ele sabe de muita gente que quer comprar máquina, mas que nada consegue porque não dispõe de recursos próprios. Outros, tentam vender máquinas usadas, mas não acham compradores. "Nem terra, quando querem vender conseguem, pois o agricultor não tem dinheiro para comprar", diz ele.



Quadro nº 1 - SITUAÇÃO

Culturas	Área (ha)	Est. Rend. (kg/ha)	Est. Prod. (ton)
R. Pioneira			
Trigo	166.600	1.200	200.000
Aveia grão	14.700	1.262	18.560
Cevada	5.630	1.225	6.896
Linhaça	1.805	808	1.458
Colza	685	1.067	709
Alho	144	3.145	452
Aveia past.	11.000	-	-
Tremoço	7.800	-	-
Trevo	25	200	5
M. G. Sul (2)			
Trigo	111.500	1.085	120.978
Aveia	5.100	1.100	5.610
Centeio	100	-	-
Sorgo	4.168	2.125	8.857
Tremoço	2.500	900	2.250
D. Pedrito (3)			
Trigo	2.800	1.200	3.360
Aveia	3.500	1.200	4.200

Fonte: Informativos Semanais Safras

Legendas: (1) Parte da lavoura destinada pelo pro

(2) Informações até o dia 20.10.82

(3) Informações até o dia 30.09.82

O DESASTRE DA SAFRA

A safra ainda não está pronta, mas os prejuízos estão aí para qualquer um ver. Com maior ou menor intensidade, os estragos nas lavouras de inverno tiraram o sono de muito agricultor, do Rio Grande do Sul ao Mato Grosso do Sul. Trigo do tarde ou trigo do cedo, aveia, centeio, alho, quase nenhuma cultura resistiu ao inverno quente e úmido que se viveu este ano. Tão quente e tão úmido que até o medo de geada, sempre um fator responsável por quebras na produção, deixou de existir este ano. Na época em que as geadas poderiam prejudicar, as lavouras já estavam arruinadas.

O Rio Grande do Sul já começou a reduzir suas estimativas de colheita no final do mês de julho. O trigo, maior lavoura do Estado - com 1.286.240 hectares plantados - se mostrava atacado por doenças fúngicas. É difícil até dizer o que não deu no trigo. Apareceu a ferrugem, helmintosporiose, giberela, septória, etc. E até mesmo em lavouras plantadas em áreas sem trigo há vários anos, apareceu o ophiobolus (ou mal do pé), uma doença que limita a produção em áreas continuamente cultivadas com este cereal. Mas foi tanto calor e tanta umidade que o mal do pé não se deu o luxo de escolher áreas para atacar.

CHUVAS E TEMPORAL

Mês a mês iam se reduzindo as estimativas. E tudo foi por água abaixo no mês de outubro. A Região Pioneira da Cotrijuí, por exemplo, foi uma das que mais sofreu em todo estado com o violento temporal do dia 22. Ventos de mais de 100 quilômetros por hora, e uma chuva de até 168 milímetros em poucas horas, como a registrada em Jóia no dia 22, terminaram com as poucas esperanças de que algumas lavouras pudessem alcançar ainda resultados razoáveis. A ventania fez deitar as aveias, que ainda não sofriam tanto como o

trigo, e com este acamamento se tornará mais difícil a colheita e fica seguramente reduzida a produtividade.

A maior frustração em toda região deverá atingir o município de Jóia, onde os cálculos são de uma quebra de 75 por cento na safra. E bem que Jóia, recém-emancipado, precisava de uma colheita cheia para garantir uma boa arrecadação de impostos na nova Prefeitura. Os menores prejuízos devem ser os Tenente Portela, onde a colheita já está bem no final. Exatamente por ter uma safra mais no cedo, os prejuízos são calculados em 50 por cento.

PROAGRO

Só pelo número de ocorrências de Proagro, já dá para se tirar uma idéia da extensão do problema. A agência do Banco do Brasil em Ijuí - que atende ainda os municípios de Ajuricaba e Augusto Pestana - realizou 2.983 contratos de financiamento para lavouras de inverno, incluindo os repasses feitos através da Cotrijuí. Sobre estes contratos foram registradas nada mais, nada menos, do que 3.076 solicitações de vistoria do Proagro até o final de outubro. O número de solicitações chegou a ser maior do que o de contratos, porque alguns produtores chegaram a pedir mais de uma ocorrência, de tantos problemas registrados na lavoura. Foram tantas as solicitações, em toda a região, que inclusive a Cotrijuí que sempre ficava afastada das vistorias, deslocou seus técnicos para este trabalho, atendendo o pedido do Banco do Brasil.

Na unidade de Jóia, dos 221 contratos de custeio, foram feitas 195 ocorrências de Proagro. Em Coronel Bicaco, dos 54 repasses, 38 pediram Proagro. Já em Portela, comprovando que os prejuízos são menores, o Banco do Brasil registrou apenas 417 Proagros entre os 1.012 contratos de financiamento. Em Santo Augusto, dos 2.000 contratos registrados no

Banco do Brasil, 1.350 pediram Proagro.

A QUEBRA

A maior frustração no Rio Grande do Sul deverá ser registrada mesmo na lavoura de trigo. Na Região Pioneira, o cálculo da quebra chega a 70 por cento. No lugar dos 1.200 quilos por hectare que se estimava colher, o resultado até agora se manteve na média de 474,5 quilos, restando apenas 23 por cento da lavoura em fase de maturação. No quadro número 1 é apresentada a situação geral das lavouras na área de ação da Cotrijuí, onde também se observa a quebra na produção no Mato Grosso do Sul, que chegou a 30 por cento no trigo já totalmente colhido. Em Dom Pedrito o desenvolvimento das lavouras é mais tardio, mas do mesmo já está certa uma quebra de 30 por cento, antes mesmo da colheita.

As menores quebras, até agora, na Região Pioneira, são nas lavouras de colza e linhaça, calculadas respectivamente em 10 e cinco por cento. A esperança maior, entretanto, está na lavoura de colza, que se compor-

tou melhor do que o esperado, resistindo a todas adversidades deste inverno. Pelo menos metade das lavouras estão com aspecto considerado ótimo e apenas oito por cento da área é classificada como regular. Uma pequena parte dos 685 hectares plantados este ano já foi colhido, e houve até quem conseguisse um resultado surpreendente, de 1.400 quilos por hectare, superior inclusive à estimativa de 1.067 quilos.

O TRIGO EM DEZ ANOS

O Quadro número 2, publicado abaixo, mostra um trabalho da Gerência de Planejamento e Projetos da Cotrijuí, onde é feita uma análise do comportamento da lavoura de trigo nos últimos dez anos. A tabela mostra o quanto a área de trigo cresce e diminui de um ano para o outro, e aponta ainda os rendimentos alcançados, os preços recebidos pelo produtor, custo de produção, receita por hectare, lucros e prejuízos.

Para ilustrar, ainda foi montado um gráfico demonstrando a relação entre área de plantio e produtividade da lavoura. Ele mostra, por exemplo, que no ano passado, quando foi cultivada a menor área de tri-

Quadro nº 2 - COMPORTAMENTO DA LAVOURA DE TRIGO NOS ÚLTIMOS

Ano	Área (1) Plantada ha	Produtividade (2)		Preço (3) Pago Cr\$/SC	Receita (4) Cr\$/ha (2 x 3)	Custo (5) Cr\$/ha	Lucro (6) Prej. Cr\$/ha (4 - 5)	Relação (7) R/C (4 ÷ 5)
		Kg/ha	Scs/ha					
1972	1.750.098	310	5,1	36,00	183,60	667,06	(483,46)	0,28
1973	1.392.952	1.119	18,6	45,00	857,90	779,48	78,42	1,10
1974	1.565.380	1.080	18,0	84,00	1.512,00	1.301,00	211,00	1,16
1975	1.898.923	650	10,8	100,20	1.085,17	1.587,30	(502,13)	0,68
1976	2.016.000	900	15,0	127,80	1.917,00	2.083,26	166,26	0,92
1977	1.523.500	453	7,6	190,20	1.455,52	3.512,27	(2.066,75)	0,41
1978	1.243.800	1.210	20,1	249,00	5.022,33	4.620,37	401,96	1,09
1979	2.004.010	490	8,2	324,00	2.656,80	6.431,02	(3.774,22)	0,41
1980	1.358.517	748	12,5	710,00	8.875,00	13.855,43	(4.980,43)	0,64
1981	899.442	1.160	19,3	1.710,00	33.003,00	30.641,39	2.362,00	1,09
* 1982	1.286.240	620	10,3	3.600,00	37.080,00	58.322,19	(21.242,19)	0,64

Fonte: GERÊNCIA DE PLANEJAMENTO E PROJETOS - GEPLAN

Departamento de Estudos Econômicos - DEE

(*) Estimativa

Estágio Desenvolvimento (%)						Rend. (kg/ha)	Aspecto Lavoura				Quebra (%)
Ger.	Cresc.	Flor.	Gran.	Mat.	Colh.		Ot.	Bom	Reg.	Prec.	
-	-	-	-	23	77	474,5	-	3	25	72	70
-	-	36,5	58	5	0,5	300	-	12	30	58	60
-	-	-	-	86	14	548	-	1	30	69	68
-	-	-	68	32	-	-	25	48	22	5	5
-	-	-	52	45	1	700	50	42	8	-	10
-	-	-	15	45	40	2.333	13	38	36	13	25
-	-	-	10 (1)	-	90	incorp.	-	80	20	-	-
-	-	-	-	5 (1)	95	incorp.	-	100	-	-	-
-	90	10	-	-	-	-	-	50	30	20	-
-	-	-	-	-	100	745	-	-	-	-	30
-	-	-	-	10	90	360	-	10	50	40	68
-	-	-	-	-	100	incorp.	-	-	-	-	-
-	-	-	-	-	100	730	-	-	-	-	65
-	-	-	40	60	-	-	-	40	50	10	-
-	-	-	50	50	-	-	-	50	50	-	30
-	-	20	80	-	-	-	-	100	-	-	-

lutor para semente própria

go dos últimos dez anos, se alcançou uma das melhores produtividades da cultura. O mesmo aconteceu em 1978, quando a área caiu para quase a metade daquela cultivada em 1976 e se conseguiu a maior produtividade deste período. Em contrapartida, nos anos em que aumenta a área de plantio, como aconteceu em 1979, a produtividade tende a decair. É claro que há exceções: em 1976 aumentou tanto a área como a produtividade em relação à safra de 1975.

CRESCIMENTO INSTÁVEL

A evolução e involução da área de plantio do trigo só traz instabilidade a todo sistema de produção, como afirma o diretor técnico da Cotrijuí, Renato Borges de Medeiros. E as frustrações periódicas comprovam isso, e são uma evidência de que toda política oficial para a agricultura deve ser reestudada. Foi em função do bom Valor Básico de Custeio para o trigo, do preço mínimo considerado compensador, que os produtores mais uma vez apostaram na lavoura e fizeram sua área aumentar em 43 por cento de um ano para o outro. Isto mostra, segundo Renato, que a

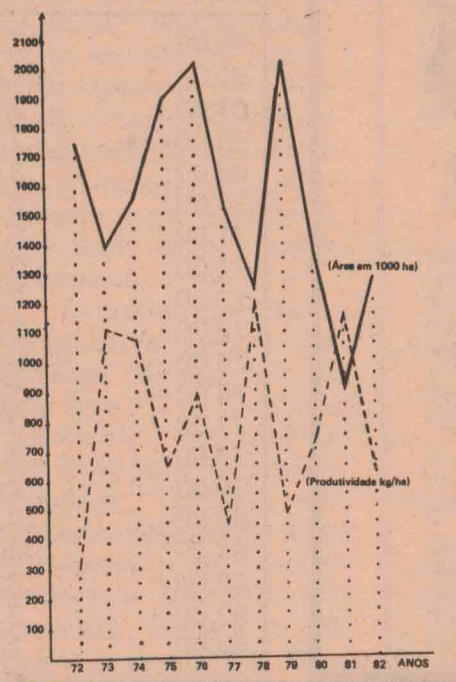
MOS 10 (dez) ANOS NO RS:

Prod. Necess. (8=5÷3)	Preço (9) Mín. Necess. Cr\$/sc	Prod. Necess. (10=5÷9)	
		Kg/ha	Scs/ha
1.110	18,5	40,80	984
1.038	17,3	49,80	936
930	15,5	87,00	900
948	15,8	101,33	936
978	16,3	132,67	942
1.110	18,5	223,66	942
1.116	18,6	294,23	942
1.194	19,9	409,54	942
1.170	19,5	928,78	894
1.146	18,0	2.204,12	888
972	16,2	3.952,19	888

política oficial pode incentivar também outras culturas. E ele tem uma idéia:

- O momento é inclusive de se vincular a exigência de diversificação com o crédito rural, concedendo recursos para plantio de trigo somente a quem se propuser a formar também outras lavouras. O trigo não pode continuar recebendo tratamento preferencial em detrimento de outras culturas. Precisamos quebrar o ciclo das doenças, cuidar da preservação do solo e oportunizar assim novas alternativas para o produtor, mas isso só será conseguido com a rotação de culturas. O ideal não seria que o produtor se comportasse em função do crédito, mas acreditamos que o custeio do trigo poderia ser concedido apenas a quem se dispusesse a diversificar. Ninguém deseja que não se plante mais trigo, mas é preciso que tenha claro que somente com a rotação é que esta cultura continuará produzindo.

DEMONSTRATIVO DA ÁREA E PRODUTIVIDADE DE 1972 a 1982 CULTURA DE TRIGO NO RS



Amargando outra frustração

"Minha safra deu 100 por cento", comentava um agricultor de Catuipe com o presidente do Sindicato de Trabalhadores Rurais daquele município, José Barassuol. Mas o espanto de Barassuol, surpreendido com tão bom resultado enquanto a maioria dos produtores que plantaram trigo estão amargando uma tremenda frustração, foi ainda maior quando estes 100 por cento foram melhor explicados: "De cada saco que plantei, colhi dois".

Pois é, a frustração foi tão grande, que até tem gente procurando uma forma de amenizar, através de tiradas espirituosas, a situação de dificuldade que envolveu quem acreditou mais uma vez na safra do trigo.

FAZ DESISTIR

A frustração deste ano, pelo menos, fará com que seu Juvenal Almiro de Moura, desista do trigo no ano que vem. Ele plantou 75 hectares em Campo Santo, Coronel Bicaco, e calcula em Cr\$ 800 mil o prejuízo que terá com a safra deste ano. Pelo menos a metade do trigo que colheu não deu específico, e a lavoura que estava inscrita para semente acabou por não ser aprovada. Ele conta:

- Meu melhor trigo foi o Maringá. De 50 sacos de planta colhi 200. O pior foi o Tifton, que nem deu para colher a área foi liberada pelo Proagro. A variedade CNT-10 também não me saiu bem.

Seu Neri Correa de Lima, de Monte Alvão (Ajuricaba) também não teve sorte melhor. Plantou 120 hectares numa área que estava sem trigo já há dois anos, e sua colheita alcançou apenas uns 500 sacos. Seu Neri afirma:

- Não colhi trigo, e sim picão. Isto aí vai só representar despesa, desgaste de máquina e perda de tempo. Quando começou a chover, já vi que estava feita a colheita.

Ele não gostou foi do comportamento da variedade CNT-10, a mais atingida pelo tempo desfavorável. Mesmo plantando dentro da época indicada, começando a semear no dia 20 de maio, ele acha que o plantio deveria ter ocorrido mais cedo. Quem sabe, assim a lavoura não teria sido toda atacada pela ferrugem "de um dia para o outro".

Seu Neri também plantou aveia preta. Foi seu primeiro ano de experiência, preparando 35 hectares:

- A aveia estava bonita, mas com o temporal do dia 17 de outubro ela deitou toda e virou uma porcaria. Pedi Proagro, porque mesmo que dê para colher, não vai dar produção. Antes do temporal, ela estava muito bonita, sem nenhuma peste.

De todas safras que já fez, seu Neri não lembra de outra pior do que a deste ano. Mesmo assim não pensa em desistir do trigo, "que a esperança é a última que morre. Um pouco sempre se deve plantar, porque a gente arrisca a colher um ano.



Neri Correa de Lima: colhi picão



Erich Breunig: o valor da rotação

Eu planto até quando existir Proagro, porque do contrário não dá para arriscar dinheiro da gente, mesmo que sempre se tenha a intenção de colher".

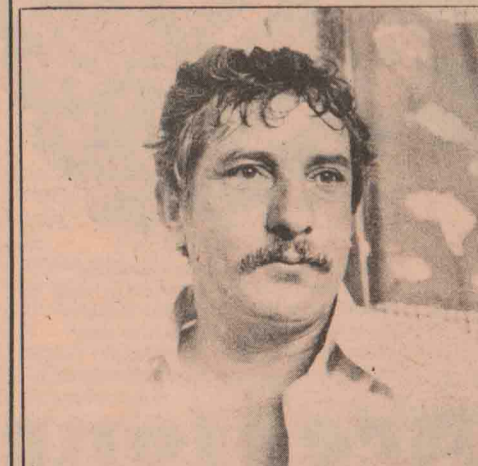
ROTAÇÃO

Consolo tem o seu Erich Breunig, de Portão Velho, em Coronel Bicaco. Nãs suas contas, já com metade da lavoura colhida e a esperança de o tempo ajudar para colher o resto, será possível pagar o contrato de financiamento e os juros. A dúvida é se vai sobrar alguma coisa da safra para compensar o trabalho. Na parte que já colheu, estava tirando a média de oito a nove sacos por um de planta, o que considera um resultado bastante razoável num ano como este.

Ele plantou 35 hectares de trigo contra os 40 da safra passada. Achou por bem reduzir a lavoura para evitar de usar alguma área que tivesse trigo no ano passado, pois segundo ele "não adianta botar trigo sobre trigo". Ele é a favor de se fazer rotação de culturas e de somente se plantar trigo em áreas há três anos sem esta lavoura. É este cuidado, na sua opinião, que pode explicar um pouco o resultado que vinha obtendo este ano:

Seu Erich também plantou 20 hectares de aveia Coronado, mas a situação da lavoura ainda está muito indefinida, pois a colheita deve acontecer apenas no final de novembro. Sua aveia, em todo caso, foi atacada pela ferrugem logo no início, mas por sorte as folhas novas nasceram sadias. É seu segundo ano de experiência com aveia, que resolveu repetir apesar do azar na safra passada. Assim como aconteceu com o trigo, sua lavoura foi bastante atingida pelo grando em 1981, e ele colheu apenas 800 quilos de aveia por hectare.

Com estas frustrações todas, segundo seu Erich, a situação cada vez fica mais difícil, e até parece que o agricultor não tem muitas saídas. No seu caso, ele anda apostando no milho plantado no cedo para compensar os azeres das safras de inverno "e felizmente tenho me saído bem nos últimos anos".



Juvenal de Moura: Cr\$ 800 mil de prejuízo

As normas que valem para a safra de trigo

Pouca coisa mudou na mecânica de recebimento de trigo desta safra em comparação à dos anos anteriores. Dois procedimentos diferentes, entretanto, foram introduzidos desta vez. Um deles veio em função da própria política oficial de fixar o preço do produto em dólares, o que traz uma variação no valor do saco de trigo a cada vez que o cruzeiro sofre uma desvalorização frente a moeda americana. O outro procedimento diferente desta safra é puramente operacional, e está ligado ao recebimento do triguielho.

No mais, tudo está igual aquilo que o produtor já está acostumado com as safras anteriores. As tabelas de desconto de umidade, impurezas, determinação e aumento de peso hectolítrico (o específico do trigo), não sofreram qualquer alteração. Estas tabelas podem ser consultadas em todas as ba-

lanças das unidades de recebimento da cooperativa.

A DATA DE OPÇÃO

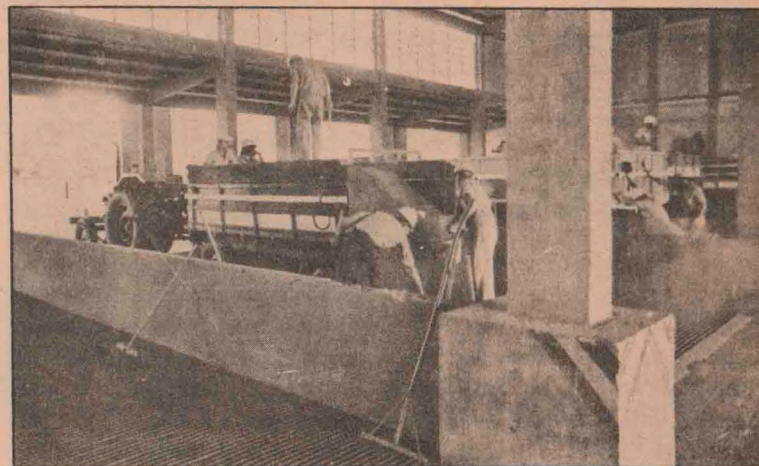
Este ano, na hora de entregar seu produto na cooperativa, o associado deverá lembrar de optar por uma data de liquidação do trigo, anotando na sua Nota Fiscal de Produtor a data escolhida. Isto porque o produto vem sofrendo alteração mensal de preço, de acordo com a variação cambial do dólar. O preço do trigo este ano foi fixado em 275 dólares para a tonelada (ou 16,5 dólares o saco) para o produto com específico 78. Mesmo que possa existir mais de uma variação mensal no valor do dólar, o que vale para a fixação do preço do trigo é a última variação de cada mês, determinando assim o preço que será pago no mês seguinte.

Desta forma, o produtor pode escolher qual a melhor data — no seu entender — para

liquidar o produto. Depois de escolhida a data, não existe mais possibilidade de alteração. Quem esquecer de fazer esta opção quando da entrega do produto, deverá comparecer mais tarde numa das unidades da Cooperativa, onde assinará um termo de opção especial. Enquanto esta opção não acontecer, o produto não será liquidado. Lembra-se, entretanto, que de acordo com a portaria da Sunab (Superintendência Nacional do Abastecimento), que define a comercialização do trigo, o último ajuste de preço acontece em 30 de novembro.

TRIGUIELHO

O percentual de triguielho de cada carga aparecerá este ano no REP (Recibo de Entrega de Produtos), junto com as impurezas. O triguielho, porém, será destacado uma segunda vez em outro espaço do REP, que apontará o percentual de



É preciso optar pela data de liquidação na hora da entrega do trigo

produto com baixo peso específico e que não poderá ser comercializado para a produção de farinha. Este desconto no físico do produto, entretanto, será compensado depois com um crédito através de Nota Fiscal específica para a quantia de triguielho que for pesada em cada carga.

Essa modificação, segundo o diretor de Operações da Cotrijuí, Euclides Casagrande, se fez necessária pelo grande volume de triguielho que deverá ser recebido nesta safra em função da frustração da lavoura. É que não existe um espaço específico nos modelos de REP para discriminar o percentual de triguielho. Mas na hora de receber por sua produção entregue na Cooperativa, o associado contará com duas Notas Fiscais, uma referente ao trigo e outra ao triguielho. O preço do triguielho, por sinal, apenas será definido mais para o final da safra, dependendo dos resultados obtidos na sua comercialização junto a fábricas de ração. "Em princípio", como coloca o diretor Casagrande, "este preço deverá variar entre Cr\$ 10,00 e Cr\$ 12,00 o quilo".

Quem preferir retirar o triguielho para consumir na própria propriedade, no lugar de optar pela comercialização deste produto, deverá pagar algumas taxas pelo serviço de rece-

bimento efetuado pela Cooperativa. Quando a retirada acontecer no mesmo dia da entrega do produto, a taxa de recebimento terá o valor de Cr\$. . . 475,00 por tonelada e ainda deverá ser paga a secagem, de acordo com a tabela. Quem retirar mais tarde, porém pagará ainda uma taxa de armazenagem, no valor de Cr\$ 160,00 por tonelada a cada quinzena infracionável, e ainda um desconto de capitalização no valor de três por cento sobre o valor do produto ao preço do dia da Cotrijuí. Esta retirada de triguielho só poderá ser efetuada até o dia 31 de dezembro.

DESCONTOS

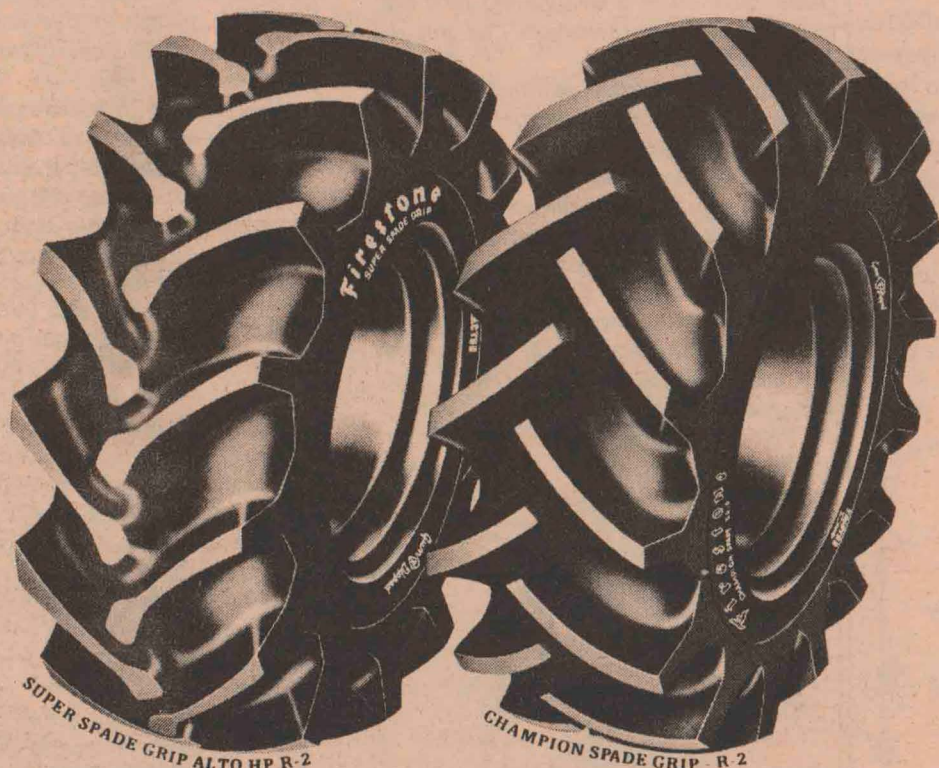
Além dos descontos de umidade, impureza, tanto o trigo como o triguielho comercializados através da Cooperativa, sofrerão os descontos financeiros habituais: 2,5 por cento para o Funrural, três por cento de capitalização, e 0,2 por cento para o Fundo de Desenvolvimento da Pesquisa de Trigo.

A taxa de recebimento para o trigo terá o valor de um por cento sobre o valor do peso líquido do produto. Para o triguielho esta taxa tem o valor fixo de Cr\$ 475,00 por tonelada. O desconto de secagem obedecerá os percentuais definidos pela tabela específica, e que pode ser consultada nos locais de entrega de produto.

PREÇO DO TRIGO — MÊS DE OUTUBRO

PH	PREÇO/SACO Cr\$	PREÇO/TON Cr\$
65,00	2.766,18	46.103,00
66,00	2.837,10	47.285,00
67,00	2.909,82	48.497,00
68,00	2.984,46	49.741,00
69,00	3.060,46	51.016,00
70,00	3.139,44	52.324,00
71,00	3.171,18	52.853,00
72,00	3.203,22	53.387,00
73,00	3.235,56	53.926,00
74,00	3.268,26	54.471,00
75,00	3.301,26	55.021,00
76,00	3.334,62	55.577,00
77,00	3.368,28	56.138,00
78,00	3.402,30	56.705,00
79,00	3.436,32	57.272,00
80,00	3.470,70	57.845,00
81,00	3.505,38	58.423,00
82,00	3.540,42	59.007,00
83,00	3.575,88	59.598,00
84,00	3.611,58	60.193,00

FIQUE COM OS PNEUS QUE OFERECEM MAIOR RENDIMENTO NA SUA LAVOURA. FAÇA CHUVA OU FAÇA SOL.



Este valente pneu foi especialmente concebido para tratores agrícolas de grande potência. Oferece assim ótimos resultados nos mais difíceis serviços de aração, notadamente em lodaçais e terrenos molhados, no cultivo de arroz ou cana.

Especialmente indicado para possantes tratores agrícolas que operam sob as mais diversas condições em campos de cultivo de arroz e cana. Suas barras mais altas e robustas garantem máxima força de tração em qualquer espécie de terreno.

Firestone

O MERCADO SE DEFINE

A ausência de alhos importados nesta época do ano, principalmente do espanhol, está ajudando na reação do mercado, que recém agora começa a se definir. E os alhos nacionais começam a garantir sua fatia no mercado, ganhando melhores preços. "Até uns dias atrás", comenta o Nelsir Baroni, Gerente do Setor de Hortifrutigranjeiros da Cotrijuí, "o mercado para o alho não vinha se mostrando muito satisfatório, dado as produções de alho de Goiás, Minas Gerais e Mato Grosso, que este ano não apresenta boa qualidade". Por causa da variedade, do tipo de produto e também da pressão da venda do produto, o Baroni, que andou por Minas Gerais e São Paulo, dando uma sondagem na situação do mercado, conta que teve muito produtor mineiro que não conseguiu

mais do que Cr\$ 80,00 pelo quilo do alho.

Com a definição do mercado, o certo é que de agora em diante produtos de boa qualidade terão preços compensadores. Produtos de qualidade inferior, como os alhos precoces colhidos no Rio Grande do Sul e que não estão apresentando boa classificação, não terão, de início, preços muito animadores. Mas a tendência do preço, segundo o Baroni, é de melhora assim que acontecer o esgotamento do produto de primeira qualidade. "Dado a necessidade do consumo, também alhos fracos poderão conseguir melhores preços. Isso são coisas que o mercado ainda vai nos dizer nos próximos 20 dias".

Como o Rio Grande do Sul apresenta uma produção intermediária — fazendo sua co-

lheita logo após a comercialização dos alhos produzidos em Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso, e antes da produção de Curitiba (Santa Catarina) — a tendência é pegar um mercado em crescimento para os produtos fracos, porém desejoso de produtos de melhor qualidade. E o preço para o produto gaúcho só tende a melhorar.

PREÇOS SIMBÓLICOS

Segundo o Nelsir Baroni e o Ênio Webber, do Setor de Comercialização da Cotrijuí, está sendo feito tudo para que o preço final do alho seja o melhor possível. "O preço de adiantamento", ressalta o Ênio Webber, "é um preço simbólico e não deve ser considerado tão importante, porque tudo vai depender mesmo é da comercialização do produto".

Para a próxima safra, os prováveis preços de adiantamento poderão ficar em Cr\$. . . 250,00 o quilo do alho classificado como grão; Cr\$ 180,00 para o alho médio; e Cr\$. . . 100,00 para o quilo do alho in-

dústria. "É bom deixar claro", lembra o Nelsir Baroni, "que o alho indústria poderá atingir melhores preços, devido a escassez de produtos bons".

O preço adiantamento será creditado na conta do associado, sem ônus e nem custos financeiros, num prazo de 20 a 20 dias, após a entrega de produto, "tão logo aconteça a comercialização ou a Cooperativa capte recursos específicos, como EGFs, para pagar o produtor".

RECEBIMENTO

A Cotrijuí espera receber este ano perto de 200 toneladas de alho, contra 78 toneladas produzidas na última safra. A previsão do Baroni é de que 50 toneladas sejam de alho grão; 60 de alho médio e 70 de alho indústria.

A exemplo do que aconteceu em anos anteriores, a Cooperativa estará recebendo alho (no período de oito de novembro a 30 de janeiro) na modalidade "preço médio" e nas classificações "grão" (o bulbo deve apresentar um diâmetro

de 45 milímetros); "médio" (de 35 a 44 milímetros) e "indústria" (entre 25 a 34 milímetros). Os alhos debulhados, perfilhados, com danos mecânicos, serão comercializados como "indústria".

O alho deverá ser entregue embalado em sacaria de plástico trançado, distribuída pela própria Cooperativa. O produto deverá estar limpo, com a rama cortada a um centímetro, sem raízes e se possível classificado. Os produtores da região de Ijuí poderão trazer o produto sem classificação, já que no setor de hortifrutigranjeiros existe uma máquina para classificá-los. Mesmo assim, os "alhos sorrisos" (abertos) já deverão estar separados dos demais. Os associados de outras regiões, que possuam maneira de classificação e mão-de-obra doméstica, poderão entregar sua produção toda classificada.

O alho semente será recebido na classe única, a grãuda, acompanhado do laudo técnico.



A qualidade do produto é que vai garantir bons preços

A qualidade em exposição no Mato Grosso do Sul

A divulgação da qualidade do alho sul-matogrossense e o incentivo à cultura que vem se firmando no Estado foram o ponto alto da IV Exposição de Alhos de Vila Vargas, no município de Dourados, no Mato Grosso, realizada nos dias 16 e 17 de outubro. Além da exposição de alhos produzidos na região, os produtores puderam mostrar, numa pequena Feira, vários produtos de fabricação caseira, como doces e compotas.

Ao mesmo tempo da realização da amostra de alhos, que por sinal atraiu um grande número de interessados pela cultura, houve muita discussão e palestras, enfocando a tecnologia empregada na produção de alho e as varie-

dades que melhor se adaptam pela região. Mas o que despertou maior interesse mesmo foi a mesa-redonda entre produtores, dirigentes cooperativistas, órgãos estaduais e autoridades ligadas ao Banco do Brasil. O assunto em pauta e que tomou a maior parte das discussões foi o relacionado com problemas de crédito e de preços do produto.

O produtor vencedor da Expoalho foi o seu Nilo Marques Maciel, com o alho tipo 01, da variedade "Amarante". Em segunda colocação ficou um alho da variedade "Lavínia"; em terceira colocação um alho "Amarante"; em quarto novamente um alho da variedade "Lavínia" e em quinta colocação um alho da variedades "Chines".

jornal da soja

O problema das folhas largas

As invasoras de folhas largas são um sério problema que afeta sensivelmente os lucros do sojicultor.

O combate deve ser feito de maneira que assegure o máximo de eficiência, com um mínimo de custos.

Existem muitos métodos para o controle das invasoras que devem ser previamente comparados entre si, para determinar qual deles apresenta os melhores resultados e benefícios.

CUIDADO COM A FITOTOXICIDADE!

No caso dos herbicidas deve-se escolher um produto que não diminua o rendimento da soja, por causa da fitotoxicidade. Basagran é um herbicida de pós-emergência, seletivo para a soja.

Basagran não afeta a germinação, nem o desenvolvimento da planta.

Basagran não deixa resíduos no solo, que fixados pela matéria orgânica podem prejudicar as culturas subsequentes.



Invasoras nas linhas afetam o rendimento

O rendimento também é seriamente afetado pelas invasoras que permanecem nas linhas quando se efetua o cultivo mecânico.

A qualidade da colheita cai sensivelmente e, junto com ela, os lucros.

Basagran mata as ervas de folhas largas, nas linhas e entrelinhas, proporcionando uma co-



lheita no limpo e de alto rendimento.

ECONOMIA: A MAIOR VANTAGEM DE BASAGRAN

Normalmente as ervas de folhas largas não se distribuem uniformemente em toda a lavoura, aparecem em forma de manchas. Aplicar em toda a área significa jogar fora um volume importante de herbicidas.

Basagran é aplicado somente após a emergência das invasoras e no local onde elas surgirem. Assim, o herbicida é usado na hora certa e no lugar certo.

O resultado não depende do solo

Com Basagran você trabalha com uma dosagem padrão de um e meio litro por hectare (1,5 l/ha), independente do tipo de solo e o resultado é sempre seguro.

BASAGRAN: EFICIENTE EM OUTRAS CULTURAS

Devido a sua eficiência, sua seletividade e ao fato de não deixar resíduos no solo, Basagran é também a melhor solução para o controle de folhas largas em feijão, milho, trigo, arroz e amendoim.

Basagran



O herbicida da certeza

ORDENHA MECÂNICA SÓ COMPENSA COM UM GRANDE NÚMERO DE VACAS

Até que ponto é viável economicamente a substituição da ordenha manual por uma ordenhadeira mecânica numa propriedade? Quem andou lidando com os números, e fazendo os cálculos para descobrir a viabilidade econômica desta mecanização, foi o pessoal do Departamento de Estudos Econômicos da Cotrijuí. A sua conclusão é a seguinte: se a propriedade possuir mão-de-obra disponível para a exploração da atividade leiteira, o número mínimo de vacas em lactação capaz de comportar a aquisição de um conjunto de ordenhadeira mecânica é de 13 animais. Para a aquisição de uma ordenhadeira mecânica de dois conjuntos (dois baldes), o número mínimo de vacas na propriedade é de 17. Deve-se salientar aqui, e quem faz este alerta é o Luis Juliani, do Departamento de Estudos Econômicos da Cooperativa, que estes números mínimos de vacas na propriedade são viáveis não só tecnicamente, como também economicamente.

UM NÚMERO MÍNIMO

O trabalho de coleta de dados foi feito em seis propriedades (duas delas tinham 10 vacas, outras duas tinham oito vacas, cada uma, uma tinha 18 e a outra 21 vacas). Também foi levado em conta o tempo gasto na realização da ordenha, a produção e o pessoal envolvido na atividade. Para chegar ao número de vacas viáveis na propriedade, capazes de comportar uma ordenhadeira mecânica, foi considerado além do número de vacas existentes, o custo da ordenha manual, o custo variável e os custos fixos da ordenha mecânica.

Na análise dos dados comparativos, deu para notar que o custo fixo permaneceu igual por unidade de tempo, não interessando o uso que se fez da máquina. Mesmo que aconteça alguma variação no número de vacas ordenhadas, o custo fixo tende a se manter constante. Por custo fixo entende-se as depreciações e conservações (que não crescem

com o uso da máquina) e os juros sobre o capital investido. Daí se conclui que quanto maior for o uso da ordenhadeira (de acordo com a capacidade da máquina), mais econômica ela se torna para o produtor. Os custos variáveis, também considerados na análise de comparação dos custos da ordenhadeira mecânica com a ordenha manual, variam de acordo com o nível de utilização. Fazem parte dos custos variáveis, a mão-de-obra empregada e as despesas em geral (combustíveis, lubrificantes, energia).

COMPARAÇÃO DE CUSTOS

A tabela de número 1 faz um demonstrativo do tempo gasto, litros tirados por ordenhador e pessoas envolvidas nas seis propriedades analisadas. Comparando os custos, deu para concluir que o tempo médio gasto com cada vaca ordenhada foi de 0,059 horas (3,54 minutos) e o tempo médio gasto com cada litro de leite foi de 0,64 minutos. Em relação ao número de pessoas envolvidas na atividade, a média foi de 2,33 por propriedade, o que corresponde a 0,14 horas (8,40 minutos) de mão-de-obra por cada vaca ordenhada.

Para ajudar na compreensão dos cálculos e facilitar a comparação dos custos entre as duas ordenhas, fez-se o custo da ordenhadeira mecânica de um conjunto e de dois conjuntos (dois baldes). No custo da ordenhadeira de apenas um conjunto (ver dados no quadro abaixo) chegou-se a um custo total, por ano, de Cr\$ 181.394,20. Nos cálculos da ordenhadeira com dois conjuntos, este saltou para Cr\$ 235.266,39.



Com poucas vacas, a ordenha mecânica se torna mais cara

Custo da Ordenhadeira Mecânica

Valor: Cr\$ 391.600,00

Vida útil: 12 anos

Especificação: um balde

1. Custos Variáveis:

1.1 - Mão-de-obra:

102,20 horas/vaca/ano a

Cr\$ 70,00 Cr\$ 7.154,00

1.2 - Despesas gerais Cr\$ 720,00

SUB-TOTAL Cr\$ 7.874,00

2. Custos Fixos:

2.1 - Depreciação Cr\$ 22.620,00

2.2 - Juros Cr\$ 135.720,00

2.3 - Conservação e reparos Cr\$ 15.080,00

SUB-TOTAL Cr\$ 173.420,00

TOTAL Cr\$ 181.394,00

Custo da Ordenha Manual

306,60 horas/ano/vaca a

Cr\$ 70.000,00 Cr\$ 21.462,00



* também chamada de papuã ou capim marmelada.

Chegou o herbicida para soja que acaba não só com a marmelada, mas também com pé-de-galinha, colchão, capim arroz, carrapicho e outras ervas daninhas de folhas estreitas e mais algumas de folhas largas.

Dual o herbicida para soja tão moderno que dispensa incorporação.



Tabela 1 - Demonstrativo do tempo gasto, litros ordenhados e pessoas envolvidas em seis propriedades durante a ordenha mecânica:

Produtor	Número Vacas	Tempo Gasto Horas	Tempo Médio/Vaca	Litros Ordenhados	Tempo Gasto/Litro-min	Média/Ordenha/Vaca	Pessoas envolv.	Horas Trabalh.	Horas/Vaca
1	10	0,95	0,095	58	0,98	5,80	2	1,90	0,19
2	8	0,55	0,069	21	1,57	2,63	2	1,10	0,14
3	10	0,85	0,085	52	0,98	5,20	2	1,70	0,17
4	21	1,00	0,048	125	0,48	5,95	3	3,00	0,14
5	18	0,55	0,031	120	0,28	6,67	3	1,65	0,09
6	8	0,50	0,063	39,5	0,76	4,94	2	1,00	0,13
Total	75	4,40	-	415,5	-	31,19	14	10,35	-
Média	12,5	0,73	0,059	69,17	0,64	5,54	2,33	1,73	0,14

Fonte: GERÊNCIA DE PLANEJAMENTO E PROJETOS - GEPLAN. Departamento de Estudos Econômicos - DEE.

Assistência sem recursos

Os Sindicatos de Trabalhadores Rurais gastam muito mais com assistência médica e odontológica do que as verbas que recebem do Funrural.

A insuficiência dos recursos da Previdência está levando os Sindicatos de Trabalhadores Rurais à falência. Esta pelo menos é a conclusão da Fetag (Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Rio Grande do Sul), antes mesmo de ter nas mãos um levantamento estadual comparando os subsídios mensais recebidos pelos Sindicatos para a assistência ambulatorial e odontológica, e os gastos efetivamente realizados. Com os dados deste levantamento, a Federação deverá procurar uma saída para a situação durante seu encontro estadual marcado para os dias 14, 15 e 16 de dezembro, em Viamão.

O Cotrijornal também fez este levantamento junto aos Sindicatos da área de atuação da Cotrijornal na Região Pioneira. E a diferença entre as verbas do Funrural e os gastos efetivos com este atendimento alcança valores muito grandes. Quem paga por isto, mais uma vez, são os agricultores, que já descontam uma parcela da sua produção para a Previdência Social. E eles pagam tanto através de uma participação direta, nas consultas e atendimentos, como quando é o Sindicato quem precisa arcar com a diferença.

TRÊS VEZES MAIS

O STR de Ajuricaba, por exemplo, recebe Cr\$ 40.000,00 por mês para providenciar o atendimento de ambulatorio médico para seus associados. Só em setembro, as despesas chegaram a Cr\$ 253.000,00. Para o gabinete dentário veio uma verba de Cr\$ 198.000,00, enquanto o custo desta assistência chegou a Cr\$ 232.000,00.

Em Ijuí, os gastos são ainda maiores. Para a assistência odontológica, o sindicato recebeu uma verba de Cr\$. . . 275.000,00 no mês de julho, enquanto os gastos chegaram a Cr\$ 688.000,00. Para o ambulatorio médico, o subsídio do Funrural foi de Cr\$ 87.000,00, enquanto as despesas chegaram a Cr\$ 323.000,00. Parte das diferenças vem sendo paga pelo agricultor diretamente na hora de uma consulta, mas o Sindicato também sempre precisa arcar com uma parcela de dinheiro.

O Sindicato de Coronel Bicaco recebeu em setembro Cr\$ 96.000,00 para assistência odontológica, mas gastou Cr\$. 106.000,00. Para o ambulatorio a verba foi de Cr\$ 40.000,00, enquanto as despesas chegaram a Cr\$ 179.850,00.

Em Braga, o subsídio é de Cr\$ 57.000,00 para o ga-

binete odontológico e outros Cr\$ 57.000,00 para o ambulatorio médico. Só que as despesas chegaram a Cr\$ 130.400,00 e Cr\$ 134.200,00, respectivamente.

SEM CONVÊNIO MÉDICO

Em Tenente Portela o Sindicato recebe Cr\$ 242.000,00 para a assistência odontológica na sede do STR e ainda em Vista Gaúcha. Mas gasta Cr\$ 45.000,00 a mais por mês. Há três meses o STR não recebe o subsídio do Funrural para assistência ambulatorial, pois o convênio está rompido.

Em Miraguaí, o subsídio para o atendimento ambulatorial é pago diretamente ao médico, e o Sindicato não sabe de quanto é este valor. Mesmo assim, arca com algumas despesas deste atendimento, cerca de Cr\$ 28.000,00 com curativos, aplicações de injeções, limpeza, etc. Para assistência odontológica recebe Cr\$ 202.000,00, e tem gasto Cr\$ 205.000,00.

Chiapetta está em situação idêntica, pois a verba do Funrural é paga diretamente ao médico. Na assistência odontológica os gastos chegaram a Cr\$ 137.175,20 no mês de setembro, enquanto o subsídio foi de Cr\$ 109.000,00.

Em Santo Augusto o déficit com assistência odontológica é de Cr\$ 62.750,00, coberto com renda própria do Sindicato, pois o subsídio de Cr\$ 110.000,00 é insuficiente. Para o ambulatorio a verba é de Cr\$ 59.000,00, e a diferença no atendimento é paga pelos associados através de um convênio com a Unimed. A consulta tem um valor para o associado, que varia entre Cr\$ 1.000,00 e Cr\$ 2.000,00 até o final de outubro, quando será reajustado de acordo com o INPC.

SÓ PAGA O DENTISTA

Jóia não tem atendimento ambulatorial, e a verba do Funrural para assistência odontológica é de Cr\$ 58.000,00, que somada a uma receita de Cr\$ 12.000,00 em participações, serve apenas para pagar os honorários do dentista.

Em Augusto Pestana, o subsídio do Funrural para assistência odontológica é de Cr\$. . 205.000,00, enquanto as despesas, no mês de julho, já chegaram a Cr\$ 380.133,02. A verba para o ambulatorio médico é de Cr\$ 40.000,00, o que mal cobre os custos com o salário e encargos sociais para a atendente. As despesas com as consultas vêm sendo pagas diretamente pelos associados, que participaram com Cr\$. . . 225.490,00 no mês de julho.

Uma luta a retomar

Os problemas de atendimento previdenciário aos pequenos agricultores foram o ponto central de uma série de reuniões entre as regionais de Sindicatos de Trabalhadores Rurais que aconteceram em todo Rio Grande do Sul durante os meses de agosto e setembro. No total, foram sete reuniões inter-regionais, que envolveram 159 Sindicatos, e que serviram como uma verdadeira radiografia da situação da Previdência e Assistência em todo Estado. E também foi a partir destas reuniões que ficou clara a necessidade de retomar a luta por uma Previdência mais justa para o agricultor.

Nestas reuniões foram levantados os problemas de cada município, analisados os acertos e falhas na luta iniciada há mais de dois anos atrás, e propostas novas formas de organização dos produtores na busca de seus direitos.

PROBLEMAS E REIVINDICAÇÕES

Entre os problemas apareceram a insuficiência de recursos da Previdência para o atendimento médico, hospitalar e odontológico do agricultor e sua família, irregularida-



Foram realizadas sete reuniões inter-regionais, com a participação de 159 STRs

des em convênios da Previdência, não cumprimento de uma portaria que eliminou a participação do agricultor no custeio das despesas médicas e hospitalares. Na área de benefícios, voltou a se falar das reivindicações de aposentadoria aos 60 anos para os homens e 55 anos para as mulheres; direito a auxílio por acidente de trabalho para a mulher e filhos menores; aposentadoria da mulher rural; que a aposentadoria por invalidez do agricultor leve em conta sua atividade como trabalhador rural, pensão para as viúvas de antes de 1972. Quanto a assistência foi reafirmada a exigência de atendimento em qualquer parte, além da equiparação da Previdência Rural a Urbana.

O assunto Previdência deverá ser bastante discutido no encontro estadual que a Fetag realizará em Porto Alegre no mês de dezembro, quando deverão ser definidas claramente as estratégias de luta pelos Sindicatos. Sua organização já foi iniciada após os encontros inter-regionais. Nestas reuniões, ficou definida a necessidade de cada município organizar uma Comissão de Previdência encarregada de avaliar e planejar as ações juntamente com as bases, organizando reuniões, assembléias, mobilizações, etc. Também deverão ser formadas comissões a nível regional e reforçada a comissão estadual da Previdência. Outra idéia é a de unificar uma luta nacional em torno do assunto.

Sementes CARGILL

As campeãs em toda terra.



Há muita gente dando palpites sobre sementes de milho híbrido. A Cargill acha que você, plantador, é a maior autoridade no assunto. Você é que sabe onde e quando vai plantar, que resultado quer. A Cargill põe a seu dispor sementes para responder a essas questões: onde, quando, quanto. Sementes precoces ou de ciclo normal. Sementes para vários tipos de solos e climas. Sementes para diversas finalidades. Mais informes em sua Cooperativa: eles também entendem deste assunto.

Cargill

Sementes Cargill

BICACO REPETE SUA FESTA DO MATE

Até um parque de exposições foi montado em Coronel Bicaco, município que leva o título de "capital nacional da erva-mate", especialmente para abrigar a 2a. Feira Exposição Nacional da Erva Mate, realizada entre os dias 20 e 24 de outubro. O chimarrão como não podia deixar de ser, corria livre em todos os estandes onde estavam expostas não apenas várias marcas de erva de alguns municípios produtores, como também trabalhos de artesanato. E o mate amargo também foi motivo de inspiração de algumas das letras das músicas que concorreram aos prêmios de melhores composições do 1º Chimarrão da Canção Missioneira, realizado paralelamente à Fenamate. O vencedor do 1º Chimarrão foi João Chagas Leite, de Uruguaiana, música "Seiva de Vida e Paz".

Esta feira dedicada à erva mate foi realizada pela primeira vez em Coronel Bicaco há dois anos, como uma tentativa de mostrar o potencial de produção da região de uma cultura típica da região Sul do Brasil. Também como objetivos apareciam a preservação dos ervais nativos e a introdução de mais árvores de erva-mate na região, incentivando a diversificação da produção como forma também de assegurar outro rendimento para o agricultor. E, obviamente, existia a intenção de divulgar o nome de Coronel Bicaco Brasil afora.

Se de pequenas propor-



A inauguração foi parcialmente frustrada pela chuva

ções na primeira vez, esta segunda Fenamate foi programada para marcar a vida de Coronel Bicaco. Tanto que numa área de três hectares foi instalado um parque para abrigar os expositores. No parque, que recebeu o nome de Ramão Luciano de Souza — o Coronel Bicaco, fundador do município — foi inclusive construído um restaurante, um amplo pavilhão para a exposição e uma área de camping. Na escolha da área e no projeto de instalação, a Prefeitura Municipal recebeu a assessoria da Cotrijuí, através do trabalho do engenheiro florestal Nilo Rubens Leal da Silva. A sua preocupação foi aproveitar o grande número de espécies florestais nativas existentes na área, não só de erva-mate, como também de guajuvira, pitanga e outras.

INAUGURAÇÃO

A Feira foi aberta no dia 20, mesmo que a inauguração oficial estivesse prevista apenas para o dia 22. A forte chuva e o verdadeiro temporal que atingiram a região comprometeram um pouco a programação organizada pelos promotores desta Fenamate. Inclusive o governador Amaral de Souza atrasou-se bastante para chegar em Coronel Bicaco. Ele almoçou no Salão Paroquial, numa festividade que reuniu as autoridades e descendentes de Ramão Luciano de Souza, e foi rapidamente até o Parque, onde descerrou um busto do fundador do município, de quem é neto.

A inauguração do pavilhão da Fenamate, na verdade, ficou a cargo do prefeito Jacy Luciano de Souza, e do depu-

tado pelo PDS Emídio Odócio Perondi, que cortaram a fita e discursaram salientando a importância daquela festividade para a agricultura regional.

Quem também falou na abertura oficial da Feira foi o presidente da Cotrijuí, Ruben Ilgenfritz da Silva, que apontou a erva-mate com um símbolo de tradição do Rio Grande do Sul. O cultivo e manutenção dos ervais, segundo ele, se mostram incluídos dentro de toda uma política de diversificação da agricultura, desempenhando um importante papel dentro da economia da propriedade rural e de toda região.

EXPOSIÇÃO

No interior do pavilhão estava um pouco da amostra do artesanato que é feito no Rio Grande do Sul. Trabalhos em madeira, cerâmica, lã, teci-

dos, couro, metal, etc. e, obviamente, em porongos, alguns ricamente esculpidos como cuias de chimarrão, que foram facilmente comercializadas durante a Feira. A venda de erva também se mostrou um bom negócio para os expositores, mas talvez nenhum estande tenha sido tão visitado como o de uma colonizadora particular. Ele estava enfeitado com fotografias, enormes raízes de mandioca e amostras de madeiras, divulgando um projeto instalado no Mato Grosso, fronteira com o Pará. Se a colonizadora conseguiu fechar algum negócio não se sabe, mas em todo o caso os visitantes se mostravam curiosos em conhecer as condições de compra e pagamento dos lotes.

O presidente da II Fenamate, Ernani Prass, ainda durante a realização da Feira, já mostrava sua intenção em reunir todos os expositores para fazer uma avaliação dos resultados alcançados. Segundo ele, Coronel Bicaco talvez tenha sido um pouco pretensiosa demais em fazer uma Feira do tamanho desta Fenamate, mas algumas eventuais falhas deverão ser corrigidas numa próxima promoção. De acordo com Ernani Prass, boa parte dos objetivos da Fenamate puderam ser alcançados: divulgação do nome de Coronel Bicaco, incentivo ao artesanato regional, além de promover toda a tradição e cultura que a erva-mate reúne em torno de si.

UMA APLICAÇÃO DE PRIMEXTRA VALE ATÉ POR 4 CAPINAS.



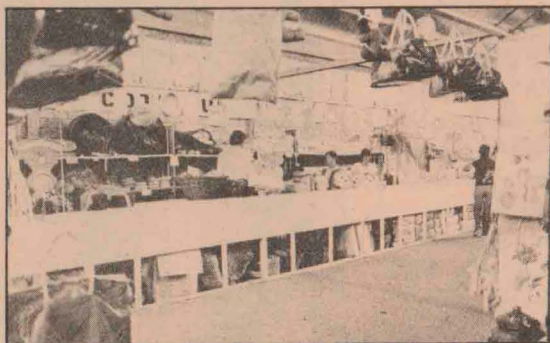
E o mato nem aparece no milharal. E enquanto você descansa, seu milho cresce, cresce, cresce...



PRIMEXTRA
O herbicida para milho.

CIBA-GEIGY
DIV. AGROQUÍMICA

A participação da Cotrijuí na Feira



A Cotrijuí montou uma Feira Colonial...



... e um galpão crioulo

A unidade da Cotrijuí em Coronel Bicaco teve uma participação ativa na organização e realização da 2ª Fenamate. Além de auxiliar na programação da Feira, a Cooperativa instalou duas áreas de exposição, mostrando o trabalho realizado por seus associados.

Dentro do pavilhão da Feira, foi instalado um estande onde se comercializou produtos coloniais e trabalhos manuais, procurando assim valorizar aquilo que é feito pelo produtor rural. E o sucesso foi grande na comercialização dos queijos, vinhos, salames, compotas, conservas, bolos, cucas e hortigranjeiros, comprovando o interesse pela qualidade dos produtos caseiros. No mesmo estande também estava uma seção de supermercado, que funcionou como

apoio aos expositores.

Já no parque, debaixo de árvores bem copadas, foi construído um galpão crioulo, que ficará permanentemente na área para futuras exposições. Ali, num fogão de chapa, se aquecia a água para o mate que passou de mão em mão entre os visitantes. Neste local também a Unidade aproveitou para expor amostras de uma série de sementes, desde o trigo e a soja até as mais diversas forrageiras. Colocado num canto, chamava a atenção um aquário cheio de peixes, filhotes das espécies nilótica e carpa. A intenção era divulgar o projeto de piscicultura que vem sendo desenvolvido pela Cooperativa, inclusive com a instalação de uma estação de piscicultura no Centro de Treinamento, em Augusto Pestana (veja na última página).

Depois de um salto, o preço da erva estacionou

No espaço de dois anos, entre a realização da 1ª e da 2ª Fenamate, a erva praticamente não mudou de preço. Por incrível que pareça, mesmo que seja comum entre os produtos agrícolas ficar com o seu reajuste de preço abaixo da inflação e do aumento nos custos de produção. O preço que o produtor está recebendo — em torno de Cr\$ 300,00 a Cr\$ 360,00 pela arroba de erva verde — e que o consumidor está pagando nos mercados entre Cr\$ 100,00 e Cr\$ 130,00 o quilo, dependendo da qualidade da erva — não estão muito distantes dos preços existentes em 1980.

Nem por isto, entretanto, se chega a considerar que durante a realização da 2ª Fenamate o setor ervateiro estivesse enfrentando uma crise difícil de superar. Existem alguns problemas, mas ainda trabalhar com erva pode ser um bom negócio. As razões desta estagnação nos preços devem ser buscadas exatamente no período que antecedeu a 1ª Fenamate, em 1980, e estes dois anos seguintes. Naquela época, o valor da erva sofreu um aumento desenfreado, pois existia pouco produto à disposição do mercado consumidor. Com isto, muita gente ganhou dinheiro com a tal da erva-mate, que poucos anos antes estava completamente desacreditada. Os agricultores derrubaram muitos dos ervais — pois era mais vantagem plantar soja naquelas áreas — e o produto estava rareando.

Mas não foi só o desaparecimento de muito erval nativo que provocou esta alta de preços. As exportações do produto eram livres, e o mercado externo pagava muito melhor aos ervateiros do que a comercialização dentro do Brasil mesmo. Só que dali para a frente toda situação se complicou, e o mercado — que atingira preços irreais — começou a despencar.

EXPORTAÇÃO POR COTA

Atualmente, a exportação da erva-mate é contingenciada, ou seja, os exportadores apenas têm direito a uma determinada cota de produto para vender ao mercado externo. Estas cotas são estabelecidas com a supervisão da Cacex (Carteira de Comércio Exterior, do Banco do Brasil), de acordo com a média de exportações de cada empresa ervateira. Este contingenciamento, de acordo com Paulo Davi Baldo, da Baldo S/A, de Encantado (o segundo maior exportador brasileiro este ano), foi benéfico para quem comercializa erva-mate com o mercado externo:

— No final de 80, a erva estava cotada em 1.800 dólares a tonelada. Todo ano passado, e até o mês de julho deste ano,

as exportações eram livres, e o preço caiu para apenas 600 dólares. O contingenciamento veio regularizar o preço, que começou a reagir e agora já anda em torno de 800 dólares a tonelada.

O caso é que a empresa Baldo é uma das seis empresas gaúchas que ainda têm cota de produto para exportar. Muitos ervateiros ficaram com uma cota pequena, ou nem ganharam cota de exportação. Com esta política, começou a sobrar produto no mercado interno, e a concorrência está forçando os preços para baixo. Para Paulo Baldo, a política de contingenciamento está correta, pois com a liberação total da exportação o mercado virou um verdadeiro caos, invadido por empresas sem a mínima experiência de exportação.

CONCORRÊNCIA INTERNA

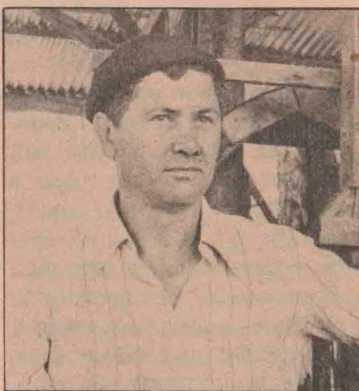
É claro que para os pequenos ervateiros — como é o caso das indústrias da região de Coronel Bicaco — o contingenciamento atrapalha bastante. Isto ainda mais quando eles sofrem a concorrência, no mercado gaúcho, das ervas que vêm de Santa Catarina, e que são vendidas a preço inferior. No estado vizinho ainda existem muitos ervais nativos, e assim os custos são bem mais baixos, isto sem contar que os ervateiros catarinenses estão mais organizados que os gaúchos, o que também ajuda na redução dos seus custos de comercialização.

Para atrapalhar um pouco mais ainda, existem muitos soques clandestinos de erva-mate, que não são fiscalizados pelo IBDF (Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal), o órgão responsável pela fiscalização na produção ervateira. Estes soques não recolhem impostos, pois não são registrados, e assim para os ervateiros regularmente instalados fica mais difícil ainda de concorrer em preço no mercado.

CONTROLE NA PRODUÇÃO

Áureo Cavalini, proprietário da Indústria de Erva-mate Longa Vida, de Coronel Bicaco, é da opinião que o IBDF deveria fazer um controle mais rigoroso da produção de erva. A sua sugestão é que sejam cadastrados inclusive os produtores, e não apenas os ervateiros:

— Não adianta fiscalizar só as indústrias regularmente instaladas, que os desvios de recolhimento de impostos e os cortes fora de época, estão sendo feitos nas indústrias clandestinas. O IBDF também deveria permitir o corte na safrinha, em fevereiro, que vai entrar para o terceiro ano de proibição. Este corte, se bem feito, não prejudica os ervais, mas ajuda a melhorar a qualidade do pro-



Áureo Cavalini: cadastrar os produtores

duto comercializado.

Segundo o seu Áureo, apesar de todos os problemas, a erva-mate é produto que continua com seu futuro assegurado, pois o consumo só vem aumentando nos últimos anos:

— Eu mesmo tenho como exemplo que para suprir uma praça como Ijuí se precisava de 10.000 quilos de erva há pouco tempo. Hoje já coloco 15.000 quilos.

O VALOR DO REFLORESTAMENTO

Mesmo entre os donos dos ervais a situação não é de muita desesperança. É que a erva sempre assegura uma certa renda, isto sem contar os benefícios que a cobertura vegetal traz para a propriedade. Esta pelo menos é a opinião do seu Edgar de Moura Guterres, donos de 471 hectares em Esquina Aparecida, Coronel Bicaco:

— Neste preço, como o que ganhei de Cr\$ 350,00 a arroba, não é uma coisa para a gente se dedicar muito. Vale bastante, para mim, como reflorestamento e também porque se tem aquela renda certa.

Apesar do preço não ser dos mais estimulantes, seu Edgar nem de longe pensa em derrubar o seu erval nativo, que ocupa cerca de meio hectare da propriedade:

— Sempre mantive o erval, que é área que a gente usa também para a pecuária, com o boi em volta das árvores procurando sombra. E sou contra arrancar mato. Só o que eu arranquei foi timbosal. Prefiro diminuir a produção da planta do que arrancar mato para fazer lavoura. Isto não recompensa, pois a própria árvore vai se valorizando ao natural.

O preço atual também não é considerado dos melhores por seu Antônio Sallet, que tem 120 hectares em Vila Sallet, também em Bicaco. Mesmo assim, na sua opinião, manter o erval ainda pode ser bom negócio. Tanto que ele inclusive está cuidando do melhoramento da sua área de erva mate, que atinge cerca de três hectares. Está replantando algumas mudas, aproveitando o largo espaço existente entre as árvores nativas.

O preço já compensou mais do que atualmente e no



Antônio Sallet: melhoramento na área



Antônio Fortes Bueno: uma renda sem despesa

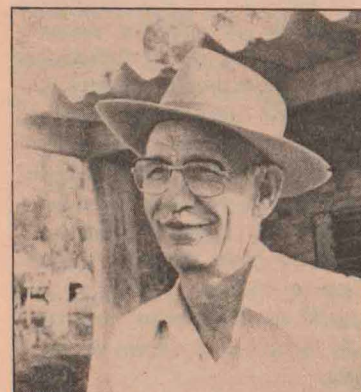
POUCA DESPESA

Vantagem parecida quem encontra é o seu Antônio Fortes Bueno, que tem 53 hectares em Galpões:

— A erva vale a pena, pois está dando um dinheiro, que se não é dos maiores, se ganha sem grandes preocupações. É produto com saída, e se tem poucas despesas para conservação.

Ele, pelo menos, vem explorando há quase 20 anos o mesmo erval. Nunca derrubou sequer uma árvore, sempre esperando uma melhoria futura de preço. São 150 pés de erva-mate, que são divididos em três cortes, um para cada ano. Assim, sempre tem um pouco de produção assegurada. Seu Antônio teve uma colheita de 600 quilos este ano, dividida a meia com o barbaquá:

— Deu um lucro bom, mesmo que já tenha dado ano melhor. Eu separo parte da erva para mim, dou para a peonada um tanto, vendo o resto na colônia, e tiro livre toda despesa.



Edgar de Moura Guterres: vale como reflorestamento

ano passado, em proporção de área, ele ganhou mais dinheiro com a erva do que com a própria soja. Este ano seu Antônio não cortou o erval, emparelhado todo na safra passada, mas ainda hoje se arrepende de há alguns anos atrás ter derrubado parte do erval para fazer lavoura:

— Arranquei naquela época em que o preço estava muito baixo, mas hoje nunca mais faria a mesma coisa. A gente tem é que reflorestar, e a erva-mate ainda tem a vantagem de ser uma cultura que não dá toda aquela correria e movimento da lavoura.

Muitos inseticidas protegem sua soja de algumas pragas.

Só Nuvacron protege contra todas!

Nuvacron extermina todos os percevejos, a lagarta da soja, a plusia, a broca das axilas, todas de uma só vez!

Nuvacron é também indicado para controlar os pulgões e lagartas do trigo.

CIBA-GEIGY

Antes de aplicar qualquer inseticida leia com atenção as recomendações do rótulo.

Nuvacron: defesa total da soja.



Colônia de férias, um jeito de veraneiar

A partir de janeiro começam as excursões de veraneio, rumo a Colônia de Férias da Cotrijuí na praia de Cassino, no município de Rio Grande. A novidade desta temporada é que os associados e seus dependentes que quiserem descansar à beira mar, disporão apenas de uma modalidade de veraneio, que é a excursão através de ônibus contratado pela Cooperativa. Como aconteceu em anos anteriores, os associados de todas as Unidades se organizarão em excursões e se deslocarão de ônibus até Rio Grande, via cidade de Santa Maria. A chegada à Colônia de Férias está prevista para às 16 horas. Neste dia não haverá janta e no dia da saída não haverá café da manhã.

A temporada terá uma duração de seis dias e o custo de veraneio será de Cr\$ 12.000,00 por pessoa. Crianças de dois a cinco anos pagarão pela estadia apenas Cr\$ 6.000,00. Terão direito a participar das excursões os associados e seus dependentes, como

esposa, filhos e empregados, ou ainda, outras pessoas que constarem em sua declaração de renda. As despesas consideradas extraordinárias, gastas com lanches ou refrigerantes, correrão por conta do veranista.

Os veranistas deverão levar roupas de cama (lençóis, fronhas e cobertores) para cada participante e ainda todo o material de higiene pessoal. Além disso, os excursionistas terão de acatar as ordens contidas no regulamento interno, como horário de refeições, horário de silêncio, zelo pelo patrimônio e pelo bom funcionamento da Colônia. Todas as refeições terão horários previamente estabelecidos e que deverão ser cumpridos, sob pena de perderem o direito às mesmas.

As despesas de veraneio somente poderão ser debitadas em Conta Corrente dos associados que tenham entregue produtos na Cooperativa. Em caso contrário, os pagamentos deverão ser feitos à vista, antes da saída da excursão.

CTRIN e moageiros nas zonas de produção

A diretoria do CTRIN (Departamento de Compra do Trigo Nacional, do Banco do Brasil), circulou durante o mês de outubro pelas zonas produtoras de trigo da Região Sul, para observar mais de perto a situação das lavouras e as perspectivas para esta cultura. Desta viagem ainda participaram diversos industriais do setor de moinhos de todo país, também interessados em conhecer a realidade da produção de trigo.

Em Ijuí, esta caravana chegou no dia 26 de outubro, liderada por Nilo Fensterseifer, chefe nacional do CTRIN, Elói Gomes, sub-chefe do Departamento, e ainda representantes da Sunab, Banco do Brasil, e os presidentes de Sindicatos de Indústrias Moageiras do Rio Grande do Sul, Paraná, Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais e Santa Catarina. Antes de chegarem a Ijuí eles foram a Passo Fundo, onde visitaram a Embrapa, e no outro dia seguiram para o Centro do Experimentação e Pesquisa da Feco-



O CTRIN e moageiros esperam a auto-suficiência em trigo

trigo, em Cruz Alta, a Santo Ângelo (onde foram na Cotri-sa), e a Panambi, onde visitaram a Kleper Weber.

Na Cotrijuí, eles conversaram com o presidente Ruben Ilgenfritz da Silva, e o vice-presidente, Arnaldo Oscar Drews. Ilgenfritz fez uma exposição e mostrou uma série de eslaides sobre a Cooperativa, fundada há 25 anos exatamente em função da cultura do trigo, comentou a situação da lavoura e apontou a preocupação que se tem com o futuro da triticultura na região.

AUTO-SUFICIÊNCIA

Os visitantes se mostraram impressionados com a extensão dos prejuízos que sofreu a lavoura nesta safra, questionando inclusive a tecnologia empregada pelos produtores. Segundo eles, há o interesse do país alcançar a auto-suficiência em trigo, contando também com um produto de qualidade para a panificação.

O presidente da Cotrijuí

analisou a instabilidade que se vive com o trigo, que pulou de uma área de 899.240 hectares cultivados no Rio Grande do Sul no ano passado, para uma extensão de 1.286.240 hectares nesta safra. Segundo ele, é preciso que se realize uma ampla discussão em cima da questão trigo. As limitações na produção, como ele afirmou, não serão superadas com um pacote tecnológico que pregue, por exemplo, a aplicação maciça de fungicidas na lavoura:

— O fungicida tem que ser analisado, pois apenas um pequeno grupo de produtores tem tecnologia para a sua aplicação. É preciso considerar também a questão de custos, porque produzir farinha em cima de fungicidas não dá, é inviável. Nós defendemos uma tecnologia moderada a nível de massificação, pois não adianta colher 30 sacos de trigo se vou ter prejuízo e ficar sem recursos para fazer a lavoura do ano seguinte.

Quando você aplica Blazer,[®] a única coisa que fica em pé é a soja.

É só pulverizar Blazer sobre a lavoura de soja e você verá, 2 a 3 dias depois, mortos pelo chão: o Amendoim

Bravo ou Leiteiro, o João, o Carurú, a Trapoeraba, o Picão Preto, o Picão Branco, a Corda de Viola ou Cipozinho.

A matança é total. O Carrasco só deixa em pé mesmo, a soja. Se você já aplicou Blazer, sabe que isso é

verdade. Caso nunca tenha usado, pergunte a quem já aplicou e só ouvirá uma resposta: O Carrasco é um "baita" produto.



Blazer.
O carrasco das ervas de folhas largas.

Agora também em formulação instantânea: Blazer 16-SC.

SINDICATO DOS TRABALHADORES RURAIS DE IJUÍ - RS

CARTA SINDICAL Nº 154.823/64 DE 30/11/1.965

Em cumprimento ao disposto no Decreto Lei nº 6.386, de 09.12.1976, publicamos a seguir o resumo da Suplementação de Verbas à Previsão Orçamentária para o exercício de 1.982, aprovada em Assembléia Geral Extraordinária realizada em 15 de outubro de 1982.

CONTAS	RENDA PRÓPRIA Cr\$	RENDA SINDICAL Cr\$	TOTAL Cr\$
RECEITA			
Renda Tributária		1.100.000,	1.100.000,
Renda Social	2.000.000,		2.000.000,
Renda Patrimonial	400.000,		400.000,
Renda Extraordinária	1.500.000,		1.500.000,
Mobilização de Capitais			
TOTAL GERAL	3.900.000,	1.100.000,	5.000.000,
DESPESA:			
Administração Geral			
Contrs. Regulamentares		300.000,	300.000,
Assistência Social	2.300.000,	800.000,	3.100.000,
Outros Serv. Sociais			
Assistência Técnica			
Desp. Extraordinárias			
TOTAL DO CUSTEIO	2.300.000,	1.100.000,	3.400.000,
Aplicação de Capitais	1.600.000,		1.600.000,
TOTAL GERAL	3.900.000,	1.100.000,	5.000.000,

Ijuí (RS), 18 de outubro de 1982
CARLOS KARLINSKI Presidente
FREDERICO CASALI Tesoureiro
ARLINDO BAUERMANN
 Técnico em Contabilidade CRC. RS Nº 22.688

A experiência dos vizinhos pode servir também para nós

A comprovação de que a Cotrijuí está seguindo por um caminho certo na sua preocupação com a integração lavoura/pecuária, rotação de culturas, diversificação, e na busca de uma melhor ocupação do solo e também maior estabilidade econômica ao produtor, foi o que constataram o Rivaldo Dhein, Gerente da Divisão de Solos e o João Valmir Cezimbra Lopes, do Departamento de Estudos Econômicos da Cotrijuí, numa visita a Centros Experimentais e propriedades rurais da Argentina e do Uruguai.

Os técnicos da Cotrijuí visitaram estes dois países contando com passagens e estadias pagas pelo Programa Cooperativo de Investigaciones Agrícolas, através de um convênio com IICA (Instituto Interamericano de Cooperacion para la Agricultura) por parte da Embrapa (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária). Lá eles observaram que o tratamento dado ao solo é bem diferente do que conhecemos por aqui. Apesar dos solos uruguaios e argentinos apresentarem melhores condições que os da nossa região — pois são mais profundos, planos, bem drenados, com boa capacidade de retenção de água e férteis — são trabalhados com uma tecnologia moderada. É comum a prática de rotação de culturas, envolvendo pastagens, com predominância das leguminosas e culturas destinadas à produção de grãos.

PASTOREIO EM RODÍZIO

Em Marcus Juarez, Argentina, o Rivaldo Dhein e

João Lopes visitaram a Estacion Experimental Regional Agropecuária do INTA, onde puderam observar o sistema de produção agrícola perfeitamente integrado com a pecuária de corte e com a suinocultura. Também conheceram experimentos de novas variedades de trigo e produção de alfafa (principal pastagem cultivada na Argentina). As pastagens perenes são cultivadas durante quatro anos numa mesma área, e depois elas entram em rotação nesta mesma área, com o sorgo, o milho, a soja, o trigo, a cevada. Adotam o sistema de pastejo com rodízio obtendo com isso resultados satisfatórios.

Ainda em Marcus Juarez, na visita ao Estabelecimento Demonstrativo Agrícola Porcino, os técnicos acompanharam a criação de suínos em piquetes. O que mais chamou a atenção foram as instalações bastante rústicas, com o mínimo de investimentos, contando com abrigos móveis que podem ser deslocados de um piquete para outro na medida que os animais também são transferidos de encerra.

SUPORTE

A utilização de pastagens para engorde de novilhos, principalmente do trevo, manejo de solos no cultivo do arroz e a possibilidade de incorporação de novas culturas em rotação, são alguns dos experimentos que vêm sendo realizados no Centro de Investigaciones Agrícolas "Alberto Boerger", na Estacion Experimental Agrope-

cuária "La Estanzuela", em Colônia, e na Unidad Experimental de Young, no Uruguai. Em "La Estanzuela", encontram-se em fase bem adiantada as experiências com pastagens, quando são colocadas em várias áreas do mesmo tamanho quantidades diferentes de animais, para observar a capacidade de suporte das pastagens.

Na Cooperativa Agropecuária de Young Ltda - Cadyl -, uma das maiores do país, com cerca de 700 associados e uma capacidade de armazenagem de 60 mil toneladas, houve muita troca de informações pelas duas cooperativas sobre diversificação culturas, tecnologias empregadas na lavoura e sistemas de integração.

AGRUPAMENTOS DE PRODUTORES

Em Montevideu, eles visitaram os escritórios do IICA e e do Fucrea (Federação Uruguia nos Centros de Experimentação Agropecuária). Ali,



Rivaldo Dhein

Rivaldo e o Lopes receberam maiores informações sobre o funcionamento dos agrupamentos de produtores do Crea (Centro Regional de Experimentação Agropecuária) que em são em número de 45 em todo o Uruguai. Esses agrupamentos, também conhecidos por núcleos, são formados por pequenos produtores que recebem assistência de um ou mais técnicos, contratados pelos próprios produtores. Uma vez por mês os técnicos e os produtores se reúnem e discutem seus problemas, que são levados para a reunião da Fucrea. Ali cada técnico relata o que está sendo feito na sua região pelo seu núcleo, em termos de produção e de introdução



João Cezimbra Lopes

de novas tecnologias.

Nas conversas e trocas de informações, o pessoal da Fucrea ficou sabendo que na Região Pioneira 76 por cento dos produtores possuem menos do que 25 hectares. Um tanto espantado, um dos técnicos disse que a única saída, em casos como o da Região Pioneira, seria a integração de várias propriedades. "Segundo este técnico", contou o Rivaldo "alguns produtores desse grupo se especializariam na produção de leite, por exemplo, outros em terminação de novilhos para a produção de carne, e assim por diante". A solução para o pequeno, na visão deste técnico, é buscar solução para os seus problemas de forma coletiva.

SINDICATO DOS TRABALHADORES RURAIS DE IJUÍ - RS			
CARTA SINDICAL Nº 154.823/64 DE 30/11/1.965			
Em cumprimento ao disposto no Decreto Lei nº 6.386, de 09.12.1976, publicamos a seguir o resumo da Previsão Orçamentária para o exercício de 1.983, aprovado em Assembléia Geral Ordinária realizada em 15 de outubro de 1982.			
CONTAS	RENDA PRÓPRIA Cr\$	RENDA SINDICAL Cr\$	TOTAL Cr\$
RECEITA			
Renda Tributária		2.500.000,	2.500.000,
Renda Social.	45.167.000,		45.167.000,
Renda Patrimonial	2.450.000,		2.450.000,
Renda Extraordinária.	14.150.000,		14.150.000,
Mobilização de Capitais			
TOTAL GERAL	61.767.000,	2.500.000,	64.267.000,
DESPESA:			
Administração Geral	23.433.000,		23.433.000,
Contr. Regulamentares		400.000,	400.000,
Assistência Social	36.964.000,	2.100.000,	39.064.000,
Outros Serv. Sociais.	300.000,		300.000,
Assistência Técnica	150.000,		150.000,
Desp. Extraordinárias.			
TOTAL DO CUSTEIO	60.847.000,	2.500.000,	63.347.000,
Aplicação de Capitais.	920.000,		920.000,
TOTAL GERAL	61.767.000,	2.500.000,	64.267.000,

Ijuí (RS), 18 de outubro de 1982
 CARLOS KARLINSKI Presidente
 FREDERICO CASALI Tesoureiro
 ARLINDO BAUERMANN Técnico em Contabilidade CRC. RS Nº 22.688

Peça na sua Cooperativa LORSBAN*

Inseticida-acaricida para: soja, café, trigo, algodão, amendoim, citros, batata, cenoura, couve, repolho e tomate.

LORSBAN é versátil controlando várias pragas em diversas culturas

LORSBAN é seguro pois aplicado de acordo com as recomendações do rótulo não prejudica as pessoas e a natureza.

LORSBAN é prático fácil de aplicar e pode ser misturado com a maioria dos defensivos, micronutrientes e fertilizantes foliares.

LORSBAN é econômico por ser eficaz e fácil de usar.

LORSBAN é ativo mantendo a lavoura livre das pragas, por longo tempo.

LORSBAN tem sua eficiência comprovada tanto pelos órgãos de pesquisa e extensão, como pelos milhares de fazendeiros que já utilizam LORSBAN em suas lavouras.



DOW DOW QUÍMICA S.A.

* Marcas de The Dow Chemical Co.

Técnicos agrícolas assumem a briga do receituário e regulamentação da profissão

Está ganhando força o movimento que os técnicos agrícolas vêm conduzindo há bastante tempo, para que a categoria tenha finalmente sua profissão regulamentada. No dia 16 de outubro, o assunto foi discutido em Ijuí, durante um encontro da 3a. regional da Atargs — Associação dos Técnicos Agrícolas do Rio Grande do Sul, que abrange 14 municípios do noroeste do Estado. E foi nesse encontro que os profissionais da região decidiram que o movimento deve ser mais conseqüente, pois a situação dos técnicos agrícolas chega a ser, segundo eles, humilhante.

A humilhação existe de fato e se manifesta de várias formas, como ressal-

taram o presidente da Atargs, Edgar da Silva, o vice-presidente Sadi Pereira, e o presidente da regional, João Valmir Cezimbra Lopes. Os técnicos não têm o direito de assinar laudos sobre a situação de lavouras, também não estão habilitados para assinar o receituário agrônomo e não podem cumprir com autonomia uma série de tarefas que, de acordo com a lei, é exclusividade dos agrônomos.

Uns 60 profissionais participaram do encontro em Ijuí, na Escola Assis Brasil, e todos estes aspectos foram debatidos. A regulamentação da profissão, que daria mais segurança à categoria, garantindo direitos que hoje ela não tem,

está engavetada no Ministério do Trabalho desde 1968. Naquele ano, foi aprovada a lei 5.525, que trata da regulamentação, mas até hoje este documento não foi assinado pelo Ministério, para que não só os técnicos agrícolas mas também os técnicos industriais tenham sua profissão reconhecida legalmente.

RECEITUÁRIO

Desde agosto a campanha pela regulamentação foi intensificada, com o apoio até de políticos, mas em Brasília ninguém se manifesta sobre o assunto. Houve também uma série de apelos, ao governo do Estado, para que os técnicos fossem habilitados a assinar o receituário agro-



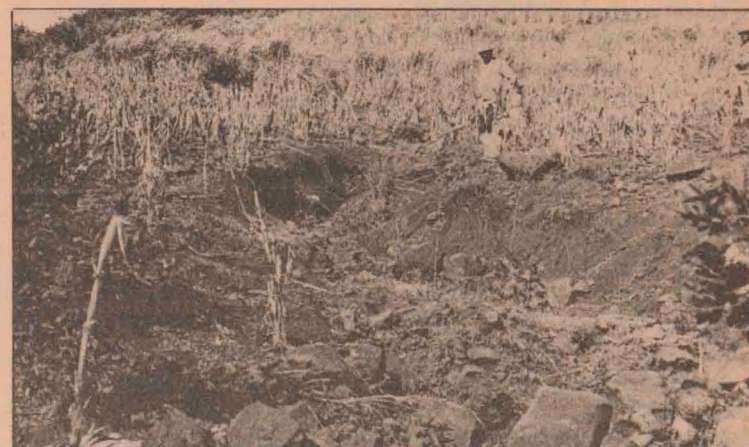
A reunião dos técnicos decidiu que o movimento deve ser mais conseqüente

nômico. A reivindicação se repetiu várias vezes, em forma de ofício ao governo, mas em setembro o decreto que cria o receituário agrônomo (para prescrição de defensivos) foi regulamentado, e os técnicos ficaram de fora, sem ao menos receberem uma resposta.

Para os participantes do encontro do dia 16, a Atargs deve deixar de lado, a partir de agora, as reivindicações feitas por ofício, e passar a exigir pelo me-

nos uma resposta das autoridades que decidem nessa área. Apesar do presidente da associação pedir moderação aos técnicos, eles sugeriram inclusive que se formem caravanas, que iriam a Brasília levar pessoalmente o apelo ao Ministério do Trabalho, para que a regulamentação seja assinada. Também no caso do receituário, o assunto deve — segundo os profissionais — ser tratado mais de perto com o governador.

Um Centro para tentar conservar o solo gaúcho



No início do ano que vem estará implantado em Santo Augusto o Centro Estadual de Conservação do Solo, criado por decreto governamental no final do mês de outubro. Este Centro estará em funcionamento na Estação Experimental da Secretaria da Agricultura, e servirá como local de pesquisa e demonstração de práticas conservacionistas.

O local foi escolhido porque está numa região que apresenta características de todos os tipos de solos existentes no Rio Grande do Sul. Este Centro tem o objetivo de orientar os agricultores para o uso da capacidade do solo, procurando evitar o manejo inadequado que está levando ao aumento

da erosão em todo Rio Grande do Sul.

CONCURSO

No mesmo dia em que foi assinado pelo governador Amaral de Souza o decreto de implantação do Centro, também foi lançada pela Secretaria da Agricultura uma campanha conservacionista. Esta campanha deverá ser levada a todos agricultores gaúchos, procurando conscientizar os produtores da necessidade de preservar o solo do Rio Grande. A campanha prevê o concurso "Propriedade Destaque em Conservação do Solo", que irá premiar os agricultores que utilizem técnicas para alcançar a maior produtividade, sem que com isso comprometam a qualidade natural do solo de sua propriedade.



BLADEX

Controla as ervas daninhas de folhas largas sem deixar resíduos no solo

BLADEX é o herbicida mais eficiente no controle de ervas daninhas de folhas largas que atacam as culturas de algodão, milho e soja. BLADEX tem como princípio ativo a Cyanazina, inibidor da fotossíntese, não deixa vestígios nem efeitos residuais, pois é biodegradado. BLADEX pode ser combinado com qualquer graminicida, bastando seguir as recomendações do fabricante.



BLADEX



Shell Química

técnica e pesquisa a serviço de um mundo melhor

Pesquisa oficial deverá acompanhar mais as iniciativas paralelas

Um compromisso assumido entre a Embrapa (Empresa Brasileira de Pesquisas Agropecuárias) e a Cotrijuí pode marcar o início de um entendimento mais efetivo entre dirigentes e técnicos deste órgão oficial e da Cooperativa, na área da pesquisa e experimentos. O compromisso ainda não está no papel, mas existe de fato desde o dia 14 de setembro, depois de muitas trocas de idéias entre o diretor da Embrapa, José Prazeres Ramalho de Castro, e o presidente e o diretor técnico da Cotrijuí, Ruben Ilgenfritz da Silva e Renato Borges de Medeiros, com a participação de pesquisadores das duas entidades.

Ramalho de Castro veio de Brasília para conhecer especialmente os trabalhos que a Cooperativa desenvolve há vários anos no CTC - Centro de Treinamento, em Augusto Pestana. Ele chegou a Ijuí na tarde do dia 13, e seguiu direto do aeroporto para o CTC, acompanhado do representante da Embrapa no Rio Grande do Sul, José da Costa Sacco; do Chefe do Centro Nacional de Pesquisas do Trigo de Passo Fundo, Edar Peixoto Gomes; do chefe da unidade da Embrapa em Dourados, Delmar Pottker; e do assessor da diretoria da Embrapa em Brasília, o economista Vitor Afonso Hoeflich.

APELO

No CTC, eles percorreram as áreas com experimentos durante umas três horas, e depois debateram o que viram com Ruben Ilgenfritz da Silva, Renato Borges de Medeiros e o vice-presidente da Cotrijuí, Arnaldo Drews, em encontro na Afucotri. No outro dia pela manhã, Ramalho de Castro esteve na sede da Cooperativa, para uma visita que deveria ser breve mas que se prolongou até ao meio-dia. Foi durante esta visita que o pessoal da Embrapa e da Cotrijuí pôde ir mais a fundo num debate informal sobre a situação da pesquisa agropecuária.

Um apelo feito pela Cotrijuí, durante esta reunião, para que exista um maior intercâmbio entre os seus técnicos e os pesquisadores da Embrapa, foi logo aceito por Ramalho de Castro. "Nós não pretendemos ter o monopólio da introdução de culturas e dos resultados destes trabalhos, e desejamos, isto sim, que a iniciativa privada também participe das ati-

vidades nessa área", disse o diretor da Embrapa. Ele assegurou que até mesmo as divergências existentes, quanto aos métodos de trabalho, são estimulantes para que se busque um maior entendimento.

Houve consenso, entre os participantes do encontro na sede da Cotrijuí, de que a pesquisa atua de acordo com as definições da política oficial, que estabelece prioridades a partir do próprio crédito rural. É assim que as chamadas culturas tradicionais e com maior expressão econômica, como o milho, o trigo, a uva, vêm absorvendo os investimentos na área da pesquisa. Mas isso não impede, como enfatizou o presidente da Cotrijuí, que se passe a pensar na possibilidade de incentivar iniciativas que estejam em busca de novas alternativas para a lavoura, como acontece na região da soja e do trigo.

PILOTO

Quando o compromisso assumido em Ijuí for melhor esmiuçado, isto deverá acontecer com o apoio da Embrapa, conforme o que ficou acertado. Há disposição para um trabalho conjunto, por exemplo, na área de forrageiras, para que a diversificação vá se consolidando a partir da integração lavoura-pecuária. Este foi um dos aspectos mais ressaltados pelo diretor técnico da Cooperativa, que insistiu, entre outros pontos, no esgotamento da exploração sucessiva e danosa da lavoura de trigo.

Ramalho de Castro se dispôs a analisar uma proposta de trabalho da Cooperativa, para que o intercâmbio se concretize. Ele acredita que a Cotrijuí pode inclusive apresentar um "plano piloto", ou seja, um projeto que sirva de modelo para outros programas no campo da diversificação. Ele chegou a se entusiasmar com o trabalho do pessoal da Cotrijuí, ao ponto de fazer esta afirmação: "Vocês têm estrutura, têm condições de até mesmo apresentar uma proposta concreta que possa influir na política oficial do governo para a agricultura".

VAZIO

Outro entusiasmado com o trabalho que a Cotrijuí desenvolve, através do programa de diversificação na área dos experimentos, era o representante da Embrapa no Estado, José da Costa Sacco. Segundo ele, o

Rio Grande do Sul poderia ter, espalhadas em suas várias regiões, unidades que funcionassem nos mesmos moldes do CTC. Para José Sacco, o CTC é o que se poderia chamar de solução para o vazio que existe entre a pesquisa e a extensão.

"Um centro como este pode ser mais eficiente que a extensão que se pratica hoje", disse ele, referindo-se ao sistema de trabalho utilizado pelos órgãos oficiais para que as novas tecnologias e a assistência sejam levadas ao produtor. O representante da Embrapa no Estado entende que não há como os centros de pesquisa escaparem da realidade de que precisam acompanhar iniciativas paralelas, como a que a Cotrijuí desenvolve no experimento de forrageiras.

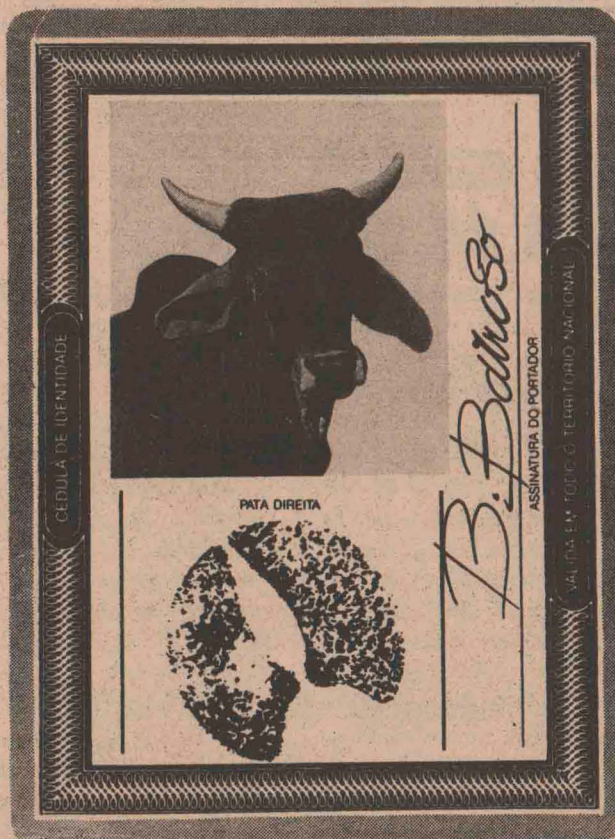


Ramalho de Castro (ao centro), ficou entusiasmado com o que viu no CTC



O pessoal da Embrapa percorreu durante três horas os experimentos

Brasileiro, solteiro, vacinado.



As Vacinas Irfa imunizam os rebanhos contra a febre aftosa, garantindo saúde aos animais e maiores lucros ao criador.

É um produto totalmente gaúcho, com a qualidade e eficiência Irfa.

Prestigie o que é nosso.



Vacinas Irfa
Instituto Riograndense
de Febre Aftosa

O ALIMENTO FAZ O CORPO SAUDÁVEL

Do estado nutricional de um povo depende o seu estado de saúde, sua capacidade de trabalho, seu rendimento intelectual. A educação alimentar e o próprio alimento são fatores importantes para evitar a desnutrição ou mesmo uma superalimentação.



Há milhões de crianças no mundo que vivem em estado de fome absoluta

A família se envolve nas decisões do consumo

Uma participação mais ativa da família do associado nas decisões da Cooperativa, principalmente no que se refere à área de consumo, sempre procurando envolver o produtor e o consumidor, foi o assunto que mais se discutiu durante a reunião de representantes dos núcleos cooperativos de senhoras e filhas de associados, representantes eleitos e alguns associados da Unidade de Jóia. A reunião aconteceu no dia 14 de outubro, nas dependências do Refeitório da Cooperativa, e contou com a participação do Gerente da Unidade, Alfonso Conrad, dos comunicadores Neuza Scheffler, Noemi Huth,

João Frantz e do pessoal da área de consumo, Élio Kettnerhuber e Adair Santos.

Os representantes eleitos, tanto de associados como dos núcleos de senhoras, não deram muita folga ao pessoal da Cooperativa e queriam respostas ou justificativas para todos os problemas levantados na área de consumo de Jóia, que iam desde a falta de determinadas mercadorias, consideradas essenciais, na loja e mercado, até os motivos de tantas remarcações nos produtos. O Élio Kettnerhuber, Coordenador da Supervisão de Consumo da Cotrijuí, começou as explicações fazendo uma pequena análise das

É sabido que a alimentação desempenha um papel importantíssimo no crescimento, no rendimento do trabalho, na saúde. Muitas doenças aparecem quando a pessoa não ingere os alimentos que o organismo necessita ou pelo menos as quantidades certas.

A criança mal alimentada apresenta pouco crescimento, pouco peso, lentidão no andar, no pensar e no falar, tem barriga, pernas e braços inchados, olhos secos, cabelos sem brilho, tristeza e falta de energia. Nos adultos, os sintomas por causa da subalimentação se mostram de forma diferente. A pessoa sente fraqueza, cansaço pelo corpo inteiro, perda de apetite, tem anemia, feridas nos cantos da boca, dormência pelos pés e pelas mãos. Se um adulto sente dores de cabeça, diarreia, mau estar no estômago, palpitações, falta de ar, e não se alimenta direito, seu estado de saúde só tende a piorar, e seu organismo fica ainda mais debilitado.

Uma criança ou até mesmo um adulto mal alimentado fica sem nenhuma resistência a qualquer doença, desde a simples gripe até às infecções. Uma diarreia numa criança desnutrida, pode até matá-la, tal o seu estado de fraqueza; o sarampo, a tuberculose e gripes atacam de forma muito mais forte numa criança que quase não se alimenta.

FORMAÇÃO DE ANTICORPOS

Uma boa alimentação ou uma alimentação regular, além de prevenir o ataque de doença, fortalece o corpo na luta contra qualquer doença. Os cuidados com a alimentação de uma pessoa doente devem ser redobrados, pois é neste período que o corpo precisa de reforços. Uma criança deve comer desde cedo, a partir de alguns meses de vida, frutas e verduras, para que crie anticorpos contra doenças. Uma pessoa que se alimenta só com arroz, pão, batatas, massa e deixa de comer ovos, leite, verduras e frutas fica com o organismo muito sensível, sujeito até ao ataque da "pelagra", uma doença que apresenta como sintomas placas pelos braços.

Um corpo saudável necessita obrigatoriamente de alimentos ricos em proteínas, como o leite, ovos, carne, feijão, alimentos ricos em açúcar e amidos, farinhas, que fornecem energia; ricos em óleo e gorduras, que se encarregam de formar reservas de energia; alimentos ricos em minerais e vitaminas, como as frutas e os vegetais, responsáveis pela proteção do corpo.

Por comer bem entende-se comer o suficiente, aquilo que agrada ao corpo e não somente aos olhos e ao estômago. É comer de tudo, sem comer tudo.

COMER FAZ MAL?

Muita gente acredita que determinados alimentos fazem mal à saúde. Por causa desta velha teoria, que nada tem de verdadeira, muitas pessoas

acreditam que existem alimentos que fazem mal à mulher logo após o parto ou a que está amamentando. Esta crença de que alimentos fazem mal, pode muito bem enfraquecer a mãe, deixá-la anêmica ou até matá-la. Pelo simples fato de não ingerir frutas, verduras e leite, o corpo perderá a resistência contra hemorragias e infecções. Uma outra teoria diz que comer laranjas, bergamotas, limões, goiabas, abacaxis e outras frutas, quando uma pessoa está gripada ou com tosse, não faz bem ao organismo. Isto é pura ilusão, e além de tudo é um grande erro, pois é bem neste período que o organismo precisa de vitaminas, para proteger o corpo, e que só podem ser encontradas nestes alimentos. Ou ainda, algumas pessoas acreditam que a carne de porco, certos condimentos ou frutas não devem ser ingeridas junto com medicamentos. Estes alimentos somente devem ser evitados quando a doença for estomacal ou intestinal, e nada têm a ver com os medicamentos.

Muitas vezes, os alimentos evitados quando a pessoa está doente, são aqueles que mais fazem falta para ajudar na recuperação. Um doente tem mais necessidade de comer alimentos nutritivos do que uma pessoa sadia. Ovos, leite, carne, peixe, verduras, frutas, são alimentos que não podem ser dispensados da dieta de um doente.

OS INIMIGOS DA SAÚDE

Existem inimigos de nossa saúde? Sim. Um deles é o álcool, que causa ou piora a situação de quem tem problemas de fígado, estômago, nervos; o fumo prejudica quem sofre de tuberculose, asma, bronquite, ou durante a gravidez; o excesso de açúcar pode destruir os dentes; os corantes das balas e chicletes contribuem para o aparecimento de câncer no intestino e no aparelho urinário, e o café e as gorduras prejudicam quem sofre de úlceras estomacais.

As vitaminas precisam ser buscadas nos alimentos e não nos remédios, como nas injeções, xaropes, ou fortificantes. Não use vitaminas como alimentos nutritivos. Só como exemplo, podemos citar o caso da vitamina A. Pesquisas realizadas em seres humanos dizem que o excesso de vitamina A inibe o crescimento ósseo, tornando o esqueleto mais frágil. Também já está comprovado que o excesso de vitamina "A" é responsável pelas lesões hepáticas, alterações nutritivas e cataratas.

É importante sabermos que a vitamina "A" é usada de forma indiscriminada como aditivo nos alimentos, sob a forma de corantes. Muito usada em balas, chocolates, licores, massas, sorvetes, queijos, recheios de bolos, biscoitos e confeitarias em geral, refrescos em pó, refrigerantes e xaropes artificiais.

(Departamento de Comunicação e Educação Área Feminina - Cotrijuí.)



A discussão sobre o consumo predominou na reunião em Jóia

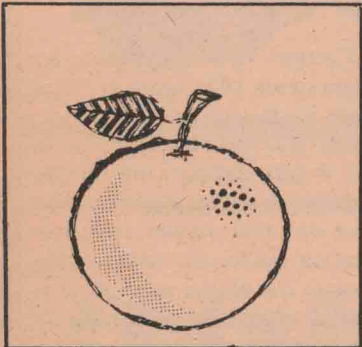
questões levantadas e das dificuldades enfrentadas no abastecimento da Central e das lojas e mercados da Região Pioneira, que são em número de 30. No final, o Élio convidou o pessoal a fazer uma visita na Central, em Ijuí. "A remarcação", explicou, "é imprescindível, na medida em que não pode haver prejuízos no setor de consumo".

UMA FEIRA EM JÓIA

Durante o resto da tarde, depois de esgotado o assunto consumo, o pessoal conversou muito ainda sobre assuntos gerais, como a problemática do leite (formação de cota excessiva), normas de recebimento de trigo e sobre a validade da instalação de uma Feira em Jóia para a venda de produtos coloniais, produzidos pelos próprios associados, como ovos, queijo, salame verduras...

No final da reunião ficou o consenso de que todos os problemas poderão ser resolvidos, se houver cobrança por parte do associado e também participação direta nas decisões e soluções destes problemas.

A LAVOURA NO MÊS



POMAR DOMÉSTICO

Os pessegueiros precoces estão com a produção já em fase de maturação. Por esta razão não se deve fazer aplicações de defensivos.

As variedades tardias exigem mais uma aplicação de inseticida contra a mosca das frutas, para que assim se mantenham isentas

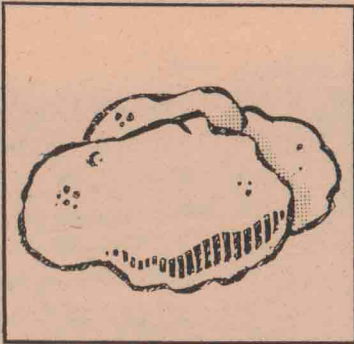
desta praga.

As videiras na região têm sido intensamente atacadas de "antracnose", que se caracteriza por pequenos ferimentos nas brotações novas. Elas podem vir até a morrer com a evolução da doença, pois em sua fase mais adiantada ataca também os frutos, que ficam com manchas, conhecidas como "olho de passarinho". Esta doença deve ser tratada imediatamente, evitando que cause prejuízos irrecuperáveis.

A antracnose, juntamente com a "peronospora" e "podridões", que são doenças que surgirão daqui em diante, devem ser tratadas de acordo com a orientação do Departamento

Agrotécnico.

Em relação a figueira, devem ser mantidos os tratamentos contra a ferrugem, para assegurar a melhor produção.

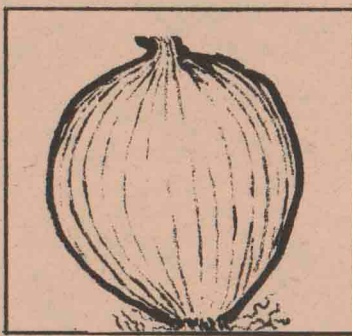


BATATA

Os produtores que anteciparam o plantio esperando a não ocorrência de geada, acertaram em relação a este aspecto. Não se livraram, porém, do severo ataque da requeima que tem prejudicado seriamente a produção. A requeima é uma doença muito prejudicial para a bata-

ta, que neste ano tem sido especialmente danosa ao potencial produtivo das lavouras.

Os tratamentos com fungicidas em algumas lavouras têm mantido o potencial de produção e poderão resultar em produção de qualidade. É importante lembrar que a batata, para apresentar melhores condições de armazenagem, deve passar por um período em que forma a casca, o que pode ocorrer com a batata ainda no solo, mas com a rama cortada.



CEBOLA

As lavouras de cebola apresentam uma situação bastante irregular, havendo lavouras com boas condições e outras com pequeno potencial de produção.

A variedade Baía Periforme, implantada a partir de sementes produzidas em Dom Pedrito, ainda vem, em média, se mantendo bem, apesar da ocorrência de doenças.

O próximo período será o da colheita da cebola, lembrando-se que quem quiser ter este produto com boas condições durante maior período do ano, deve atentar para desde agora dar as condições para manter a qualidade do produto. A cura a campo por um dia e, posteriormente, estaleirando em um galpão ventilado, são condições necessárias para que o produto se conserve, desde que já venha com qualidade da lavoura.

HORTA DOMÉSTICA PARA 5 PESSOAS

Repolho	12 m ²	cultivado em 3 épocas	- 36 m ²
Couve	12 m ²	cultivada em 2 épocas	- 24 m ²
Rabanete	4 m ²	cultivado em 6 épocas	- 24 m ²
Tomate	10 m ²	cultivado em 2 épocas	- 20 m ²
Pepino	10 plantas		- 25 m ²
Alface	12 m ²	cultivado em 6 épocas	- 72 m ²
Rúcula	6 m ²	cultivado em 4 épocas	- 24 m ²
Cenoura	18 m ²	cultivado em 2 épocas	- 36 m ²
Cebola	40 m ²	cultivada em 1 época	- 40 m ²
Condimentos	2 m ²	cultivados em 2 épocas	- 4 m ²
Total	119 m²		

HORTA SUGERIDA PARA OUTUBRO/NOVEMBRO

Espécie	Variedade
Repolho	Matzukaze
Couve	Manteiga Geórgia
Rabanete	Redondo vermelho, Saxa
Rúcula	Cultivada
Cenoura	Kuroda Nacional
Alface	Maravilha de verão, Kograner
Beterraba	Tall Top Early Wonder
Tomate	Kada, Yokota
Pepino	Wisconsin

12,5 m

6 m	12,5 m	6 m
Outubro Cenoura III		Outubro Tomate
Outubro Beterraba II		Outubro Tomate
Outubro Espinafre		Outubro Repolho II
Outubro Couve II		Outubro Pepino
Outubro Repolho II		Outubro Pepino
Outubro Repolho III		Outubro Condimentos
4 m	Cebola - observar limpeza da área Prevenir moléstias. Espaçamento: 10 cm entre plantas 30 cm entre linhas	



Sutan^{MR}

É milho no capricho.

Capricho que começa antes do plantio. Enquanto a maioria dos herbicidas para milho só pode ser aplicada depois do plantio, Sutan você aplica em pré-plantio incorporado.

Resultado: dispensa sol e chuva e, ainda por cima, corta o mal pela raiz. Não deixa sequer as ervas daninhas germinarem.

Controlar as invasoras antes que elas surjam é a maneira mais eficiente de assegurar uma lavoura altamente produtiva.

Aplicar Sutan em pré-plantio incorporado. Chova ou faça sol, é eficácia garantida.

Com a garantia Stauffer.



Stauffer Produtos Químicos Ltda.
Matriz: Av. Brigadeiro Faria Lima, 2003 - 17º andar - CEP 01451
Tel. (011) 210-8633 - São Paulo - SP
Filial: Praça Dom Feliciano, 39 - conj. 902
Tel. (0512) 21-7488 - Porto Alegre - RS

© marca registrada da Stauffer Chemical Company, Westport - Conn., USA.

PROJETO DE PISCICULTURA REFORÇA DIVERSIFICAÇÃO



A estação ocupará uma área de quatro hectares, e distribuirá alevinos para todo Estado

Procurar alevinos selecionados e de raça pura já foi problema para quem lida na atividade. De agora em diante certamente isso será coisa do passado. É que a Cotrijuí começa a instalar, no Centro de Treinamento, em Augusto Pestana, uma Estação de Piscicultura capaz de produzir até um milhão de alevinos por ano. Esta Estação deverá servir de veículo distribuidor de alevinos aos associados e outros interessados.

Recentemente foi aprovado pela Sudepe (Superintendência de Desenvolvimento de Pesca), um órgão ligado ao Ministério da Agricultura, um projeto de implantação e funcionamento, já para o início do próximo ano, de um laboratório de estudos e pesquisa, um reservatório d'água e mais os tanques para reprodução e desenvolvimento dos alevinos. A Estação vai ocupar toda a área ao redor da antiga piscina e mais o velho açude, que começa a ser reformado para servir como reservatório.

O projeto, totalmente financiado pela Sudepe em convênio com o BID (Banco Internacional de Desenvolvimento) através do BNCC, deverá ser pago em 10 anos, contando ainda com mais dois de carência.

TRABALHO PIONEIRO

Bastante animado com a aprovação do projeto e as obras de implantação, o Nilo Rubem Leal da Silva, engenheiro florestal responsável pela atividade de piscicultura dentro da Cotrijuí, garante que a Cooperativa só conseguiu sua liberação (primeiro do programa da Sudepe entre 10 em todo o Brasil), graças ao trabalho pioneiro que vem sendo feito há seis anos com associados da região e no CTC.

A aprovação do projeto só aconteceu mesmo depois que o Superintendente da Sudepe, José Ubirajara Timm, este-

ve em Ijuí (novembro de 1980), visitando o CTC e mais alguns produtores da região envolvidos na atividade. Durante a visita de reconhecimento, Ubirajara Timm ficou satisfeito com o que viu, mas a aprovação do projeto só aconteceu mesmo em julho passado, tantas eram as exigências. "Para nós", comenta o Nilo, "essa aprovação veio como um prêmio pelo trabalho desenvolvido pela Cotrijuí e o interesse dos associados".

ATENDER A TODOS

De acordo com o projeto, a Estação de Piscicultura ocupará quase quatro hectares de área e servirá como veículo distribuidor de alevinos de carpas e nilótica para todo o Estado. "Como a Estação vai nos possibilitar várias reproduções de alevinos durante o ano, teremos condições de atender os associados em diferentes épocas. E com peixes selecionados de raças puras, que é o mais importante", como faz questão de salientar o Nilo. Esta é a grande vantagem da Estação, que vai evitar do produtor ter de andar procurando alevinos para povoar seu açude "e que nem sempre são de boa qualidade e nem apresentam bons resultados finais.

Como a Cotrijuí não tem tido condições de vencer tantos pedidos, muitos associados andaram comprando alevinos de qualidade inferior, que por falta de alimentação adequada não conseguiram atingir um desenvolvimento satisfatório. Se o alevino é puro e selecionado, com o mínimo de ração poderá atingir facilmente um quilo e duzentos gramas logo no primeiro ano. "O que não acontece com alevino de qualidade inferior, que vai exigir o dobro de ração e mais dois anos para atingir o mesmo peso", como salienta o Nilo.

O LABORATÓRIO

A Estação de Piscicultura será formada por um grande açude, que servirá

como reservatório de água para abastecer os 40 tanques usados para a reprodução e desenvolvimento dos alevinos e estocagem de matrizes. Em dois tamanhos diferentes, os tanques terão 10 metros de comprimento por 10 de largura e 10 de comprimento por 25 de largura.

Os tanques serão construídos em solo natural, sem nenhum revestimento, apenas compactado, com uma profundidade média de um metro. Ao lado dos tanques serão construídos canais de escoamento e abastecimento de água por gravidade. A área de água projetada (só para os tanques) deverá alcançar cerca de oito mil metros quadrados.

O laboratório ficará instalado na mesma área dos tanques e do açude. No mesmo prédio ficará o depósito de ração e o material de pesca e mais um escritório. O laboratório será equipado com toda a espécie de aparelhagem necessária para o desenvolvimento da atividade. Entre outros aparelhos, poderão ser encontrados no laboratório, Ph metros (utilizado na medição do ph de água), microscópios e lupas binoculares (usadas na identificação de doenças e análise da fertilidade da água), um aparelho para medir a quantidade de oxigênio dissolvido na água, além de redes e tarros apropriados para o transporte dos alevinos.

Após a reprodução, os alevinos permanecerão na Estação ainda por dois meses, até atingirem o desenvolvimento ideal (seis centímetros de comprimento) para só então serem repassados aos associados.

Além da distribuição de alevinos selecionados, a Estação de Piscicultura possibilitará o crescimento da atividade na região, servindo como mais uma forma de diversificação da exploração econômica à nível de pequenas propriedades.

Um trabalho de seis anos

A Cotrijuí vem trabalhando em piscicultura desde 1976, quando vários produtores entraram para a atividade. De começo, as coisas não foram fáceis, "pois não existia nenhuma informação que indicasse que outras espécies, além da traíra e da carpa comum, poderiam ser criadas na região. Até então a criação de peixes que existia pelas propriedades era extensiva, e "sem nenhum manejo ou cuidado por parte do produtor", explica o Nilo Rubem da Silva.

Como a atividade exigia muito mais do que conhecer apenas as espécies da região, os técnicos da Cooperativa e responsáveis pelo programa andaram viajando para outros estados a procura de conhecimentos e de espécies que melhor se adaptassem ao clima e ao tipo de água barrenta, como é comum nos açudes. Foi nestas idas e vindas que chegou ao Centro de Treinamento o peixe-rei, que de saída não se adaptou com o tipo de água e muito menos com o tipo de alimentação, além de se mostrar bastante sensível ao manejo. Outra experiência foi feita com a tilápia, trazida para a região por alguns produtores, mas que não se deu com o clima frio de certas épocas do ano. "A experiência com o peixe-rei e até mesmo com a tilápia foi um risco que tivemos de correr até conseguirmos encontrar espécies mais adequadas e que apresentassem rendimentos à nível de propriedade", observa o Nilo.

ADAPTAÇÃO DAS ESPÉCIES

Mas foi com a nilótica e a carpa-espelho, introduzidas algum tempo depois, que a Cotrijuí conseguiu atingir o estágio de desenvolvimento que hoje apresenta. Estas duas espécies vêm se adaptando muito bem e apresentando resultados positivos, tanto no que diz respeito à adaptação climática, crescimento, reprodução e qualidade da carne.

A nilótica veio de Minas Gerais e está no Centro de Treinamento há mais de três anos. "É uma espécie que já foi aprovada para a região", confirma o Nilo. A maioria dos associados que atuam na atividade possuem nilóticas em seus açudes já em fase de reprodução e crescimento. "Alguns associados até já fizeram a primeira pesca". Tanto é o sucesso da nilótica que a Cotrijuí quase não tem como vencer tantos pedidos de alevinos, não só para associados mas também para outras cidades do estado, como Santa Maria, Mata, Júlio de Castilhos, Palmeira das Missões, Passo Fundo, Bento Gonçalves e Santo Ângelo.

A carpa-espelho, trazida do Ceará, ainda se encontra em fase de observação, mas mesmo assim o Nilo tem certeza de que a espécie está mostrando ótimos sinais de adaptação para a região. Os primeiros alevinos, em número de 50, chegaram há dois anos atrás, "e na primeira reprodução conseguimos perto de 1.200 peixes, que hoje são nossas matrizes". Até o início do ano que vem, os alevinos produzidos por essas matrizes serão repassados aos associados.

Mesmo que a experiência com o peixe-rei não tenha dado certo, a Cotrijuí continuou na busca de espécies para a região. "O que não queríamos", diz o Nilo, "era desistir logo de saída. Se não fosse o trabalho e os resultados positivos conseguidos, hoje não estaríamos instalando uma Estação de Piscicultura no Centro de Treinamento".



SUPLEMENTO INFANTIL

ELABORADO NA ESCOLA DE 1º GRAU FRANCISCO DE ASSIS - FIDENE IJUI

AS CRIANÇAS E AS ELEIÇÕES

Mostrando que já estão preparados para discutir e resolver, em grupo os problemas da sociedade, os alunos da 7ª série da Escola Francisco de Assis, de Ijuí, opinaram sobre as eleições; um assunto importante neste mês de novembro.

As questões propostas são:

1 — Se você fosse eleito governador do Estado, quais seriam as três coisas mais importantes em seu governo?

2 — Na sua opinião, a abertura política no Brasil acontece em que circunstâncias?

Paulo Roberto: O problema salarial, a educação e as multinacionais. Na minha opinião procuraria solucionar o problema salarial, porque pessoas com capacidade estão, hoje, ganhando um salário mínimo que não dá nem pra se alimentar. Solucionado este problema, a educação seria também beneficiada. Por fim, expulsar do país as multinacionais, que estão levando as riquezas para fora.

Cezário: Existem várias prioridades para serem resolvidas, mas acho que o problema da terra é prioritário, a propriedade da terra deveria ser redistribuída de maneira que possamos produzir mais e oferecer melhores condições para o povo.

A educação é outro fator que devemos considerar prioritário, porque desta forma nós podemos desenvolver uma tecnologia nacional e independente, o que não está acontecendo atualmente.

A saúde é outro fator que devemos melhorar. Na maioria das ve-

zes isto é consequência da má alimentação do povo, porque as riquezas estão concentradas nas mãos de uma pequena minoria. As péssimas condições do povo fazem com que se agrave cada vez mais o problema da saúde.

Delmar: 1º — Aumentaria o salário para os trabalhadores. 2º — Tentaria nacionalizar as multinacionais. 3º — Daria mais apoio à educação, com mais verbas e melhorias nas escolas.

Terezinha: Em primeiro lugar, eu iria ver se conseguiria modificar a sociedade, a começar pela educação.

Em segundo lugar, eu iria dar mais verbas para as escolas e aumentar o salário dos professores.

Em terceiro lugar, eu iria aumentar o salário mínimo dos trabalhadores, porque os que têm família grande, não podem viver só com o salário mínimo.

Fernando: — Como existe falta de habitação, construiria novas casas para quem não tem condições. — Daria escolas gratuitas para as camadas mais pobres da sociedade. — Aumentaria o salário mínimo, porque com esse dinheiro dá para comprar só um pouco de comida e se a família for grande, alguns não comem nada.

Odir: 1º — Empregaria todos os que não têm empregos. 2º — Repartiria todas as terras entre aqueles que queiram nela trabalhar. 3º — Eliminaría todas as indústrias multinacionais que estão instaladas no

Brasil e que estão roubando o suor do trabalhador brasileiro. E faria desta sociedade capitalista uma sociedade justa e socialista.

Ainda criaria escolas em todos os lugares, para que o jovem e a criança possam estudar gratuitamente.

Mauro: — Procuraria resolver o problema do desemprego; — Melhoraria a educação — se o povo for alfabetizado poderá mudar um pouco. Mas o principal problema seria a dívida externa, que teria que acabar, porque para quem nós devemos, já nos exploram através das multinacionais. Com o que eles já levaram do Brasil já dava para pagar a dívida externa.

E agora a opinião dos alunos sobre a abertura política.

Marina: A abertura política aconteceu porque o povo perdeu a confiança no governo.

Paulo Roberto: Isto se deu porque cada vez mais o povo estava se distanciando do governo.

Denise: Com o descrédito e o gradativo distanciamento entre o poder e o povo, a oposição apresentou crescimento cada vez mais acentuado de tal modo que o governo viu-se obrigado a optar pela abertura política a fim de manter e fortalecer sua base.

Cezário: Há vários anos a credibilidade do governo vinha diminuindo, a pressão política da oposição crescia e o povo estava se revoltando contra a política social

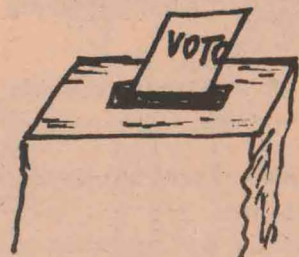
e econômica do governo, estes são alguns dos fatores que levaram ao governo a assinar a abertura, tentando desta forma aumentar seu crédito frente às camadas sociais da nação. A abertura não aconteceu porque o governo é bom, mas pela pressão da oposição. O governo não teve força para impedir que isto acontecesse.

Nara: A abertura política foi um meio usado para o povo acreditar mais no governo.

Janete: Quando o governo viu que o povo não acreditava mais nele aconteceu isso aí, né.

Terezinha: E o povo já não acreditava e nem confiava no governo, então aconteceu a abertura política.

Mauro: Quando o povo está muito longe e desacreditado do governo, aí o governo dá a abertura política.



JOGO SÓ PARA CRIANÇAS

É um jogo muito divertido. Ah! E as tarefas podem ser mudadas, basta escrevê-las em papezinhos no tamanho das casas e colar as que vão ser substituídos.

AS REGRAS

1 – Quatro ou cinco colegas ou amigos, são um bom número.

2 – Use um dado para avançar as "casas". Para entrar no jogo, primeiro a gente deve tirar 1 ou 6 no dado. Quando conseguir um desses números, jogue outra vez e ande tantas "casas" quantas o dado indicar.



TAREFAS

2 – Dizer o nome dos partidos políticos que concorrem para as eleições de 15 de novembro.

4 – Dizer o significado da palavra voto. Conferir no dicionário.

7 – Pedir um autógrafo para a pessoa mais idosa que mora na casa ou vizinhança.

9 – Desenhar o seu animal preferido.

11 – Procurar e trazer 20 tipos de folhas diferentes.

15 – Trazer uma mosca viva.

17 – Trazer uma minhoca.

19 – Cantar uma música.

21 – Fazer caretas e micagens durante meio minuto.

24 – Contar uma historinha ou piada, que tenha lido no Cotrisol.

26 – Dançar durante meio minuto, sem música.

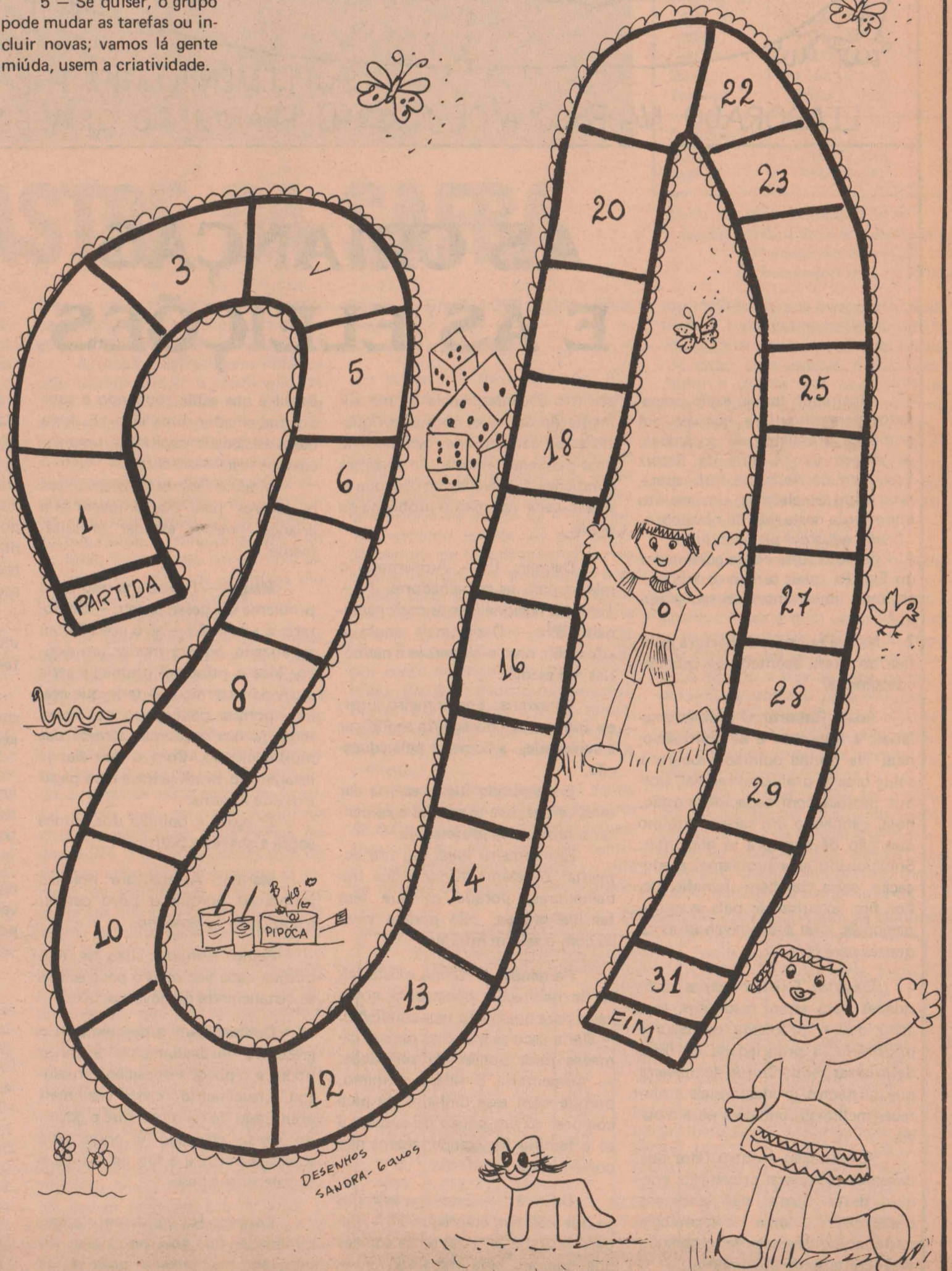
30 – Fazer um discurso político.

3 – Quem não cumprir as tarefas deve voltar duas "casas".

4 – Ganha quem chegar primeiro.

5 – Se quiser, o grupo pode mudar as tarefas ou incluir novas; vamos lá gente miúda, usem a criatividade.

6 – Chegada – O último a chegar vai preparar o suco e fazer um prato de pipocas para a turma. De preferência, pipoca com melado.



Onde o vento começa e acaba



As crianças ficam curiosas e perguntam: — Onde o vento começa e acaba? — Onde ele se esconde? — E a chuva, de onde vem?

A chuva vem das nuvens e o vento não acaba nem fica escondido. Como o vento é o ar em movimento, sempre anda nos rodeando, isto porque a Terra não pára, ela sempre gira. Às vezes ele é brisa, é o vento fraquinho, sem velocidade. É bom sentir a brisa re-

frescando o corpo da gente.

O vento também é violento a ponto de causar desastres nas casas, cidades e lavouras, mas por outro lado, faz trabalhos importantes para o homem. Por exemplo, é o vento que movimenta os moinhos e máquinas usadas em alguns serviços no campo. É o vento que movimenta os barcos à vela. Ele empurra nuvens, faz aparecer a chuva e as ondas do mar.



Vamos medir o vento

Se o vento sopra até 20 quilômetros por hora é chamado de "brisa" e chama-se "rajada" quando sopra de 60 à 90 km/hora. O vento, aqui no sul é chamado de minuano.

Mesmo sem dispor de instrumentos científicos especiais, nós podemos ter uma idéia da velocidade que o vento se desloca, observando, por exemplo:

— se a fumaça sobe verticalmente — o vento sopra a menos de 1 km por hora; — se

as folhas fazem ruídos — o vento está a uma velocidade aproximada de 1 a 12 km por hora; — se as árvores pequenas balançam é porque a velocidade aproximada do vento é de 20 à 30 km/h; e — se os galhos mais grossos das árvores balançam é porque a velocidade do vento é de 40 a 65 quilômetros por hora.

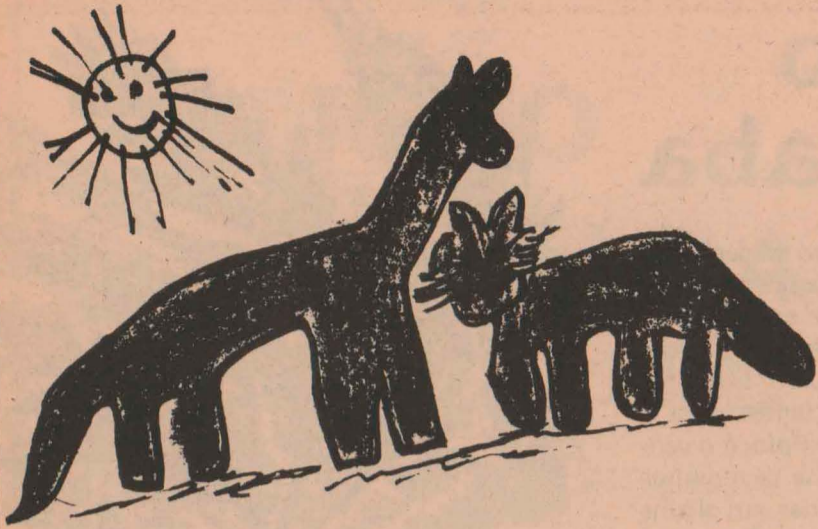
Então, vamos brincar de medir o vento? Podemos também verificar a direção do vento, construindo um catavento.

O VENTO

História de
Mary França
e Eliardo França

O vento soprou de leve.
Balançou as flores pra lá e pra cá
O vento soprou frio no rosto dos meninos.
O vento soprou forte.
Levou o chapéu do seu Juca.
Levantou a saia de dona Sônia.
Bateu portas e janelas com força.
O vento soprou . . . soprou . . .
Secou toda a roupa no varal.
Jogou no chão as folhas amarelas.
E o vento levou pro céu meu avião de papel





Bichos de estimação

Toda a criança gosta de ter um bicho de estimação, de vê-lo solto no gramado verdinho, ou no pátio das casas, de contar histórias de bichinhos. Foi o que fizeram os alunos da professora Noeli, do pré-primário, entre 5 e 6 anos de idade, da Escola Francisco de Assis, Ijuí.

Mostrando que gostam muito dos bichos, eles queriam falar todos ao mesmo tempo, para contar para a tia Irene, que os visitou, as histórias que aconteceram com animazinhos.

O cachorro Chispa — Chispa é o mesmo que "sair chispando". Ele é filho da cadela que mora noutra casa. Chispa é danado, só quebra as flores da vovó, sobe na mesa e no balanço. (Luciara Matte).

O cavalo Légua — Um dia eu fiquei olhando vacinarem os terneirinhos, montado no meu cavalo. Légua então resolveu entrar na garagem da fazenda do meu avô, em Alegrete. Eu pedi ao vovô para tirá-lo de lá, mas ele não quis sair. Ele queria descansar e dormir. (Artur Mendes).

Xereta — O meu cachorro Xereta, um dia, rasgou a calça da minha irmã maior e bagunçou o sapato da minha irmã-nenê. (Sandra Montardo.)

O sapo olha as maçãs — Meu bicho preferido é o sapo. Ele come bichinhos. Ele tá olhando essa árvore

de maçã que eu desenhei. Só que não tinha maçãs. (Biança Terra).

A borboleta — Um dia lá em casa, uma borboleta ficou beijando uma flor, um dia inteirinho. (Sandro Medeiros).

O coelho Xuxi — O coelho grita: — Oh! primavera boa! O sol estava muito feliz. (Márcia Ferraz).

Os gatinhos — Os gatinhos pularam de alegria porque encontraram comida. Um era o Lulu, o outro o Lele. Eles moraram numa toquinha escondida. (Fabiola Polita).

O leão queria comer maçãs — O leão estava caminhando nas gramas. Era brabo, mas não muito. Ele viu uma árvore e quis comer maçã e não comeu porque tinha poucas. (Gustavo Garim Vargas).

O tucano — O tucano estava na jaula e um dia escapou de lá e fugiu para perto da girafa que estava passeando. (Felipe B. Desuy).

O sapo de jaqueta — O sapo só ia ensinar mais uma tabuada e já ia prá festa no céu. (Sandra Montardo).

Penduraram o sol — O gato estava beijando o cavalo. Era na hora do

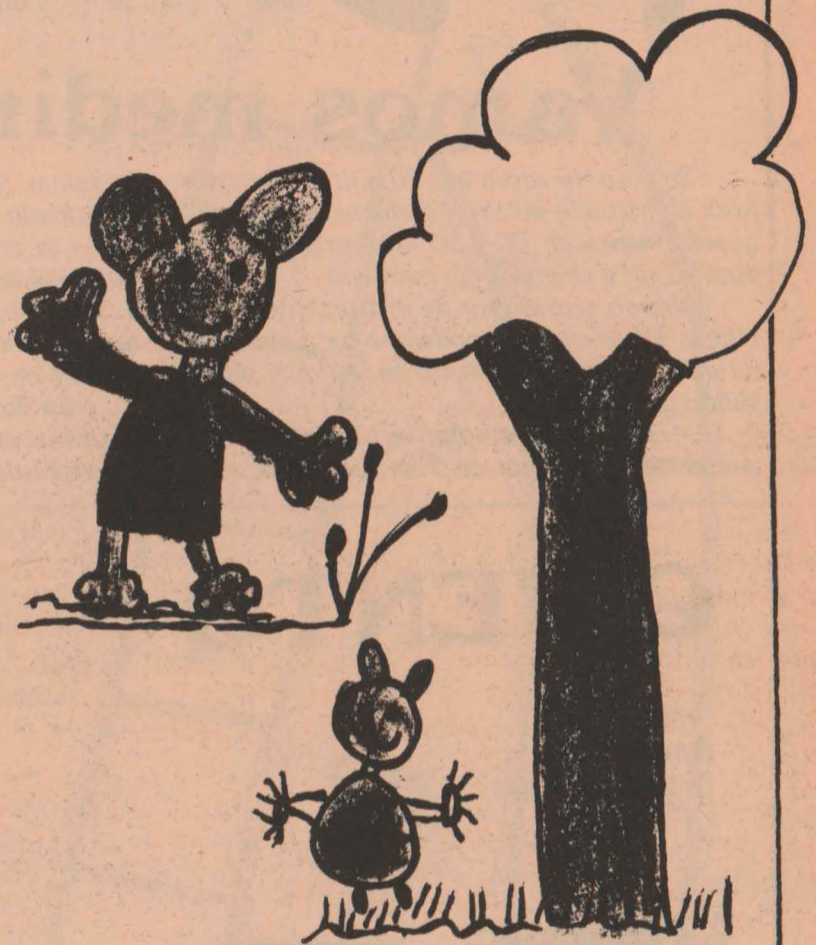
meio-dia. Aí o gato contou uma estória pro cavalo. A estória do lobo. O sol queria ouvir. Mas penduraram o sol lá em cima, mas ele rebentou e desceu um pouco. Depois da estória um homem invisível pendurou o sol lá no alto. (Aline Martel).

O hipopótamo é pesado — A girafa disse — Vamos passear hipopótamo? Ele não foi porque era muito pesado. Mas a girafa chamou os bichos para ajudar a carregá-lo. Então ele foi. (Lismara da Cruz).

Queridos amiguinhos leitores do Cotrisol. Gostaríamos de receber cartinhas de vocês, contando histórias que aconteceram como seus animaizinhos de estimação ou inventem casos engraçados, todos tendo como personagem principal algum bichinho, para serem publicados no Cotrisol.

Podem mandar desenhos sobre o assunto e até uma foto de vocês. Vamos aguardar.

Um abraço.



Cartas

Recebemos cartinhas dos leitores: Ivanete B. Gelvike, do Rincão Seco (Augusto Pestana) e de Douglas Antônio Moresco (Tenente Portela).

Agradecemos as contribuições e continuem nos escrevendo. O nosso endereço é: COTRIJORNAL — Rua das Chácaras, 1513 — Caixa Postal, nº 111 — CEP 98.700 — IJUÍ — RS.

TEATRO

Por um descuido nosso, esquecemos do 7º ato da Peça de Teatro — INDEPENDÊNCIA DO BRASIL, publicada no COTRIJORNAL anterior. Pedimos mil desculpas a vocês por esta falha e, aqui está o trecho final.

7º ATO

Gingalão — Gangalão, a nossa vida é pior que tá debaixo da terra, trabaitemo o dia inteiro e apanhemo mais ainda.

Gangalão — Gingalão, sabia que estão falando numa tal de Independência?

Gingalão — Que será isso?

Gangalão — Eu não sei muita coisa, mas acho que o Rei de Portugal não manda mais no Brasil.

Gingalão — Se for isso mesmo vai ser bom para os fazendeiros porque vão ganhar mais dinheiro.

Gangalão — Mas prá nós não muda nada, continuemo trabaiano e apanhando. A nossa independência nunca chegará. Só quando nós tivé embaixo da terra.

Gingalão — A independência devia chegá prá nós, porque nós é que produzimo toda a riqueza pros fazenderos e em troca só recebemo castigo.

Gangalão — Vamos agora Gangalão senão é laço pra cima de nós.

